# Bertolt Brecht

## Teatro Completo

## 8

O Sr. Puntila e seu criado Matti
A resistível ascensão de Arturo Ui

PAZ E TERRA

# TEATRO COMPLETO

**em 12 volumes**

BERTOLT BRECHT

# TEATRO COMPLETO

## em 12 volumes

PAZ E TERRA

*Coleção* TEATRO
vol.12
*Direção*: Fernando Peixoto

*Conselho Editorial*
Antonio Candido
Celso Furtado
Fernando Gasparian
Fernando Henrique Cardoso

---

BERTOLT BRECHT
TEATRO COMPLETO
em 12 volumes
VIII

O SR. PUNTILA E SEU CRIADO MATTI (1941)
Tradução de Millôr Fernandes

A RESISTÍVEL ASCENSÃO DE ARTURO UI (1941)
Tradução de Angelika E. Köhnke

*Copyright by* Suhrkamp Verlag.

Títulos dos originais em alemão:
Herr Puntila und sein Knecht Matti © 1950, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main; Der aufhaltsame Aufstieg des Arturo Ui © 1953, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.
*Coordenação Geral:* Christine Roehrig, Fernando Peixoto
*Preparação* Mário Quaiato
*Revisão* Carmen T. S. Costa
*Capa* Isabel Carballo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

Brecht, Bertolt, 1898-1956.
Teatro completo, em 12 volumes / Bertolt Brecht.
– Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992 – (Coleção teatro ; v. 9-16)

Tradução de: Bertolt Brecht: Gesammelte Werke in 20 Bäden.
Publicados v. 1-8

1. Teatro alemão I. Titulo. II Série.

92-1927 CDD-823.91

Índices para catálogo sistemático:
1. Século 20 : Teatro : Literatura alemã 823.91
2. Teatro : Século 20 : Literatura alemã 823.91

Direitos adquiridos pela
EDITORA PAZ E TERRA S.A.
Rua do Triunfo, 177
01212 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 223-6522
Rua São José, 90 - 11.° andar - cj. 1111
20010 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (021) 221-4066
que se reserva a propriedade desta tradução.

1992
Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

# Índice

O Sr. Puntila e seu criado Matti 11
A resistível ascensão de Arturo Ui 121

# O Sr. Puntila e seu criado Matti

Herr Puntila und sein Knecht Matti
Escrita em 1940

*Tradução:* Millôr Fernandes

## PERSONAGENS

Puntila, Latifundiário
Eva, sua Filha
Matti, seu Motorista
Garçom
Juiz
Attaché
Ema
Veterinário
Manda, Farmacêutica
Lisu, Ordenhadora
Gordo
Trabalhador
Trabalhador Ruivo
Trabalhador Miserável
Laina
Surkala
Fina
Advogado
Sandra, Telefonista
Padre
Mulher do Padre
Filha Mais Velha de Surkala

# PRÓLOGO

*Recitado pela Ordenhadora*

Respeitável público, nossa época é triste.
Sábio é quem se atormenta, tolo é quem vive em paz.
Mas como não adianta deixar de rir,
Escrevemos esta comédia para vos divertir.
As piadas que ouvireis nesta representação
Não foram pesadas em balanças de precisão.
Não somos usurários
Que buscam e rebuscam medidas exatas,
Damos é em sacos e toneladas como batatas.
Senhoras e senhores, apresentamos hoje
Um animal pré-histórico — o latifundiário.
Em linguagem mais simples: um proprietário agrário.
Conheceis bem o cidadão:
Um animal pau-d'água e comilão.
Onde ele se instala, é certo,
Instala-se um deserto.
Desta vez, porém, ele vem vindo,
No meio de matas magníficas,
Belos rios, lagos lindos.
Mas, no cenário, nada disso pintamos.
Prestai mais atenção no que falamos.
Vereis latas de leite tilintando nos bosques da Finlândia,
Aldeias avermelhadas por um verão sem noite,
Galos sempre acordados,
Rios que correm tépidos,
Fumaça azul subindo dos telhados.
Sentados aí,
Da primeira à última fila,
Isso tudo vereis, espero,
Na comédia do Sr. Puntila.

# I

## PUNTILA ENCONTRA UM HOMEM

*Parque Hotel de Tavasto, Puntila, o Juiz e o Garçom. O Juiz cambaleia na cadeira, completamente bêbado.*

PUNTILA — Garçom, há quanto tempo estamos aqui?

GARÇOM — Há dois dias, Sr. Puntila.

PUNTILA *ao Juiz, em tom de censura* — Só dois dias, ouviu? E você já se dá por vencido e finge que está cansado. E eu que pretendia falar um pouco a meu respeito, dizer como me sinto só, discutir um pouco de política! Pois sim! Ao menor empurrão, vocês caem todos como peras podres! É, o espírito está vivo, mas a carne é fraca! Onde é que anda aquele médico que ainda ontem desafiava todo mundo pra beber com ele? O chefe da estação viu quando arrastaram ele daqui, o pobre-diabo. Mas o chefe também, coitado, depois de uma resistência heróica, entregou os pontos às sete da manhã. Naquela hora o farmacêutico ainda estava de pé. Mas agora, por onde andará? E essas são — imaginem! — as maiores autoridades da comarca! *Para o Juiz que dorme* — Bonito exemplo para o povo de Tavasto, um juiz que não agüenta um copo bebido numa parada de caminho! Já pensou nisso, Frederico? Um homem culto, ilustre como você, que toda a cidade olha com admiração, que deveria ser um modelo para todos, um modelo de responsabilidade e sobretudo de resistência... Mas por que você não reage? Senta aqui firme, vamos, e conversa um pouco comigo, lamentável criatura. *Ao Garçom* — Que dia é hoje?

GARÇOM — Sábado, Sr. Puntila.

PUNTILA — Como sábado? Devia ser sexta!

GARÇOM — Desculpe, mas é sábado.

PUNTILA — Ah, está me contradizendo? Bonito garçom! Já vi tudo: teu objetivo é espantar os fregueses para que não voltem mais — daí essa insolência! Olha aqui, me traz outra aguardente e limpa bem o ouvido pra não confundir tudo de novo: eu disse aguardente e sexta-feira, compreendeu?

GARÇOM — Entendi, Sr. Puntila. *Sai correndo.*

PUNTILA *ao Juiz* — Acorda, ô, veadão! Não se deixe assim sozinho! Capitular dessa maneira diante de duas garrafas de bebida! Se embriagou com o cheiro! Se escondeu no fundo do barco enquanto eu remava neste mar de álcool, neste oceano — velhaco! — e mal se arrisca a botar o nariz de fora. Que vergonha! Olha só: agora eu vou me aventurar no líquido elemento. *Sobe à mesa e "caminha sobre as águas".* E caminho, caminho na aguardente... e afundo, por acaso afundo? *Descobre Matti, o chofer, que está parado na entrada, já há algum tempo.* Quem é você?

MATTI — Seu chofer, Sr. Puntila.

PUNTILA *desconfiado* — Você é o quê? Repete!

MATTI — O seu chofer, Sr. Puntila.

PUNTILA — Assim, sem mais nem menos? Isso qualquer um pode dizer. Eu não te conheço.

MATTI — Talvez porque o senhor não olhou bem para a minha cara. Estou com o senhor só há um mês e meio.

PUNTILA — E agora, de onde é que você veio?

MATTI — Aí de fora. Há dois dias que estou esperando no carro.

PUNTILA — Que carro?

MATTI — O seu carro: o Studebaker.

PUNTILA — Engraçado! Você pode provar?

Matti — Não. Só vim avisar que não tenho a intenção de esperar nem um minuto mais. Agüentei até agora. Mas não se pode tratar um homem assim.

Puntila — Que coisa quer dizer um homem? Agora mesmo disse que era um chofer. Você tem de admitir que eu te peguei numa contradição.

Matti — O senhor já vai ver se eu sou homem ou não. Ninguém vai me tratar como a um cachorro, Sr. Puntila! E não pretendo ficar ali fora a vida inteira até que o senhor se digne sair.

Puntila — Você já disse antes que não ia agüentar. Está se repetindo. Pode ir.

Matti — Já vou. É só me pagar os 175 marcos que me deve. A carteira eu vou apanhar lá em Puntila.

Puntila — Eu conheço essa voz. *Gira em volta de Matti, examinando-o como a um animal estranho.* É uma voz de homem! Senta e bebe um copo de aguardente aqui comigo! Nós dois precisamos nos conhecer.

Garçom *entrando com um tabuleiro cheio de copos* — Aqui está a aguardente, Sr. Puntila, e hoje é sexta-feira.

Puntila — Agora sim! *Indicando Matti* — Um amigo meu.

Garçom — Amigo? É o seu chofer!

Puntila — Ah, é chofer? Eu sempre digo que é viajando que se conhecem as pessoas mais interessantes. *Põe dois copos nas mãos dele.*

Matti — Não sei se vou beber esse negócio, Sr. Puntila. Ainda não percebi bem quais são suas intenções.

Puntila — Eu já vi tudo. Você é um homem desconfiado. Aliás, é razoável. A gente nunca deve sentar numa mesa com estranhos. Imagina: é só você fechar um olho e te levam tudo, da cabeça aos pés. Eu sou o grande proprietário Puntila de Lammi, um homem honrado — tenho noventa vacas. Comigo você pode beber tranqüilo, irmão.

Matti — Eu sou Matti Altonen: muito prazer em conhecê-lo. *Em dois tempos bebe os dois copos.*

Puntila — O prazer é todo meu. Viu que bom coração eu tenho? Uma vez apanhei um caramujo no meio da rua e tornei a colocá-lo no jardim para evitar que o esmagassem. Lembrando bem, fui até mais exagerado. Coloquei-o no alto de um bambu para ele ficar bem seguro. Você também tem bom coração, se vê logo. Olha, o que eu não suporto são esses tipos que escrevem "eu" com e maiúsculo. Essa gente merece chicote. Conheço uns proprietários que pesam cada prato de comida que dão aos empregados. Se dependesse de mim, o meu pessoal comia carne assada o ano inteiro. Eles também são seres humanos e gostam de comer bem, como... eu. Estão no direito deles, você não acha?

Matti — Acho.

Puntila — Oh, Matti, é verdade mesmo que eu deixei você esperando lá fora tanto tempo? Isso não se faz; você não sabe como essas coisas me deprimem. Olha, se eu fizer isso outra vez, você pega a chave inglesa e me arrebenta a cabeça. Matti, você é meu amigo?

Matti — Não.

Puntila — Muito obrigado. Eu sabia. Matti, olhe bem pra mim: que é que você vê?

Matti — Um pedaço de imbecil gordo e embriagado.

Puntila — Vê como as aparências enganam? Não sou nada disso, Matti: eu sou um homem doente.

Matti — Muito doente.

Puntila — Me agrada que você perceba. Nem todo mundo é capaz de perceber. Ao me ver assim, ninguém diria. *Trágico* — Eu tenho uns ataques, sabe?

Matti — É mesmo, Sr. Puntila?

Puntila — Acha que estou brincando? Tenho ataques, sim! Acordo e percebo, de repente, que estou sóbrio! Fresco como um pé de alface. Que é que você acha: é grave?

Matti — São muito comuns esses ataques de frescura?

Puntila — Uma vez por mês. O resto do tempo sou perfeitamente normal, como agora. Isto é, me sinto completamente senhor de todas as minhas faculdades, com absoluto domínio de mim mesmo. E, de repente, me vem o ataque. O primeiro sintoma é uma estranha perturbação na vista. Pego dois garfos — *pega um só* — e só vejo um.

Matti — Fica vesgo?

Puntila — Não, vejo só a metade do mundo; mas o pior é que, durante esses ataques de lucidez total e desvairada, eu desço ao nível de um animal, não conheço mais nenhum freio. E quando fico nesse estado, meu irmão, ninguém pode me acusar de nada do que eu faço, pois me torno completamente responsável pelos meus atos. Não quando se tem um coração no peito dizendo sempre que estamos doentes. *Perturbado* — Sabe, irmão, o que significa ser responsável pelos próprios atos? Um indivíduo responsável é capaz de tudo. Por exemplo, é capaz de esquecer o bem dos próprios filhos, não tem mais amigos, fica mesmo disposto a caminhar sobre o próprio cadáver. Isso acontece exatamente porque, como dizem os advogados, é responsável pelas próprias ações.

Matti — E não faz nada contra esses ataques?

Puntila — Faço o que posso, irmão! O que é humanamente possível fazer! *Bebe.* Esse é o meu único remédio. Eu engulo sem piscar, e não em doses infantis, pode acreditar. Se eu posso falar algo a meu respeito, é que eu enfrento esses ataques absurdos de lucidez como um homem. Mas, que adianta? Voltam da mesma maneira! Veja, por exemplo, como fui abjeto com você, que é, evidentemente, uma maravilha de homem. Taí, pega esse belo pedaço de carne! Eu gostaria de saber que acaso admirável fez com que eu te encontrasse. Como é que você veio parar no meu serviço?

Matti — Perdi o emprego que tinha antes. Mas não foi por culpa minha.

Puntila — Como foi?

Matti — Eu via fantasmas!

Puntila — Verdadeiros?

Matti *dando de ombros* — Foi na fazenda de um certo Dr. Peppman. Ninguém jamais tinha ouvido falar que havia fantasmas lá. Antes da minha chegada, fantasma era coisa que não existia na fazenda. Mas se o senhor me perguntar a razão, eu posso lhe dizer que os fantasmas foram conseqüência da péssima comida. Pois todo mundo sabe que, quando a massa de farinha vira um bolo no estômago, a gente começa a ter pesadelos e a atrair os íncubos. E eu, então, que sou tão sensível a uma boa cozinha, sofro demais com uma cozinha ruim. Pensei em ir embora logo, mas não tinha pra onde, e estava com o moral muito baixo; então comecei a freqüentar a cozinha e a fazer uns comentários meio enviesados. Não se passou muito tempo e as ajudantes da cozinheira começaram a ver cabeças de meninos fincadas na cerca do quintal, e se mandaram. Logo depois, era uma bola cinzenta que rolava da estrebaria; quando a gente pegava, tinha olhos e boca, como um homem. Quando eu contei isso à governanta, ela teve uma coisa! E a arrumadeira também foi embora quando eu disse a ela que às onze da noite, perto do banheiro, eu tinha visto um homem andando com a cabeça embaixo do braço e até parou e me pediu fogo pro cachimbo. Foi aí que o Dr. Peppman começou a ficar irritado, dizendo que a culpa era minha, que eu é que fazia todo o pessoal ir embora, que na fazenda dele não tinha nenhum fantasma. Ah, não tinha? Estava redondamente enganado, foi o que lhe respondi. Durante duas noites seguidas, enquanto a mulher do Dr. Peppman estava na maternidade esperando criança, eu tinha visto, com meus próprios olhos, um espectro branco saindo da janela da governanta e entrando de mansinho no quarto dele! Aí, de medo, o Dr. Peppman perdeu a respiração. Me despediu ali mesmo. Porém, na hora de ir embora, eu disse o que queria: se ele pretendia que os espíritos o deixassem em paz, devia tomar mais cuidado com a cozinha, porque os espíritos detestam fedor de carne estragada.

Puntila — Compreendo. Você deixou o emprego porque eles eram miseráveis com tua comida. Isso de você querer comer bem, em absoluto não te diminui a meus olhos, desde que você guie bem o meu trator, não seja indisciplinado e saiba dar a Puntila o que é de Puntila. Assim tudo irá bem entre nós. Qualquer um pode conviver com Puntila. *Canta* —
Você brigar comigo é um aperitivo,
Pra ir pra cama com aquele objetivo.
Com que prazer Puntila iria para a floresta derrubar bétulas, limpar os campos e guiar trator! Mas me deixam, por acaso? Me botaram um colarinho duro que eu não posso nem virar o queixo! Não fica bem o papai tratar da terra, não fica bem o papai bolinar as moças, não fica bem o papai tomar café com os empregados! Mas agora acabou esse "não fica bem". Viajo para Kurguela, dou minha filha como noiva ao *Attaché*, e aí posso me sentar em mangas de camisa com quem quiser, sem dar satisfação a ninguém. Me deito com Madame Klinckmann e pronto. E a vocês, aumento imediatamente a diária, pois o mundo é grande e eu tenho terras e matas que chegam para vocês e chegam também para Puntila.

Matti *ri forte e prolongadamente e depois se levanta* — Muito bem, muito bem. Agora calma e vamos acordar o Juiz. Mas, cuidado, pelo amor de Deus; se ele se assustar, nos dá pelo menos cem anos de cadeia.

Puntila — Quero estar certo de que não existe nenhum abismo entre nós dois. Diga, Matti: "Não existe esse abismo".

Matti — Se o senhor mandar, Sr. Puntila, não existe esse abismo.

Puntila — Agora me aconselha um pouco, irmão; precisamos falar de dinheiro.

Matti — É claro!

Puntila — Mas é tão vulgar falar de dinheiro.

Matti — Então não falamos de dinheiro.

Puntila — Engano seu, devemos falar. Por que, pergunto eu, não podemos ser vulgares? Somos ou não somos homens livres?

Matti — Não somos.

Puntila — Pois então! Como homens livres, podemos fazer o que bem entendemos. Portanto, vamos falar de dinheiro. Tenho que arranjar um dote pra minha filha única, por isso é que saí por aí. Nesse momento é preciso ser frio, calculista e bêbado como um corno. Vejo duas possibilidades: ou vender um bosque ou vender-me a mim mesmo. O que é que você me aconselha?

Matti — Eu não me venderia, se tivesse um bosque.

Puntila — Que está dizendo? Você me decepciona profundamente, irmão. Sabe lá o que é um bosque? Um bosque para você significa apenas cinqüenta mil alqueires de madeira ou é também uma verde delícia para os olhos? E você quer vender uma verde delícia para os olhos? Te envergonha!

Matti — Então vendemos a outra coisa?

Puntila — *Tu quoque, Brutus*? Quer que eu me venda?

Matti — Para começo de conversa, quem é que ia comprar?

Puntila — Madame Klinckmann.

Matti — Quem? A tia do *Attaché*?

PUNTILA — Ela tem um fraco por mim.

MATTI — E pretende vender o seu corpo àquela dona? É espantoso, Sr. Puntila!

PUNTILA — Por que, espantoso? Mas então a liberdade, irmão? Eu me sacrifico. Que coisa sou eu?

MATTI — Boa pergunta. Que coisa é o senhor?
*O Juiz desperta e, com o mão, procura sobre a mesa uma campainha imaginária.*

JUIZ — Silêncio na sala!

PUNTILA — Dorme e por isso pensa que está no tribunal. Irmão, acho que agora você colocou o dilema. Que vale mais: um bosque como o meu ou um homem como eu? Você é magnífico! Tá, toma a minha carteira, paga a conta e guarda depois, senão eu perco. *Apontando o Juiz* — Tira ele daí, leva pra fora! Eu perco tudo, seria melhor não possuir nada. Não se esqueça nunca: dinheiro fede. *Matti carrega o Juiz nas costas.* Este é o meu sonho: não possuir nada. Assim podíamos andar pela nossa bela Finlândia a pé, ou usando um automovinho de dois lugares. Ninguém ia nos negar uma gota de gasolina; e, quando estivéssemos cansados, entrávamos numa pousada como esta e metíamos um copinho, depois que talvez nos tivessem obrigado a rachar alguma lenha... um trabalho que você era capaz de fazer com a mão esquerda.

COZINHEIRA *entra no proscênio com um balde e um vassourão, e canta* —

Durante quase três dias
Puntila se embriagou,
E quando enfim foi embora
O garçom nem cumprimentou.
— "Ó, vagabundo e ladrão,
Não lhe deram educação?"
— "Já viu pessoa educada,
Depois de andar três dias
Com uma unha encravada?"

## 2

EVA

*Pátio da propriedade em Kurguela. Eva espera o pai e, enquanto isso, come chocolate.* O Attaché *Eino Silakka, de robe de chambre, aparece no alto da escada.*

EVA — Madame Klinckmann deve estar muito aborrecida.

ATTACHÉ — Ah, titia não fica aborrecida muito tempo. Telefonei outra vez, tentando localizá-los. Na praça da Igreja passou um carro com dois homens cacarejando.

EVA — São eles. O que tem de bom é que meu pai eu reconheço no vôo. Quando se fala dele, eu sei logo que é dele que se fala. Quando alguém corre com um chicote atrás de um empregado, ou dá um automóvel de presente a uma viúva, eu sei logo: é meu pai.

ATTACHÉ — Tenho horror de escândalo. Enfim, aqui, pelo menos, não estamos na fazenda. Não tenho a menor inclinação por números, nem vontade alguma de saber quantos litros de leite foram distribuídos na cidade. Aliás, leite eu nem bebo. Mas para escândalo eu tenho uma sensibilidade única. Assim que o *Attaché* da Embaixada de Londres, depois de engolir oito conhaques um atrás do outro, gritou para o outro lado da sala que a duquesa de Catrumple era uma prostituta, eu o preveni imediatamente de que ia haver um escândalo. E dito e feito. Acho que são eles. *Sai rapidamente.*
*Entram Puntila, o Juiz e Matti.*

PUNTILA — Chegamos, filha. Nada de cerimônias. Eva, não vá acordar ninguém; bebemos ainda uma garrafinha, aqui entre nós, e depois vamos dormir. Me diz: você se divertiu?

EVA — Esperávamos vocês já há três dias.

PUNTILA — Fomos parados no caminho, mas trouxemos tudo. Matti, pega a minha mala. Espero que você tenha cuidado bem dela, que nada tenha quebrado. Senão vamos morrer de sede aqui. Como vê, viemos a toda pressa porque eu sabia que você estava nos esperando.

Juiz — Posso cumprimentá-la, Eva?

Eva — Papai, você é um desastre. Eu morro de tédio aqui. Há uma semana que estou nesta casa sozinha, com o *Attaché*, a tia dele e um romance sem capa.

Puntila — Nós nos apressamos, eu fiquei insistindo o tempo todo que não podíamos dar uma mancada. Eu ainda tenho que acertar algumas coisas com o *Attaché* sobre o noivado, e fiquei tranqüilo sabendo que o *Attaché* estava contigo. Pelo menos havia alguém te fazendo companhia durante a minha ausência. Cuidado com a mala, Matti, não vá acontecer um acidente. *Com infinita precaução, pousa a mala e abre.*

Juiz — Puntila, me parece que Eva não demonstra o menor interesse pela situação. Com o *Attaché,* diz que não consegue nem brigar! Isso me recorda um processo de divórcio, em que a mulher se queixava do marido não lhe ter dado umas boas bofetadas quando ela atirou um abajur na cabeça dele! Tinha ficado profundamente humilhada com a indiferença, dizia ela.

Puntila — Está aí; mais uma vez tudo saiu bem. Quando Puntila se mete numa coisa, a coisa sempre sai bem. O quê? Você não está contente? Deixa ele comigo, aquele ali. Sabe o que te digo? Manda esse *Attaché* andar. Isso nem homem é.

*Matti dá risadinhas cheias de maligna satisfação.*

Eva — Eu disse apenas que ninguém pode se divertir sozinha com o *Attaché*.

Puntila — Mas é o que eu digo também! Pega o Matti, aí: com ele, todas se divertem.

Eva — Ah, papai, você é impossível! *Para Matti* — Apanha essa mala e leva para cima.

Puntila — Calma! Calma, por favor! Primeiro deixa eu tirar uma ou duas garrafas. Ainda quero beber um gole enquanto discuto com você se esse *Attaché* embrulha ou não embrulha o estômago. Você, pelo menos, acertou o noivado com ele?

Eva — Não. Nem falamos nisso. *A Matti* — Não abra essa mala!

Puntila — Como? Não combinou o noivado? Em três dias? Mas que foi que você fez? Eu te disse que esse tipo não me agrada. Eu, pra noivar, preciso só três minutos. Olha, vai lá em cima e chama ele; eu vou buscar uma das moças da cozinha, para ele ver como se faz um noivado relâmpago. E tira fora uma garrafa de Borgonha. Não, é melhor um licor!

Eva — Não, acabou: você não bebe mais, papai. *A Matti* — Leva a mala pro meu quarto lá em cima, o segundo à direita.

Puntila *alarmado enquanto Matti levanta a mala* — Ah, Eva, isso não é coisa que se faça. Não é delicado. Você não pode deixar seu pai morrer de sede! Eu te prometo que vou esvaziar só uma garrafa, com tranqüilidade e sabedoria; convido apenas a Arrumadeira ou a Cozinheira. E Frederico, naturalmente, o pobrezinho também está morrendo de sede! Seja humana, filhinha!

Eva — Estou em pé, até agora, exatamente para impedir que você acorde os empregados.

Puntila — Eu estou convencido de que Madame Klinckmann... Por falar nisso, onde está ela? Ficará um pouco aqui comigo, com muito prazer. Frederico está cansado, pode ir se deitar. Eu vou trocar umas palavrinhas com Madame Klinckmann, o que, aliás, era minha intenção desde que cheguei. Ah, sempre tivemos um fraco um pelo outro.

Eva — Eu o aconselho a esperar um pouco mais. Madame Klinckmann já está bem furiosa de ter esperado três dias: acho que amanhã de manhã você não vai conseguir nem a honra de vê-la.

PUNTILA — Vou lá bater no quarto dela e resolvo tudo. Sei como é que se trata uma mulher; essas coisas, Eva, é natural, você não pode saber.

EVA — Sei, pelo menos, que nenhuma mulher vai querer ficar com você nesse estado. *A Matti* — Já não lhe disse para levar a mala? Ainda acha pouco, três dias de atraso?

PUNTILA — Eva, seja razoável. Se não quer mesmo que eu suba pro quarto de Madame Klinckmann, então me chame aquela gordinha engraçadinha, aquela pequenininha, eu acho que é a governanta, não é não? Eu discuto a coisa com ela e dá no mesmo.

EVA — Papai, não exagera, ou eu mesma subo com a mala, e quando chegar lá em cima, deixo ela rolar pela escada sem querer.

PUNTILA *aterrorizado, ele pára; Matti leva a mala; Eva o segue lentamente. Com voz de rei Lear* — Vejam como uma filha trata o próprio pai! *Torna a subir no automóvel.* Frederico, todos a bordo, vamos!

JUIZ — Que é que você quer?

PUNTILA — Quero ir-me embora daqui, isto não me agrada. Vê, sofro um acidente no terror da noite, assim mesmo faço tudo pra chegar na hora, e olha como me tratam. Ah, Frederico, isso me faz lembrar o filho pródigo: já imaginou o que seria da história se, quando ele voltasse, em vez de um vitelo gordo e fumegante, a família lhe tivesse dado uma esculhambação? Vou-me embora.

JUIZ — Pra onde?

PUNTILA — Quanta pergunta! Que curiosidade! Você não viu que minha própria filha me proíbe um cálice de álcool? Não compreende que agora eu tenho de me embrenhar na noite, em busca de alguém que me faça a caridade de uma ou duas garrafas?

JUIZ — Raciocine um pouco, Puntila. Onde é que você vai encontrar bebida alcoólica às duas e meia da manhã? A venda de álcool sem receita médica é proibida.

PUNTILA — Ah, você também me abandona? E ainda duvida do meu prestígio: não vou conseguir bebida sem receita médica! Pois eu vou te ensinar como se consegue uma bebida legal a qualquer hora do dia ou da noite.

EVA *aparecendo no alto da escada* — Papai, desce daí desse automóvel, imediatamente.

PUNTILA — Fica boazinha, Eva, e honra teu pai e tua mãe, se quer viver muito tempo nesta terra. Que droga de casa! Têm o costume de deixar as tripas dos convidados secando na corda. E eu vou ficar sem mulher? Você vai ver se fico ou não fico! Pode ir dizer a essa Klinckmann que desisto da companhia dela! Pra mim ela é como a virgem louca: não tem óleo na lâmpada! E agora, pé na tábua: o chão vai tremer de pavor! Todas as curvas do caminho vão ficar retas de medo! *Sai violentamente em marcha a ré.*

EVA *descendo a escada, a Matti* — Faz ele parar! Faz ele parar, eu disse!

MATTI *aparecendo atrás dela* — Agora é tarde. Corre como um louco!

JUIZ — Bem, acho que não vou esperar. Já não sou tão jovem quanto fui um dia. Fica em paz, Eva, não vai acontecer nada: teu pai tem uma sorte sem-vergonha. Por favor, onde é o meu quarto? *Sobe.*

EVA — O terceiro à direita, em cima. *A Matti* — Nós dois temos que ficar aqui montando guarda, para evitar que ele beba com as empregadas ou caia noutras intimidades.

MATTI *que procura uma posição cômoda* — Ah, sim, intimidade demais é sempre um perigo. Uma vez eu trabalhava numa fábrica de papel e o porteiro pediu demissão, porque o diretor lhe perguntou como o filho ia passando.

Eva — Muita gente se aproveita dessas fraquezas de meu pai. Ele é bom demais.

Matti — É verdade, os momentos em que se embriaga são a felicidade para quem trabalha com ele. Vira um homem formidável, só vê no mundo camundongos brancos e fica com vontade de fazer carinho neles, de tão bom que fica. Ah, é tão bom!

Eva — Não me agrada nada ouvir você falar assim de seu patrão. Espero que não tome ao pé da letra tudo o que ele diz. Sobretudo com respeito ao *Attaché*. Não quero que ande por aí repetindo as coisas que ele disse aqui de brincadeira.

Matti — O quê? Que o *Attaché* não é homem? Quanto a isso, que coisa vem a ser um homem? As opiniões divergem. Eu, por exemplo, uma vez trabalhava numa fábrica de cerveja. A dona da fábrica tinha uma filha... Uma filha, sabe como é, que sempre me chamava para levar o roupão dela no banheiro, porque essa filha era uma moça muito pudica. "Me traz o meu roupão, Matti", gritava ela, e eu lá ia com o roupão, e encontrava ela completamente nua. "Sabe, Matti, algum homem podia me ver tomando banho."

Eva — Não entendo o que quer dizer com isso.

Matti — Não quero dizer nada, falo só pra matar o tempo, pra empurrar a conversa pra frente. Quando falo com os patrões, nunca eu quero dizer nada, não tenho nenhuma opinião: não se pode admitir uma coisa dessas nos empregados.

Eva *depois de uma pausa* — Gostaria que você soubesse que o *Attaché* é muito bem-visto nos altos escalões do Ministério do Exterior e tem uma bela carreira diante de si. É uma das cabeças mais brilhantes da nova geração.

Matti — Compreendo.

Eva — O que eu quis dizer, quando disse o que disse a meu pai, na sua frente, é que não tinha me divertido tanto quanto meu pai pensava. Além disso, o fato de um homem ser ou não divertido, não tem a menor importância.

Matti — Conheci um sujeito que ficou milionário vendendo margarina e artigos parecidos. E não era um sujeito divertido.

Eva — Não sei por que estou lhe dando trela, falando do *Attaché*. Nós nos conhecemos desde crianças. Acho que eu sou uma pessoa com energia demais, sabe, por isso me aborreço com tanta facilidade.

Matti — E então começam as dúvidas.

Eva — Eu não falei em dúvidas. Não sei por que não me entende. Acho que deve estar cansado. Por que não vai dormir?

Matti — Porque estou lhe fazendo companhia.

Eva — Não é preciso. O que eu tinha a lhe dizer, já disse: que o *Attaché* é um homem inteligente e bem-educado, que não deve ser julgado pela aparência, nem pelo que diz nem pelo que faz. É cheio de atenções, lê nos meus olhos todos os meus desejos. É incapaz da mais leve grosseria, de abusar da minha confiança ou de fazer qualquer exibição de virilidade. Eu gosto muito dele. Mas... você está com sono?

Matti — Fala, fala, pode continuar falando, senhorita. Se eu fecho os olhos é pra me concentrar melhor.

*Cortina.*

Cozinheira *entra com um pano de limpeza e uma pazinha, e canta* —

A filha do patrão leu um livro imoral
E agora diz que é intelectual.
Encontrando um empregado,
Olhou-o bem no rosto
E perguntou com enfado:
"É verdade que, apesar de chofer,
Você também é homem quando quer?".

# 3

## AS NOIVAS MATINAIS DO SR. PUNTILA

*Alvorecer na vila. Casinhas de madeira. Numa está escrito: Correio. Noutra, Veterinário. Noutra, Sementes e Ervas. No meio da praça, um poste telegráfico. Puntila bate com o Studebaker no poste e põe-se a xingá-lo violentamente.*

PUNTILA — Via livre! Esta não é a auto-estrada de Tavasto?! Sai da frente, porcaria de poste! Que ousadia, interromper dessa maneira o caminho de Puntila! Quem é você? Você tem um bosque? Tem noventa vacas? E então, como se permite?... Para trás! Se der mais um passo, vai se arrepender amargamente: chamo a polícia e mando te prender como subversivo. *Desce do carro.* Ah, insiste em não sair, hein? *Vai até uma das casas e bate à janela. Ema, a contrabandista, espreita medrosamente.* Bom-dia, linda senhora, passou bem a noite? Preciso que me faça um pequeno favor. Eu sou o grande proprietário Puntila de Lammi, e me encontro numa situação verdadeiramente dolorosa: minhas vacas estão com escarlatina. Por isso tenho necessidade absoluta de comprar álcool legítimo. Poderia a bela jovem me dizer onde mora o Veterinário? Derrubo a pontapés a merda desse barracão, se não me disser logo onde ele mora, tá ouvindo?

EMA — Meu Deus! O senhor está muito exaltado! A casa do Veterinário é aquela ali. Mas, se não o entendi mal, o senhor está precisando de álcool. E álcool eu tenho: álcool do bom, álcool forte. Eu mesma faço.

PUNTILA — Sai da minha frente, perdida! Você tem a audácia de me oferecer seu álcool ilegal? Não sabe que eu só bebo álcool permitido pela lei? Que o outro nem me passa pela garganta? Antes a morte, do que desrespeitar as leis de meu país. Sou um escravo da lei. Quando preciso mandar espancar alguém, ou faço de acordo com o código penal ou não faço.

EMA — Meu caro senhor, quer saber de uma coisa? Vá para o diabo que o carregue, com suas leis! *Desaparece.*

*Puntila corre à casa do Veterinário e toca. O Veterinário surge.*

PUNTILA — Veterinário, Veterinário, afinal te peguei! Eu sou o grande proprietário Puntila de Lammi, tenho noventa vacas e todas as noventa estão com febre aftosa. Tenho, pois, necessidade urgente de álcool autorizado.

VETERINÁRIO — Penso que o amigo errou de endereço. Acho melhor voltar pro lugar de onde veio, com a graça de Deus.

PUNTILA — Veterinário, você me decepciona. Acho até que não é veterinário de verdade. Senão, saberia o que todos dão a Puntila quando as vacas de Puntila estão com febre aftosa. Não estou mentindo. Se eu dissesse que elas estavam com câncer, estaria mentindo, mas quando digo que estão com febre aftosa, não é mentira: é uma senha secreta entre homens de bem.

VETERINÁRIO — E se eu não entender a senha?

PUNTILA — Bem, se não entender, eu me sentirei na obrigação de avisar que Puntila é o mais terrível samurai de toda esta região. Já tem três veterinários na consciência. Sobre ele existe até uma canção popular. Isso o ajuda a compreender minhas dificuldades?

VETERINÁRIO *rindo* — Ajuda, ajuda. Se o senhor é realmente um homem tão terrível, é justo que eu lhe dê uma receita. Quero apenas ter certeza de que é febre aftosa.

PUNTILA — Olha, Veterinário, as minhas vacas estão com manchas vermelhas deste tamanho. Em duas delas, as manchas já estão até ficando pretas; não é a doença em sua forma mais violenta? E depois, a dor de cabeça que sofrem as pobrezinhas. Ficam a noite inteira berrando e gemendo, se virando na cama, incapazes de pensar em outra coisa que não nos próprios pecados.

VETERINÁRIO — Neste caso é meu dever fornecer-lhe o alívio imediatamente. *Escreve a receita.*

PUNTILA — A conta, manda pra Puntila, já sabe. *Corre à farmácia e toca* *a campainha violentamente. Enquanto espera, Ema, a contrabandista, sai do barracão.*

Ema *enquanto lava uma garrafa, canta* —

Era no tempo de amora
O carro veio de fora
E entrou nesta cidade
Com um homem de verdade.

*Torna a sair. Na janela aparece Manda, a empregada da farmácia.*

Manda — Hei, que é que você quer? Arrancar a campainha?

Puntila — É melhor ficar sem campainha, do que sem companhia como eu. Pissi pissi pissi pissu sarará sururu. Preciso de álcool para noventa vacas, amor de minha vida. Depressa, meu tesouro!

Manda — Você precisa é que eu chame um guarda, isso sim.

Puntila — Ô, bonequinha. Um guarda prum homem como Puntila de Lammi? Que adianta um guarda? Pra mim, precisa pelo menos dois. Mas pra que dois guardas? Eu quero bem aos guardas, coitados, eles têm os pés maiores do mundo e cinco dedos em cada pé, por quê? Porque também amam a ordem, como eu. *Entrega a receita.* Aqui está, lê aí, minha pombinha: uma lei e uma ordem.

*A empregada da farmácia vai buscar o álcool. Enquanto isso, Ema, a contrabandista, sempre lavando a garrafa, aparece outra vez, cantando.*

Ema —

E fomos colher amoras:
Ele se deitou na grama,
Cobiçando a todas nós
Com o seu olhar em chama.

*Torna a sair.*
*Manda traz o álcool.*

Manda *rindo* — Olha que garrafão! Espero que consiga também alguns arenques, para melhorar o porre que essas vacas vão tomar. *Entrega a garrafa.*

Puntila — Glu glu glu glu glu... Ó, música finlandesa... a mais bela música do mundo... Meu Deus, eu ia esquecendo. Agora tenho álcool, mas não tenho mulher. E você não tem álcool nem tem homem. Linda farmacêutica, quer ser minha noiva?

Manda — Muita agradecida, Sr. Puntila de Lammi, mas eu, sabe, só fico noiva de acordo com a praxe: "anel direitinho e um gole de vinho".

Puntila — De acordo, não será isso que... O importante é você ficar noiva, e já não é sem tempo. Que vida levou até agora? Me fala um pouco de você, me diz como é que vive: pra ser seu noivo, eu preciso saber tudo.

Manda — Eu? A minha vida é a seguinte: estudei quatro anos e meu patrão me paga menos que à cozinheira. Metade do ordenado eu mando para minha mãe, que sofre do coração. Eu também sofro, puxei a ela. Dia sim, dia não, pego o turno da noite. A farmacêutica vive com ciúmes, porque o patrão dá em cima de mim. O doutor tem uma letra horrível e eu uma vez troquei as receitas. Os remédios, caindo na roupa, queimam tudo, e o senhor sabe o preço das fazendas. Eu não tenho amigos: o chefe de polícia, o gerente da cooperativa e o diretor da biblioteca já são casados: portanto, eu não tenho muito com quem me divertir. O senhor quer saber? Não acho a vida muito engraçada, não.

Puntila — Está vendo? Fica com Puntila! Toma, bebe um gole!

Manda — E o anel? Se diz: "anel direitinho e um gole de vinho".

Puntila — Santo Deus! Não servem as argolas da cortina?

Manda — Quantas argolas o senhor quer? Uma só, ou várias?

Puntila — Muitas, uma não chega. Puntila quer muito de tudo, sempre. Uma garota só não tem sentido para Puntila, você entende?

*Enquanto a empregada da farmácia vai buscar as argolas da cortina, Ema sai de casa outra vez, cantando.*

EMA —

E enquanto fermentávamos as amoras,
Conosco ele brincava alegremente,
E rindo ria e ria rindo,
Metendo o dedo no recipiente.

*Torna a entrar em casa e fica espiando da janela.*

*A empregada da farmácia dá as argolas a Puntila. Enquanto isso, repete a* bocca chiusa *o tema da outra.*

PUNTILA botando uma argola no dedo dela — Eu te espero em minha casa, domingo, em Puntila, às oito horas. Vamos fazer uma grande festa de noivado. Ele vai andando. Passa Lisu, a ordenhadora, com um balde na mão. Espera aí, minha pombinha! Eu te quero, menina. Você me agrada. Onde vai a esta hora da manhã?

LISU — Tirar leite das vacas.

PUNTILA — Como, minha filha, então o balde é tudo o que você bota entre as pernas? Não quer um homenzinho pra você? Ah, mas que vida a tua! Vem cá, me conta como é a tua vida, menina. Você me interessa.

LISU — Minha vida é assim: me levanto às três e meia da manhã pra varrer o estábulo e limpar as vacas. Depois tenho que ordenhar as vacas e lavar os baldes, com soda cáustica e outras porcarias que queimam as mãos. Aí limpo o estábulo outra vez e tomo um café que me dá dor de estômago, porque é daqueles, né? Como um pouco de pão com manteiga e tiro uma pestana. Na hora do almoço, cozinho umas batatas com salsa. Carne, eu não vejo nunca. De vez em quando a patroa me dá um ovo de presente ou eu acho algum no mato. Depois eu torno a varrer o estábulo, tiro mais leite das vacas, torno a lavar os baldes. Minha obrigação é ordenhar cento e vinte litros de leite por dia. De noite, como pão com leite. Me dão dois litros de leite por dia, mas as outras coisas eu tenho que comprar na fazenda. De cinco em cinco domingos eu tenho um dia inteiro livre, de noite vou dançar; às vezes me dou mal e pego filho. Tenho dois vestidos. Tenho também uma bicicleta.

PUNTILA — E eu tenho uma fábrica inteira, um moinho a vapor, uma serraria, e não tenho mulher. Que é que você me diz, minha franguinha? Está aqui o anel, bebe um gole ali, e estamos noivos de acordo com toda a praxe. Você também já sabe: domingo às oito, lá em casa, em Puntila. Combinado?

LISU — Combinado.

PUNTILA continua a andar — Em frente, em frente, a caminho da cidade. Não agüento a curiosidade de saber quem é que já está de pé a esta hora da manhã. As mulheres são irresistíveis a esta hora: acabaram de sair da cama, ainda estão com os olhos brilhantes e pecaminosos... e em volta, o mundo é tão jovem. *Chega à Central Telefônica. Sandra, a telefonista, está saindo.* Bom-dia, deusa da vigília! Mulher onisciente, que sabe tudo através dos fios mágicos da telefonia. Bom-dia a ti, minha pomba-rola.

SANDRA — Bom-dia, Sr. Puntila. O senhor, tão cedo? Que aconteceu?

PUNTILA — Então não sabe? Procuro esposa.

SANDRA — Ah, é o senhor? Eu procurei pelo senhor a noite inteira.

PUNTILA — Sim, você sabe tudo. E passa a noite inteira acordada, em vigília pela cidade. Me diz aqui: que vida você leva?

SANDRA — Já lhe digo. Minha vida é a seguinte: ganho cinqüenta marcos, mas há trinta anos que não saio do escritório. Atrás do escritório, tenho um terreninho onde planto batatas. Dava para viver, já não dá porque agora tenho que pagar meu almoço e o café está cada vez mais caro. Sei de tudo que acontece na cidade e mesmo no estrangeiro. O senhor ficaria espantado se soubesse o que sei. Por isso é que até agora não casei. Sou secretária do Clube dos Trabalhadores, meu pai era sapateiro. Ligar e desligar linhas de telefone, fazer purê de batatas e saber tudo, essa é a minha vida, Sr. Puntila.

PUNTILA — Pois é hora de mudarmos de vida! E depressa. Telefona imediatamente ao escritório central e comunica ao diretor que você vai casar com Puntila de Lammi. Aqui está o anel, aqui está a bebida, aqui está tudo de acordo com a praxe, e domingo às oito, já sabe, lá em casa.

SANDRA *rindo* — Estarei lá sem falta. Já sei que domingo é a festa de noivado de sua filha.

PUNTILA *para Ema, a contrabandista* — Como vê, cara senhora, estou noivando aqui de forma coletiva; espero que a senhora me dê o prazer de comparecer também. *Ela estende o dedo; Puntila coloca a argola.*

AS QUATRO *cantam* —
Quando nós acabamos de comer
O homem já tinha ido embora
Mas até hoje estamos esperando
E ainda achamos que ele não demora.

PUNTILA — Tudo bem. Agora posso voltar a correr com meu carrinho, atravesso os pinhais, atravesso a floresta, e ainda chego a tempo no Mercado dos Trabalhadores. Choc choc choc choc choc choc chic chic chic chic. Um viva às filhas desta terra abençoada: a vós, que, durante anos e anos vos levantastes em vão com a alvorada. Mas Puntila chegou para vos fazer ditosas. Vinde a mim, vós todas que acendeis o fogo das matinas, fazendo o fumo subir pelos telhados, brilhante à luz do dia! Vinde todas, de pés nus; a erva fresca da manhã conhece os vossos pés: Puntila também vai conhecer!

*Cortina.*

COZINHEIRA *como antes, mas agora com uma tigela de louça e uma mulher batendo massa* —
Quando Puntila foi passear,
“Ó, Bela”, disse, “do peito arfante!
Aonde levas, quero ajudar-te,
Tua beleza, que é tão tocante?
Será que acaso
Sais ainda escuro
De tua barraca
Para ordenhar minha vaca?
Por mim, ó, bela,
Nunca te levantes do leito;
Eu deito”.

## 4

## O MERCADO DOS TRABALHADORES

*Mercado dos Trabalhadores, na praça do burgo de Lammi. Puntila e Matti e um Gordo escolhem mão-de-obra. Música de feira, muitas vozes.*

PUNTILA — Já achei demais você me deixar sair sozinho de casa; mas é ainda mais imperdoável que não tenha ficado me esperando, me obrigando a te arrancar da cama pra me trazer ao Mercado dos Trabalhadores. Você faz como os Apóstolos, no monte das Oliveiras. Agora eu sei que tenho de ficar de olho em você. Basta eu beber um copo a mais, que você se aproveita pra tomar suas liberdades.

MATTI — É, Sr. Puntila.

PUNTILA — Eu não quero brigar com você, que isso me repugna. Falo pro seu bem; não me leve a mal, me compreenda. A gente começa com um pequeno descuido e termina na cadeia. Um empregado que espuma de inveja diante da comida do patrão é intolerável! Agora, um empregado que trabalha é outra coisa. Se fica exigindo horas de repouso e pedaços de carne assada do tamanho de tampas de privada, cai logo em nosso desagrado e temos de lhes mostrar o olho da rua! Mas é evidente que você não vai se arriscar a isso.

MATTI — Não vou, não, Sr. Puntila. Eu li uma vez no *Correio de Helsinque*, no suplemento dos domingos, que a humildade é uma prova de educação. Quando se é discreto, quando se domina a paixão, se vai longe. Dizem que Kotilaine, o proprietário das três fábricas de papel, é a modéstia em pessoa. E se nós começarmos a escolher, antes que nos levem os melhores?

PUNTILA — Eu quero uns bem fortes. *Examina um latagão.* Esse não é mau, tem uns bons costados. Mas os pés não me agradam: deve gostar muito de ficar sentado, hein? Tem os braços do mesmo tamanho daquele ali, que é muito menor: olha o outro, como tem os braços compridos! *Ao baixinho* — Você é bom trabalhador de campo?

GORDO — O senhor não vê que eu estou tratando com esse homem?

PUNTILA — Eu também estou tratando com ele, e peço-lhe o favor de não me incomodar!

GORDO — Eu incomodo?

PUNTILA — Não me venha com perguntas insolentes! Tenho horror disso! *Ao Trabalhador* — Em Puntila eu pago meio marco por metro de turfa. Pode se apresentar segunda-feira. Como é o seu nome?

GORDO — Mas que grosseria! Eu estou combinando a maneira de alojar esse homem com a família, e o senhor vem pescar nas minhas águas. Há pessoas que não deviam ser admitidas no Mercado.

PUNTILA — Ah, você tem família? Eu dou trabalho a todo mundo. Sua mulher é forte? Pode trabalhar no campo? Quantos filhos você tem, e de que idade?

TRABALHADOR — Três. Oito, onze e doze anos. A mais velha é uma menina.

PUNTILA — Vai trabalhar na cozinha. Dir-se-ia que vocês foram feitos pra mim. *A Matti, de modo que o Gordo ouça* — Você vê como se comportam certas pessoas, hoje em dia?

MATTI — Isso me deixa irritadíssimo.

TRABALHADOR — E o alojamento?

PUNTILA — Principesco! Vou examinar sua carteira no café. Me espera lá no muro. *A Matti* — Aquele outro lá, eu vou levar por causa dos costados, mas está com uma calça muito boa; se fosse bom trabalhador já a teria rasgado. É preciso sempre prestar muita atenção nas roupas deles. Muito boas, é que não querem estragá-las trabalhando; muito ruins, é que são desleixados. Uma olhada e a gente julga um trabalhador. A idade, pra mim, não importa; às vezes um velho até trabalha mais. Tem mais medo de ser despedido. O principal, pra mim, é o homem. Basta que não seja totalmente burro. Os inteligentes, eu não quero nem ver. Passam o dia contando as horas do trabalho, ah, eu não gosto disso; quero manter relações amistosas com o meu pessoal. Ah, ia me esquecendo: precisava arranjar também uma ordenhadora. Mas antes vê se encontra ainda um ou dois trabalhadores pra eu escolher. Vou telefonar.

*Dirige-se ao café. Matti fala a um trabalhador Ruivo.*

MATTI — Estamos precisando de um homem pra trabalhar na turfa, na propriedade de Puntila. Mas eu sou só o chofer, não sei mais o que dizer; o velho foi telefonar.

RUIVO — Como é a coisa lá?

MATTI — Mais ou menos. Quatro litros de leite por dia, não é mau. Dizem que dão também as refeições. O quarto não é lá essas coisas.

RUIVO — E a escola fica longe? Eu tenho um guri.

MATTI — A uma hora e quinze.

RUIVO — Não é muito, com tempo bom.

MATTI — No verão não é muito.

RUIVO — Acho que vou gostar do lugar; não encontrei nada de bom até agora e esse troço já vai fechar.

MATTI — Vou falar com ele. Vou dizer que você é humilde e não é teimoso; ele gosta disso. A essa altura, já telefonou e deve estar mais tratável. Lá vem ele.

PUNTILA *de bom humor, saindo do café* — Achou alguma coisa? Me lembrei também que tenho de levar um pouquinho de leite, uns doze marcos.

MATTI — Esse aí não é mau. Me lembrei de tudo que o senhor disse e fiz umas perguntas a ele. Sabe cuidar bem das próprias calças, mas não exagera, e não vive contando as horas de trabalho.

PUNTILA — Ele me agrada; é todo fogo, todo chama. Vou pro café, vamos discutir.

MATTI — É melhor resolver logo, Sr. Puntila, porque já vai fechar e a gente não encontra mais nada.

PUNTILA — Por que essa pressa? Entre amigos, tudo se arranja. Eu confio na sua escolha, Matti; estou tranqüilo. Eu te conheço e te estimo. *A um trabalhador miserável* — Olha, esse daí não me parece ruim; tem um bom aspecto. Eu preciso de gente na turfa, mas também estou com falta de pessoal no campo. Vem, vamos conversar!

MATTI — Sr. Puntila, não quero me meter, mas esse daí não é bom para o senhor: não agüenta a virada.

MISERÁVEL — Vê se te manca! Não agüento o quê?

MATTI — Onze horas e meia de trabalho no verão. Eu só quero evitar uma decepção, Sr. Puntila. Depois ele não agüenta e o senhor vai ter que mandar embora...

PUNTILA — Vamos pro café. *O primeiro Trabalhador, o Ruivo e o Miserável seguem Puntila e Matti até a frente do café, sentam-se num banco.* Olá, garçom! Antes de começar, tenho que acertar um negócio com meu amigo aqui. Matti, você deve ter notado ainda agora que eu ia tendo um daqueles ataques, você sabe, já falei. Eu teria compreendido perfeitamente se você tivesse me dado uma boa surra, como eu recomendei que fizesse sempre que me visse em tal estado. Matti, você me perdoa? É impossível eu tratar de negócios, sabendo que existe alguma coisa entre nós dois.

MATTI — Já está tudo esquecido há muito tempo. Não pense mais nisso. Vamos resolver logo o assunto dos contratos, para eles ficarem mais tranqüilos.

PUNTILA *escreve na carteira do primeiro Trabalhador* — Eu te compreendo, Matti, você me despreza. Você me olha com asco, só admite o tom frio dos negócios. *Ao primeiro Trabalhador* — Estou escrevendo o que combinamos; pra tua mulher também. Dou leite, farinha e feijão, no inverno.

MATTI — E agora o adiantamento; sem isso não há contrato.

PUNTILA — Não precisa me empurrar. Deixa eu tomar meu café em paz! *À moça que serve* — Deixa isso aí, ou melhor, traz uma cafeteira bem grande, nós nos servimos. A cara dessa gente! Detesto esse Mercado de Trabalhadores. Quando quero comprar cavalos e vacas, está bem, vou ao mercado com prazer. Mas vocês, vocês, que diabo, são homens! É assim que se negociam vocês, no mercado? Isso não devia ser permitido, não é verdade?

MISERÁVEL — É evidente.

MATTI — Desculpe, Sr. Puntila, eu não concordo. Esses daí procuram trabalho, o senhor procura trabalhadores: é preciso negociar. Isso pode acontecer no mercado ou na igreja, é sempre negócio. Eu gostaria que o senhor acabasse logo.

PUNTILA — Você hoje está no seu dia pior, hein? Pra me contradizer numa coisa assim tão clara. Você acha direito ficar me examinando, pra ver se eu tenho pé chato, da mesma maneira que se examina um cavalo abrindo a boca pra ver os dentes dele?

MATTI — Não, ao senhor eu levo em confiança. *Falando do Ruivo* — Ele tem mulher e a filhinha está na escola.

PUNTILA — É menina ainda? Olha, lá vem o Gordo de novo. Basta o jeito dele andar, pra fazer ferver o sangue dos trabalhadores: é um andar de patrão. Aposto como pertence à Guarda Nacional e obriga os empregados a fazer ginástica todos os domingos, pra lutar contra os russos quando for preciso. Você não acha?

RUIVO — Minha mulher lava: ela faz mais, em meio dia de trabalho, do que qualquer outra mulher num dia inteiro.

PUNTILA — Matti, eu sei que nem tudo está enterrado e esquecido entre nós dois. Conta pra eles a história dos fantasmas. Eles vão gostar.

MATTI — Depois. Primeiro os adiantamentos. Estou lhe avisando. Está ficando tarde. Está fazendo eles perderem tempo.

PUNTILA *bebe* — Não, Matti, você não vai me obrigar a ser desumano. Eu quero me aproximar dos meus homens do ponto de vista humano, antes de qualquer outra ligação. Primeiro tenho que explicar a eles a espécie de homem que sou, pra que eles decidam se podem conviver comigo. Diz a eles: que espécie de homem eu sou?

MATTI — Sr. Puntila, permita-me garantir que nenhum deles está interessado nisso; estão interessados é num contrato. Eu recomendo que o senhor contrate esse daí — *mostra o Ruivo* —, ele é capaz para o serviço, o senhor vai ver. Quanto aos outros, um conselho: apanhando turfa, vocês não vão ganhar nem pro pão dormido.

PUNTILA — Aquele ali não é Surkala? O que é que ele está fazendo no Mercado?

MATTI — Está procurando emprego. O senhor prometeu ao padre botar ele na rua porque disse que é vermelho.

PUNTILA — Quem? Surkala! Meu único empregado inteligente? Toma, dá esses dez marcos a ele e diz pra ele vir aqui. Vai voltar conosco no Studebaker. Amarramos a bicicleta dele na mala, e não tem nada de ficar procurando não sei o que por aí. O coitado tem quatro filhos. O que é que vão dizer de mim? Quero que o padre se lasque: é um cara desumano, nunca mais vai botar os pés lá em casa. Surkala é um trabalhador de primeira.

MATTI — Vou falar com ele agora mesmo. Não é preciso correr; com a reputação que tem, Surkala não arranja nada. Eu só queria que o senhor terminasse com esse pessoal, mas estou vendo que o senhor não quer nada: quer é passar o tempo.

PUNTILA *sorrindo dolorosamente* — Ah, é assim que você me julga, Matti? Sim senhor, você não me entende nada, apesar de todas as oportunidades que lhe dei.

RUIVO — O senhor podia assinar logo o meu contrato? Senão eu vou procurar outra coisa, enquanto é tempo.

PUNTILA — Está vendo? Você faz essa gente fugir de mim, Matti. Com o seu temperamento tirânico, você me obriga a me comportar contra minha natureza. Mas eu hei de te convencer de que Puntila é outra coisa. Quando compro um homem, não faço isso de coração frio. Quero que a minha propriedade seja um lar para ele. Não estou certo?

RUIVO — Bom, vou embora. O que eu quero é um emprego.

PUNTILA — Espera aí! Ele foi mesmo! Ele me servia! Eu não ia ligar pras calças dele: não julgo um homem pelas calças. Não gosto é de fazer negócios quando bebo, nem que seja um copo. Por que tratar de negócios, quando a gente sente é vontade de cantar? A vida é tão bonita! Quando eu penso na volta, que beleza. Ao entardecer, então, eu adoro esta terra! A gente vai correndo e as bétulas vão passando. Antes vamos beber mais um copinho. Vamos, vocês têm de beber, fiquem alegres como Puntila, eu gosto de alegria e nunca olho as despesas quando estou com gente amiga. *Rapidamente distribui um marco a cada um. Ao Miserável* — Não se deixe impressionar, vou te dar um bom lugar, você vai ficar no moinho a vapor, um trabalho fácil..

MATTI — Então por que não assina a carteira dele?

Puntila — Mas pra que isso? Agora é que nós nos conhecemos. Eu dou minha palavra de que tudo vai ser feito da maneira mais correta. Então vocês não sabem o que significa a palavra de um homem de Tavasto? O monte Hatelma pode desabar... Não é provável, hein? Mas, enfim, pode... o palácio de Tavasto pode desmoronar, hein? Mas a palavra de um cidadão de Tavasto é definitiva, todo mundo sabe. Podem vir comigo.

Miserável — Eu lhe agradeço. Pode contar comigo, Sr. Puntila. Eu vou.

Matti — Em vez de dar o fora! Eu não tenho nada contra o senhor, Sr. Puntila, mas é por causa deles.

Puntila *num tom compenetrado* — É uma atitude muito bonita, essa tua, Matti. Eu sei que você não é rancoroso. Aprecio muito a sua boa-fé e a lealdade com que defende meus interesses. Mas você não deve esquecer que Puntila pode se dar ao luxo de ir a todo o vapor contra os próprios interesses, hein? Olha, Matti, quero que você me dê sempre a sua opinião. Promete? *Aos outros* — Sabem por que ele perdeu o último emprego? Porque o patrão guiava e quando fazia as mudanças arranhava a embreagem, e ele aí disse que o patrão tinha alma de carrasco.

Matti — Besteira minha.

Puntila *gravemente* — Eu gosto de você por causa dessas besteiras.

Matti *levanta-se* — Vamos embora? E Surkala?

Puntila — Matti, Matti, homem sem fé. Eu não disse que ele ia voltar conosco, que é um trabalhador de primeira e um espírito independente? Isso me faz lembrar o Gordo de ainda agora, o que queria roubar os meus trabalhadores: ainda tenho umas coisas pra dizer a ele. É o capitalista perfeito.

## 5

## ESCÂNDALO EM PUNTILA

*Pátio da propriedade de Puntila, com uma cabina de banho, cujo interior é visível. Manhã. Na porta do pátio, Laina, a Cozinheira, e a Arrumadeira, Fina, pintam um cartaz com os dizeres: Bem-vindos ao noivado. Pelo portão entram Puntila e Matti com alguns trabalhadores, entre os quais Surkala.*

Laina *descendo da escada* — Bem-vindo a Puntila! D. Eva, o Attaché e o Juiz já chegaram; estão almoçando.

Puntila — O que eu quero é ser o primeiro a apresentar desculpas a você e sua família, Surkala. Faz o seguinte: vai buscar teus filhos, os quatro: quero exprimir pessoalmente a eles o meu remorso pela angústia e incerteza em que foram lançados por minha culpa.

Surkala — Não é preciso, Sr. Puntila.

Puntila *gravemente* — É preciso, Surkala. *Surkala sai.* Estes cavalheiros vão ficar aqui: serve um copo para cada um, Laina! Vão trabalhar na derrubada do bosque.

Laina — O senhor não ia vender o bosque, pro noivado?

Puntila — Eu? Eu não vendo nada. O dote de minha filha é o que ela tem entre as pernas!

Matti — Podíamos aproveitar agora pra dar o adiantamento, e o senhor ficava livre disso, Sr. Puntila.

Puntila — Eu vou à sauna. Fina, me traz um café! *Entra no banheiro e se despe.*

Miserável — Você acha que ele me emprega?

Matti — Não. Quando ficar bom, vê como você é e...

Miserável — Mas bêbado também ele não resolve.

Matti — Eu avisei pra vocês não virem sem contrato.

*Fina traz o álcool e os trabalhadores pegam um copo cada um.*

Trabalhador — Fora isso, como é que ele é?

Matti — Muito confiado! Pra vocês, isso não tem importância: vocês ficam na floresta. Mas pra mim, no carro, estou nas mãos dele; mal dou uma respirada e ele já fica fraternal. Eu vou-me embora. *Surkala entra com os quatro filhos. A mais velha carrega o menor.* Pelo amor de Deus, dá o fora! Assim que ele sair do banho e tomar café, vai ficar mais fresco que um pé de alface! Azar o teu, se ainda te encontra na propriedade. Acho melhor você sumir por alguns dias.

*Surkala faz um gesto de concordância e desaparece com os filhos. Enquanto se despe, Puntila ouviu alguma coisa mas não entendeu bem, lança um olhar para fora da cabina de banho e vê Surkala com os meninos.*

Puntila — Ah, Surkala, já já estou aí! Matti, vem cá, eu preciso que você me jogue água. *Ao Miserável* — Você também pode entrar. Quero que me conheça mais intimamente. *Matti e o Miserável seguem Puntila na cabina de banho. Matti joga água em cima de Puntila. Surkala sai furtivamente com os meninos.* Um balde só, chega; detesto água.

Matti — Não, não; precisa mais, agüenta. Depois o senhor toma café e vai cumprimentar as visitas.

Puntila — E não posso ir cumprimentar as visitas com um balde só? Quer me fazer de imbecil?

Miserável — Eu também acho que chega um balde só. Está se vendo que o Sr. Puntila detesta água.

Puntila — Está ouvindo, Matti?; assim é que falam os que me querem bem. Conta pra ele como eu coloquei no devido lugar aquele Gordo do Mercado! *Fina entra.* Ah, lá vem essa deliciosa criatura trazendo o meu café. Está bem forte? Quero um licor também.

Matti — Então, pra que o café? Nada de licor.

Puntila — Já sei, você agora está zangado comigo porque eu deixo as pessoas esperando. Tem toda a razão. Mas então conta a história do Gordo, vai! Fina também pode escutar. *Conta* — Olha, era um grandão, barrigudo e desagradável, um verdadeiro capitalista, que tentava me roubar um trabalhador. Mas vai, Matti, conta você, enquanto eu tomo o café.

Matti *percebe que Fina tem os olhos grudados na tina onde está Puntila* — Quando nós pegamos o carro, a charrete dele estava lá junto. Assim que ele viu o Sr. Puntila, ficou furioso; pegou no chicote e deu no cavalo com tanta força que o bicho empinou, relinchando de dor.

Puntila — Eu não posso ver ninguém maltratar um animal.

Matti — Aí o Sr. Puntila segurou a rédea do cavalo e acalmou o coitado. Enquanto isso, ia dizendo ao Gordo alguns pensamentos. Eu achei até que o Gordo ia dar uma chicotada no Sr. Puntila, mas ele viu que o nosso lado era mais forte e falou qualquer coisa a respeito de gente sem educação, imbecis e coisas semelhantes. Na certa pensou que nós não íamos entender. Mas o Sr. Puntila tem uma inteligência fina e perguntou a ele se, por acaso, tinha instrução bastante para saber que os gordos morrem facilmente de um ataque apoplético.

Puntila — Conta como ele ficou vermelho como um peru! Tinha tanta raiva que nem sabia o que responder diante daquela gente.

Matti — Ele ficou vermelho como um peru, e o Sr. Puntila gritou: "Você não deve se deixar dominar pela raiva, porque pode morrer agora mesmo com toda essa gordura estragada que tem no corpo". E que se ele ficava assim vermelho é porque o sangue lhe subia ao cérebro, coisa que devia evitar para o bem de seus filhos.

Puntila — E quando eu disse de lado pra você: "Não devemos irritá-lo, percebe-se que é um transtornado". Aí é que ele ficou irritado mesmo, você notou?

Matti — Nós falávamos dele como se ele não estivesse ali, as pessoas em volta riam cada vez mais e ele ficava cada vez mais vermelho. Aí é que ele começou a ficar parecido com um peru. Antes, só com um tijolo descascado. Bem-feito pra ele. Quem mandou dar no cavalo? Um dia, no vagão de um trem, eu vi um sujeito que sapateava de raiva em cima do próprio chapéu, só porque tinha perdido a passagem. E a passagem estava justamente na fita do chapéu.

Puntila — Agora você perdeu o fio. Eu disse a ele também que, prum homem gordo, qualquer esforço físico, por exemplo, chicotear um cavalo, pode ser mortal. Que, por isso, ele não devia maltratar os animais.

Fina — Ninguém deve fazer isso.

Puntila — Muito bem, Fina. Você merece um licor. Vai buscar, vai.

Matti — Pra Fina tem aí o café. O senhor já está melhor, Sr. Puntila?

Puntila — Pior. Estou pior.

Matti — O Sr. Puntila subiu muito na minha consideração, tratando assim aquele tipo. Bem podia ter dito: "Não tenho nada com isso; não quero fazer inimigos entre os vizinhos".

Puntila *que vai ficando melhor aos poucos* — Eu não tenho medo de ninguém.

Matti — É verdade. Mas quantos podem dizer isso? Só o senhor. Só o senhor pode arranjar outro garanhão para as éguas.

Fina — O que é que têm as éguas com a história?

Matti — Eu ouvi dizer que foi o Gordo que comprou a Fazenda Sumala: agora é proprietário do único garanhão que nos serve nestes oitocentos quilômetros em volta.

Fina — Foi ele quem comprou? E vocês só souberam depois da briga?
*Puntila se levanta e passa por trás, jogando um último balde d'água sobre si mesmo.*

Matti — Nós soubemos depois, mas o Sr. Puntila já sabia. Tanto sabia que gritou para o Gordo que o garanhão dele não servia mais pras nossas éguas, porque estava todo cheio de perebas. Como foi mesmo que o senhor disse?

Puntila — Isso mesmo: perebas... não interessa.

Matti — Isso mesmo, perebas, não interessa! Foi engraçado.

Fina — Só faltava a gente mandar as mulas de trem para serem cobertas.

Puntila *sombrio* — Outro café!
*Servem-no.*

Matti *forte* — O amor aos animais é a maior qualidade dos habitantes de Tavasto, todo mundo sabe. Por isso é que eu fiquei tão espantado com o comportamento do Gordo. Ouvi falar também que ele é cunhado de Madame Klinckmann. Eu nem quis dizer nada, porque, se o Sr. Puntila soubesse disso, ia tratar o Gordo ainda pior.
*Puntila lança-lhe um olhar.*

Fina — O café estava bem forte?

Puntila — Não me faça perguntas imbecis. Eu não bebi? *A Matti* — Você aí: acha que vai ficar o dia inteiro em pé, sem fazer nada? Vai engraxar as botas e lavar o carro, que está imundo; é uma cloaca. E não responde! Se te apanho dizendo piadinhas ou falando mal de mim nas minhas costas, anoto isso na tua carteira, fica avisado!
*Sai, sombrio, envolvendo-se no roupão de banho.*

Fina — Por que você deixou ele brigar com o dono da Sumala?

lavra. Por isso é que eu hesito tanto e vou acabar casando com ele.

Matti — A senhorita está numa sinuca.

Eva — Não estou em nenhuma sinuca, para usar sua expressão grosseira. E até nem sei por que vim discutir com você coisas tão delicadas.

Matti — Discutir é humano, senhorita. É a vantagem que os homens têm sobre os animais. Se as vacas pudessem discutir entre elas, a senhorita acha que continuariam a dar leite?

Eva — Isso não tem nada a ver com o nosso assunto. Eu acho que, provavelmente, não vou ser feliz com o *Attaché*; mas o rompimento deve partir dele. Como é que eu vou fazer para ele compreender isso?

Matti — É, uma pedrinha só não chega: precisa um paralelepípedo.

Eva — Que quer dizer com isso?

Matti — Que eu é que devo resolver o caso: eu sou grosso.

Eva — Como é que você pode me ajudar, num assunto assim tão delicado?

Matti — Digamos que eu me senti encorajado pelas palavras tão íntimas que o Sr. Puntila deixou escapar durante a bebedeira, e segundo as quais a senhorita devia me agarrar para marido. E que a senhorita... Posso tratá-la por você?... tinha se sentido atraída pela minha força bruta, pense em Tarzan. Então o *Attaché* nos pega em flagrante e diz: "Você não é digna de mim. Uma mulher que se degrada com um chofer não serve para um *Attaché*". Funciona?

Eva — Eu não posso lhe pedir uma coisa dessas.

Matti — Ora, pra mim é um serviço como outro qualquer. Em compensação, eu não lavo o carro. Em meia hora nós resolvemos tudo. O importante é ele compreender que chegamos a um grau de intimidade que não tem mais remédio.

Eva — Como?

Matti — Eu chamo você de Eva na frente dele.

Eva — Por exemplo?

Matti — "Eva, você esqueceu de abotoar o vestido nas costas."

Eva *passa instintivamente a mão nas costas* — Não esqueci não. Está abotoado. Ah, bom! Você já estava ensaiando! Mas ele não vai se importar com isso. Não é tão sensível assim; tem muitas dívidas.

Matti — Então, distraído, eu posso puxar o lenço do bolso e deixo cair uma pecinha íntima sua. É pouco sutil?

Eva — Já é melhor. Mas ele dirá que você tem uma paixão secreta por mim e que apanhou a...

Matti — A meia.

Eva — ... a meia quando eu não estava. *Pausa.* Estou vendo que não lhe falta imaginação, nesse sentido.

Matti — Faço o melhor que posso, senhorita. Procuro imaginar todas as situações entre nós, mesmo as mais embaraçosas, pra ver se encontro uma saída.

Eva — É melhor deixar, sabe?

Matti — Como quiser. Não servia, também.

Eva — O que é que não servia?

Matti — Se as dívidas do *Attaché* são muito grandes, só há um jeito: sairmos juntos do banheiro. Menos do que isso não adianta. Pra tudo mais, ele vai encontrar sempre uma justificativa. Não conseguirá ver nada de mal no que fizermos. Por exemplo, se eu começar a devorá-la de beijos na frente dele, ele compreenderá que isso é porque eu não consigo mais resistir à sua beleza. E assim por diante.

Eva — Eu nunca sei quando você está brincando e quando está falando a sério. Está fazendo pouco de mim, por acaso? Com você, eu nunca estou segura.

Matti — E por que você quer estar segura? Não se trata de investir um capital. A incerteza é tão humana, pra falar como seu pai. Eu adoro as mulheres, mas não tenho certeza delas.

Eva — Em você, isso não me surpreende.

Matti — Vê? Você também tem boa fantasia.

Eva — Eu só quis dizer que nunca se sabe aonde você quer chegar.

Matti — O dentista também, a gente nunca sabe aonde ele quer chegar. E, no entanto, a gente senta lá e abre a boca...

Eva — Esse seu jeito de falar me mostra que a história do banheiro junto com você não vai dar. É evidente que você ia se aproveitar da situação.

Matti — Enfim, alguma coisa da qual você tem certeza. Sabe, a senhorita tem tantos escrúpulos que eu até fico sem vontade de comprometê-la.

Eva — Acho melhor que você me comprometa sem muita vontade. Escuta: eu concordo com o negócio do banheiro. Mas é melhor andar depressa. Daqui a pouco eles acabam de comer e vêm pra cá discutir o noivado. Vamos logo.

Matti — Entra você primeiro. Vou buscar o baralho.

Eva — Baralho pra quê?

Matti — Como é que nós vamos passar o tempo no banheiro?

*Entra em casa. Eva se dirige lentamente para o banheiro. A Cozinheira entra com um cesto.*

Laina — Bom-dia, dona Eva. Eu vou apanhar pepinos. Quer ir comigo?

Eva — Não, obrigada. Estou com dor de cabeça. Vou tomar um banho. *Entra na cabina.*

*A Cozinheira abana a cabeça. Puntila e o* Attaché *entram, vindos da casa. Fumam charutos.*

Attaché — Sabe, Puntila, estou com vontade de ir com Eva para a Côte d'Azur. O barão Vaurien me empresta o Rolls-Royce. Quer me parecer que isso é uma excelente propaganda para a Finlândia e para o Corpo Diplomático. Há tão poucas mulheres de classe em nosso meio.

*Laina entra com o cesto cheio de pepinos.*

Puntila — Onde é que está minha filha? Saiu?

Laina — Está aí dentro, Sr. Puntila. Disse que ia tomar um banho, porque estava com muita dor de cabeça. *Sai.*

Puntila — Eva sempre com essas extravagâncias. Desde quando se toma banho pra dor de cabeça?

Attaché — É realmente muito original. Mas quer saber de uma coisa, Puntila? Nós não exploramos devidamente nossos banhos finlandeses. Eu até já conversei sobre isso com o ministro, quando estávamos numa conferência tentando obter um empréstimo. Precisamos de métodos mais agressivos para difundir a cultura finlandesa. Por exemplo: por que não há banhos finlandeses no Piccadilly?

Puntila — Por falar nisso, o ministro vem ou não vem à nossa festa?

Attaché — Ele me prometeu solenemente. Está em débito comigo, depois que eu o apresentei ao diretor do Banco Internacional de Comércio; ele anda muito interessado em estanho.

PUNTILA — Preciso falar com ele.

ATTACHÉ — Ele tem um fraco por mim, todo mundo sabe lá no Ministério. Me disse uma vez: "Você é um homem que se pode enviar a qualquer lugar, você não comete indiscrições, não se mete em política". Ele acha que eu represento muito bem.

PUNTILA — Será de espantar, se você não fizer uma carreira brilhante. Mas o ministro tem que estar aqui na festa de noivado, eu conto firme com ele. Aí é que eu vou ver o teu prestígio.

ATTACHÉ — Fica tranqüilo, Puntila. Uma coisa já é proverbial no Ministério: eu não perco nada, sempre acho.

*Matti entra, um guardanapo no ombro, dirigindo-se ao banheiro.*

PUNTILA — Onde vai, vagabundo? Eu teria vergonha de ficar assim zanzando sem fazer nada. Como é que você justifica o dinheiro que tem pagam? Olha que eu não te dou a carteira e você acaba como um bacalhau podre, daqueles que caem do barril e ninguém apanha.

MATTI — Sim, Sr. Puntila.

*Puntila se volta de novo para o* Attaché. *Matti, tranqüilamente, entra na cabina. Puntila, a princípio, não vê nenhum mal nisso. Logo se lembra de que Eva está lá e olha estupefato para a porta que Matti acabou de fechar.*

PUNTILA — Como vão as tuas relações com Eva?

ATTACHÉ — Muito bem. Ela me trata com uma certa frieza, mas é temperamento dela. Eu comparo isso à nossa situação com a Rússia. Em linguagem diplomática, diria que nossas relações são corretas. Vem comigo, vamos colher um ramo de rosas brancas para ela.

PUNTILA *saindo com ele, sempre de olhar fixo na porta* — Vamos, sim, acho que é melhor.

MATTI *dentro do banheiro* — Vai tudo bem. Eles me viram entrar aqui.

EVA — Engraçado é meu pai não ter feito nada. A Cozinheira disse que eu estava aqui.

MATTI — Quando ele percebeu, já era tarde. Deve estar com a cabeça estourando da ressaca. Mas foi sorte nossa ele ter visto, pois eu acho que só a intenção de te comprometer não chega. É preciso que realmente aconteça alguma coisa entre nós dois.

EVA — Será que vão pensar mal de nós, apesar de tudo? Ninguém faz essas coisas assim de manhã cedo.

MATTI — É bom: isso indica uma paixão fulminante, que não escolhe hora nem local. Um sete-e-meio? *Dá as cartas.* Em Viburgo, tive um patrão que comia a qualquer hora do dia, qualquer quantidade. Antes do café, às vezes até depois do almoço, se lhe dessem um franguinho assado, ele não conversava. A paixão dele era comer. Fazia parte do governo.

EVA — Como é que você pode comparar?

MATTI — Como? Em amor há também o mesmo tipo de apetite. É a tua vez de jogar. Você acha que no estábulo esperam até que seja noite? É verão, estamos excitados. Lá fora, gente demais em toda parte. Num quartinho como este se fica muito bem protegido. Mas está quente, hein? *Tira o paletó.* Por que você não fica um pouco mais à vontade? Pode deixar, que eu não olho. Quanto vale a partida: meio marco?

EVA — Eu me pergunto se não é tremendamente vulgar tudo isso que você está me dizendo. Não se esqueça de que não está falando com uma empregadinha!

MATTI — Não tenho nada contra as empregadinhas.

EVA — O que você não tem mesmo é educação.

MATTI — Já ouvi dizer isso. Os choferes são conhecidos pela grosseria. E, não sei por que, não têm o menor respeito pela gente de bem. Dizem que é por causa da intimidade no automóvel: a gente de bem fica sentada logo ali atrás, fala muito, os choferes ouvem tudo e vão perdendo o respeito. Deve ser isso. Sete-e-meio, ganhei!

EVA — No Sacré-Coeur de Bruxelas só se falava de coisas limpas.

MATTI — Eu não me referia a coisas limpas ou sujas; me referia à estupidez do que falam. É a sua vez de dar. Mas embaralha bem, senão sai o mesmo jogo.

*Entram Puntila e o* Attaché, *este com um ramo de rosas.*

ATTACHÉ — Mas essa Madame Lehtine tem um espírito! Eu disse: "A senhora seria perfeita, se não fosse tão rica!". E ela me respondeu: "Eu acho perfeito ser tão rica!". Ah! Ah! Ah! Sabe, Puntila, que quando eu fui apresentado à filha de Rotschild, no palácio do barão de Vaurien, ela me deu exatamente a mesma resposta? Uma mulher de espírito, também!

MATTI — Dá uma risadinha, como se eu estivesse te fazendo cócegas. Senão, eles passam sem nem perceber nada. *Eva ri um pouco, sem deixar de jogar cartas.* Não está soando tão divertido.

ATTACHÉ parando — Ué... não é Eva?

PUNTILA — Que nada! Impossível. Deve ser outra qualquer.

MATTI *alto, jogando as cartas* — Mas como você é cosquenta!

ATTACHÉ — Escuta!

MATTI baixo — Agora se defenda um pouco.

PUNTILA — É o chofer que está aí. Acho melhor você levar as rosas lá pra dentro.

EVA alto — Não! Não! Assim não!

MATTI — Ah, deixa!

ATTACHÉ — Mas você sabe, Puntila? É igualzinha à voz de Eva.

PUNTILA — Por favor, Eino, não me ofenda.

MATTI — Agora me trate com mais intimidade; você agora desistiu de uma resistência inútil.

EVA — Não! Não! Não! *Baixo* — O que é que eu digo mais?

MATTI — Diz que eu estou abusando, que não tenho esse direito... Pensa numa situação verdadeira! Faz o teu papel: põe sensualidade nisso!

EVA — Você está abusando, Matti, não tem esse direito...

PUNTILA *berra* — Eva!

MATTI — Mais! Mais! Você está cega de paixão! *Bota as cartas de lado, enquanto continuam a representar a cena de amor.* Se ele entrar, tem que nos pegar em flagrante. Senão, não adianta.

EVA — Ah, isso não!

MATTI *virando um banco com um pontapé* — Agora você vai sair daqui como uma cadelinha molhada.

PUNTILA — Eva!

*Matti despenteia cuidadosamente os cabelos de Eva. Ela arranca um botão da blusa e sai.*

EVA — Chamou, papai? Eu estava mudando de roupa, para ir dar um mergulho.

PUNTILA — O que é que te deu? Que maluquice estava fazendo aí no banheiro? Pensa que nós somos surdos?

ATTACHÉ — Não fica irritado, Puntila; que é que tem Eva estar no banheiro?

*Matti sai do banheiro com ar de fingido embaraço, mas não tornou a se vestir. Pára, atrás de Eva.*

Eva *fazendo que não vê Matti, mas um pouco intimidada* — Que foi que você ouviu, papai? Não aconteceu nada.

Puntila — Ah, você acha que isso não é nada? Vira de costas!

Matti *fazendo o intimidado* — Sr. Puntila, a Srta. Eva estava só jogando sete-e-meio comigo. Se o senhor não acredita, estão aqui as cartas. Foi tudo um equívoco.

Puntila — Cala a boca, você! Está despedido. *A Eva* — E agora, o que é que o Eino vai pensar de você?

Attaché — Quer saber de uma coisa, Puntila? Se eles estavam só jogando sete-e-meio, nós fomos vítimas de um equívoco. Uma vez a princesa Bibesco ficou tão excitada, jogando bacará, que arrebentou um colar de pérolas. Eva, eu trouxe rosas brancas para você. *Dá as rosas a ela.* Vem, Puntila, vamos jogar um pouco de bilhar. *Puxa-o pela manga.*

Puntila *cheio de fúria concentrada* — Eva, eu torno a falar contigo depois. Quanto a você, meu sedutor, se se arriscar outra vez a dar um pio na frente de minha filha, em vez de fazer como deve, que é tirar da cabeça esse boné fedorento e tratar de lavar essas orelhas imundas como as de um porco, ah, teus dias estão contados. Teu dever é olhar para a filha daquele que te dá trabalho como quem olha para uma criatura de essência superior que se dignou descer entre os mortais. Me deixa, Eino: você acha que eu posso admitir tanta impudência? *A Matti* — Repete: qual é o teu dever?

Matti — Olhar para sua filha como quem olha para uma criatura de essência superior que se dignou descer entre os mortais.

Puntila — E diante desse espetáculo sem par, você deve arregalar os olhos num estupor de incredulidade, mal acreditando que possa existir uma criatura assim.

Matti — Eu devo arregalar os olhos num estupor de incredulidade, mal acreditando que possa existir uma criatura assim.

Puntila — E como, desde que ficou homem, você nunca pensou senão em porcarias com as mulheres, diante de semelhante prodígio de inocência sentirá o sangue subir até as orelhas, envergonhado de seus pensamentos impuros, e terá vontade de sumir terra adentro. Compreendeu?

Matti — Compreendi, sim senhor.
O Attaché *arrasta Puntila para dentro da casa.*

Eva — Estaca zero.

Matti — Ele tem mais dívidas do que a gente pensava.

Cortina.

Cozinheira *com um recipiente onde bate a nata com o espumador* —
Nesta propriedade há um banheiro
Onde aconteceu coisas de manhã.
Nossa patroazinha tão cristã
Se tranca lá dentro com o motorista
Jogando sete-e-meio.
O noivo dela, o Attaché,
Não acha feio.
Puntila disse:
"Esse Attaché
É um homem tolerante
Com tudo que vê.
Nada tem de plebeu.
Mas de tudo que compra
O devedor sou eu".

## 6

## CONVERSA SOBRE CARANGUEJOS

*Cozinha da propriedade de Puntila. Do exterior, de vez em quando, vem música de dança. Matti lê o jornal. É noite.*

FINA *entra com um monte de roupa suja, vai à caldeira e joga dentro* — D. Eva quer falar contigo.

MATTI — Está certo. Vou acabar o café.

FINA — Não precisa fingir que não acabou, só para bancar o importante. Esse negócio dela conversar contigo parece que te subiu um pouco à cabeça. Aquela não tem ninguém com quem falar, coitada.

MATTI — Sabe que numa noite assim eu gosto de deixar que as coisas me subam um pouco à cabeça? Por exemplo, Fina, se de repente te desse uma vontade de ir comigo até o rio, eu esquecia esse chamado da patroa e ficava com você.

FINA — Não, obrigada. Não estou com vontade.

MATTI *abre o jornal* — Está pensando no professor?

FINA — Entre mim e o professor não existe nada. Ele só queria me instruir e me emprestou um livro. É um homem muito gentil.

MATTI — Pena que ganhe tão pouco, com a instrução que tem. Eu ganho trezentos marcos, ele duzentos. É bem verdade que eu devo saber mais que ele. Se um professor é ignorante, o máximo que pode acontecer é alguém não aprender a ler os jornais. Antigamente isso podia ser um mal. Mas, hoje, que adianta ler jornal? A censura não deixa sair nada. Eu chego a pensar que, se não houvesse professores, não havia necessidade de censura e o governo economizava o ordenado dos censores. Mas se eu enguiço na estrada, os patrões, que andam sempre bêbados, acabam rolando pela ribanceira ou, o que é pior, sujam a roupa na lama. *Faz um gesto para que Fina se sente em seus joelhos.*

*Entram o Juiz e o Advogado com toalhas nos ombros. Estão saindo da sauna.*

JUIZ — Você tem alguma coisa para nos oferecer? Aquele esplêndido leite do outro dia?

*Matti, com a concha, enche dois copos. Fina sai com a roupa.*

ADVOGADO — Hum, que maravilha!

JUIZ — Eu sempre que venho aqui tomo um copo de leite depois da sauna.

ADVOGADO — Ah, as noites de verão da Finlândia!

JUIZ — A mim me dão uma trabalheira infernal, as noites de verão da Finlândia. Os processos de pensão de alimentos para os filhos ilegítimos são um verdadeiro hino às nossas noites de verão. Para poder compreender o poder de sedução de nossas matas durante essa estação, você precisa ir ao tribunal. Quanto aos nossos rios, então, nem se fala. Parece que no verão as mulheres ficam excitadas, só de olharem os rios. Uma culpou o feno, por causa do cheiro forte que exala com o calor. Colher amoras é outra atividade perigosa, e ordenhar vacas, então... Ah, como me cansa essa gente toda ordenhando vacas no verão! O governo também devia mandar cercar de arame farpado todas as moitas do caminho. A tentação dos sentidos é tão reconhecida que não se permite banho de sauna conjunto: é homens prum lado, mulheres pro outro. Mas que adianta? Quando acaba o banho, eles entram juntos nos bosques! É impossível. Qualquer freio é impossível no verão. Andam juntos de bicicleta, sobem juntos nos montes de feno, e deitam juntos nos jardins, porque sopra um fresquinho delicioso. E nascem crianças porque o verão é muito curto, e nascem crianças porque o inverno é muito longo.

ADVOGADO — O bonito é que os velhos também participam. Nos julgamentos, as testemunhas são sempre os velhos. Vêem tudo: vêem o casal que some no mato, vêem os tamancos esquecidos na porta da despensa, vêem o rosto da moça acalorado porque ela foi colher cerejas, ocupação aliás que não faz calor a ninguém, a não ser que a pessoa ponha nela um ardor excessivo. E não vêem, só: os velhos também ouvem: os latões de leite tilintam, as camas rangem. E assim, com os olhos e as orelhas, eles também participam da festa e também gozam um pouco do verão.

JUIZ *ouvindo alguém tocar a campainha*, a Matti — Quer fazer o favor de ir ver quem é que está chamando? Ou melhor, deixa que nós vamos: seremos acusados de não respeitar as oito horas de trabalho. *Sai com o advogado.*

EVA *entra com andar provocante de estrela de cinema e com uma piteira na boca* — Eu toquei, chamando. Você está muito ocupado?

MATTI — Eu? Não! É que só vou pegar no trabalho às seis da manhã.

EVA — Eu vim lhe perguntar se você não quer ir de barco até a ilha. Podíamos pegar uns caranguejos pro almoço de amanhã.

MATTI — Ah, remar a esta hora? Não acha que já é hora de dormir?

EVA — Eu não estou cansada. No verão durmo muito mal, não sei por quê. Se você fosse dormir agora, dormia logo?

MATTI — Direto.

EVA — Que inveja! Bem, prepara as tarrafas. Papai quer caranguejos no almoço, de qualquer maneira. *Gira sobre si mesma e sai com o andar provocante que aprendeu no cinema.*

MATTI *impressionado* — Então vamos, eu remo.

EVA — Mas não está muito cansado?

MATTI — De repente criei nova disposição. É melhor você mudar de roupa. Vamos andar no lodo.

EVA — Está bem. As tarrafas estão na despensa. *Ela sai. Matti veste uma japona. Ela volta de* short *bem curto e sandálias.* Cadê as tarrafas? Você não apanhou?

MATTI — Vamos pegar com a mão, mesmo. É muito mais divertido.

EVA — Mas com as tarrafas é muito mais prático.

MATTI — Eu estive lá com a Arrumadeira e a Cozinheira, não faz quinze dias; pegamos tudo com a mão e foi divertidíssimo, pode perguntar a elas. Eu tenho uma habilidade danada, você sabia? A maior parte das pessoas parece que tem cinco polegares na mão. Eu não; tenho dedos. Os caranguejos são espertos e as pedras escorregam muito, mas a noite está muito clara, ajuda. Não tem uma nuvem no céu, olhei agora mesmo.

EVA *hesitando* — É melhor com a tarrafa. Se pega mais.

MATTI — Você quer muitos?

EVA — Papai não come nada que não seja servido em abundância.

MATTI — Então é outra conversa. Pensei que bastava pegar uns três ou quatro, e depois a gente ficava um pouco junto, assim, né? A noite está tão bonita!

EVA — Já sei que a noite está bonita. Você já disse isso antes. Vai buscar as tarrafas!

MATTI — Ah, não vai me dizer que você leva tão a sério esses caranguejos. Duas bolsas chegam? Eu conheço um lugar onde tem caranguejo assim. Em cinco minutos pegamos o bastante para salvar as aparências.

EVA — Que é que você está dizendo? Olha, fala claro: quer pegar caranguejos ou não quer?

MATTI *depois de uma pausa* — Pensando bem, já é um pouco tarde. *Torna a sentar e a ler o jornal.* Amanhã de manhã, às seis em ponto, eu tenho que levar o Studebaker na estação, para esperar o *Attaché.* Se a gente ficar pescando até as três ou quatro da manhã, não vai me sobrar nem um tempinho pra dormir. Quer dizer, se você faz mesmo questão...

*Sem uma palavra, Eva se vira e sai. Matti torna a tirar a japona e lê. Entra Laina, vinda da sauna.*

LAINA — Fina e a Cozinheira mandam perguntar se você não quer ir lá embaixo, no rio. Estão lá até agora, rindo muito.

MATTI — Vou assim que acabar de ler o jornal. *Pausa.* Estou muito cansado. Primeiro o Mercado de Trabalhadores; depois tive que andar horas com o trator dentro do pântano, e as correias ainda acharam de arrebentar.

LAINA — Também estou morta: o dia inteiro no forno, preparando os doces. Eu não fui feita pra festas de noivado. Mas estou com pena de ir já pra cama, lá fora está tão bonito. É até um pecado dormir com uma noite assim! *Olha para fora pela janela.* Acho que vou descer um pouco. O cavalariço vai tocar sanfona, eu gosto tanto. *Sai morta de cansaço, mas com passo decidido.*

*Eva entra no momento em que Matti vai saindo pela outra porta. Está em trajes de viagem.*

EVA — Preciso que você me leve à estação imediatamente.

MATTI — Pois não. Cinco minutos pra tirar o Studebaker. Espera no portão.

EVA — Vejo que nem se interessa em saber o que pretendo fazer na estação.

MATTI — Acho que pretende pegar o trem das onze para Helsinque.

EVA — Mas não demonstra a menor surpresa.

MATTI — Devia me surpreender por quê? A surpresa de um chofer não adianta nada. Não tem a menor influência sobre o curso dos acontecimentos. Na verdade, em geral, nem sequer percebem se ele ficou surpreendido.

EVA — Decidi passar algumas semanas em casa de uma amiga em Bruxelas, e não quero incomodar papai. Preciso que você me empreste duzentos marcos pra passagem. Naturalmente papai lhe devolve, assim que eu escrever de lá.

MATTI *sem entusiasmo* — Está bem.

EVA — Não precisa ficar com pena do seu dinheiro. Meu pai pode não se importar com quem eu me comprometo, mas dinheiro a você ele não vai querer ficar devendo.

MATTI *cauteloso* — Não sei se ele se sentirá meu devedor, eu dando a você esse dinheiro.

EVA *depois de uma pausa* — Já estou arrependida de ter pedido.

MATTI — Não sei se seu pai vai gostar muito de você partir assim na véspera do noivado, quando os doces já estão todos prontos. Você não devia levar a mal ele ter dito que você podia se interessar por mim. Foi uma distração dele: só pensa na sua felicidade. Ele mesmo me disse. Quando está de porre, digamos, quando bebeu uma dose além da conta, às vezes ele não sabe mais onde está a sua felicidade, e age segundo o sentimento da hora. Mas quando não bebeu nada, e é de novo um homem inteligente, te compra logo um *Attaché*, uma pessoa à altura dos seus milhões: você pode ser embaixatriz em Paris ou no Nepal, e fazer tudo que lhe agradar. Por exemplo, numa noite assim bonita como esta, se tiver vontade de fazer alguma coisa, você faz; se não tiver, não faz.

EVA — Quer dizer que você agora me aconselha a ficar com o Attaché?

MATTI — Srta. Eva: a sua situação econômica não lhe permite desagradar a seu pai.

EVA — Em suma, você já mudou de idéia. Sabe o que você é? Um cata-vento.

MATTI — De acordo. Mas não é justo falar assim dos cata-ventos. São feitos de ferro, não há nada mais sólido. A única coisa que não têm é uma base forte, um apoio seguro. Eu também, infelizmente, não tenho base nenhuma. *Esfrega o indicador com o polegar.*

EVA — Então eu tenho que aceitar o seu conselho com muita prudência, já que você não tem a base necessária para me aconselhar com honestidade. Todas as suas belas palavras sobre o amor de meu pai podem ter nascido apenas do medo de arriscar o dinheiro da passagem.

MATTI — E o meu emprego, que não é tão mau assim.

EVA — Sr. Altonen, o senhor é um miserável materialista, ou, como dizem no seu meio, o senhor só cuida de sua barriga. Nunca vi ninguém mais agarrado ao dinheiro e ao bem-estar. Ah, não são só os ricos que vivem pensando no dinheiro.

MATTI — Lamento ter desiludido a senhorita. Mas não foi culpa minha. O seu pedido foi tão direto... Se tivesse apenas sugerido, se tivesse feito uma alusão, se tivesse deixado a coisa nas entrelinhas, podíamos ter evitado falar de dinheiro tão grosseiramente. Dinheiro provoca desarmonia em toda parte.

EVA *senta* — Não vou me casar com o *Attaché*.

MATTI — Eu pensei bem, e não entendo por que você não quer se casar com ele. Ele ou outro qualquer, dá no mesmo; eu conheço esses tipos. São todos iguais. Muito bem-educados, não jogam um sapato na cabeça da gente nem quando estão bêbados, não discutem questões de dinheiro, sobretudo quando não é deles, e são capazes de gostar de uma pessoa como gostam de um vinho, só porque aprenderam.

EVA — É. Mas com o *Attaché* eu não me caso, não. Me caso com você.

MATTI — Como assim?

EVA — Papai podia nos dar uma serraria.

MATTI — Podia *lhe* dar uma serraria.

EVA — *Nos* dar, se nos casarmos.

MATTI — Olha, moça: uma vez, na Carélia, eu trabalhei numa fazenda onde o dono era um ex-empregado. Toda vez que o vigário vinha visitar a fazenda, a mulher mandava o marido ir pescar. Quando havia festa, ele era encarregado de abrir as garrafas, depois ia pra trás da estufa e ficava jogando paciência. Já tinha filhos grandes e todos só o chamavam pelo primeiro nome: "Vítor, me traz as botas! Depressa, Vítor". Sabe que eu não gosto disso, senhorita?

EVA — Eu sei. Você quer ser o patrão. Posso imaginar como pretende tratar sua mulher.

MATTI — Já andou pensando nisso?

EVA — Nem em sonho! Acha que eu não tenho mais em que pensar, que passo o dia inteiro pensando em você? O que é que levou você a achar isso? Além disso, estou farta de ouvir você falar de você mesmo, do que quer, do que gosta, do que ouviu dizer. Sei muito bem o que há por trás das suas historinhas inocentes, das suas insolências! Você é insuportável! Quer saber de uma coisa?! Tenho horror dos egoístas!

*Sai. Matti torna a se sentar e lê o jornal.*

Cortina.

COZINHEIRA *canta, enquanto unta de manteiga uma fôrma de doce* —

Bela e sozinha
A filha do patrão desceu à cozinha
A filha do patrão desceu à cozinha
De noite, com uma luz.
"Chofer, que músculos bonitos!
Viu a roupa que eu pus
Para pescar caranguejos?"
E o chofer, com um bocejo:
"Ah, suave donzela, seu desejo
De pescar caranguejo
No verão é natural.
Mas ainda não percebeu
Que estou lendo o jornal?".

## 7

## A ASSOCIAÇÃO DAS NOIVAS DO SR. PUNTILA

*Pátio da casa de Puntila. Domingo de manhã. Na sacada, Puntila discute com Eva, que segura o espelho para ele. De longe ouve-se o badalar dos sinos.*

PUNTILA — Você casa com o *Attaché*, e pronto! Do contrário, não te dou um níquel. Sou responsável pelo teu futuro.

EVA — Mas antes você me disse que eu não devia casar com ele, porque não é um homem. Que eu devia casar com alguém que eu amasse.

PUNTILA — Acontece que eu falo um pouco demais quando bebo um copo além da sede. Mas não me agrada nada essa tua mania de sofismar com minhas palavras. Estou te avisando, Eva: se te pego outra vez com esse chofer, ai de você! Não pensou sequer no escândalo que seria, se alguém te visse saindo da sauna com ele? *Olha para o lado e vocifera* — Quem foi que soltou os cavalos no campo de trevos?

UMA VOZ — Foi uma ordem do cavalariço, Sr. Puntila!

PUNTILA — Tira os animais daí! *A Eva* — Basta que eu me ausente meio dia, e tudo aqui vira de cabeça para baixo. Sabe por que é que os cavalos foram parar no campo de trevo? Porque o senhor cavalariço faz amor com a jardineira. Sabe por que aquela potranca, que tem só um ano e dois meses, já está prenhe e não vai mais crescer? Porque a governanta vive aí se esfregando com o Veterinário. Também por isso, naturalmente, ninguém tem tempo de impedir que o touro cubra minhas vaquinhas virgens; e ele faz o que lhe apetece. Que porcaria! E se a jardineira — ah, com essa vou ter uma conversinha! — não ficasse aí o tempo todo se abrindo para o cavalariço, este ano eu não tinha só cem quilos de tomate para vender. Uma mina de ouro, esses tomates! Em suma, de uma vez por todas, eu tenho que acabar com essas sujeiras na minha fazenda! Me custam muito caro, compreende? E você também, com o seu chofer! Um basta nisso! Não vou permitir que arruínem a minha propriedade.

EVA — Mas eu não estou arruinando nada!

PUNTILA — Eu avisei! Não pretendo tolerar nenhum escândalo. Te preparei um noivado de seis mil marcos e estou fazendo tudo o que posso pra introduzir você na melhor sociedade. Sabe o que isso custa? Isso me custa um bosque. E você sabe o que é um bosque? Então, se não sabe, como é que se comporta assim, dessa maneira, andando com gato e cachorro, até com meu chofer? *Matti surgiu embaixo, no pátio. Escuta.* Se gastei rios de dinheiro na tua educação em Bruxelas, não foi pra você se atirar nos braços de um chofer! Se não se mantém essa gente no devido lugar, eles se tornam insolentes e acabam querendo dormir na nossa cama. Dez passos de distância, sempre, e nenhuma intimidade, senão é o caos! Nesse ponto eu sou intransigente. Sai.

*No portão da propriedade aparecem as quatro mulheres de Kurguela. Elas se consultam, tiram os lenços da cabeça, substituindo-os por adornos de palha. Cada uma traz um ramalhete de flores do campo. Sandra, a telefonista, é mandada à frente.*

SANDRA — Bom-dia! Eu queria falar com o Sr. Puntila.

MATTI — Creio que hoje não vai ser possível. Ele está de mau humor.

SANDRA — Mas acho que não vai se recusar a ver a noiva.

MATTI — Você é noiva dele?

SANDRA — Acho que sim.

PUNTILA *fora de cena* — E não quero mais ouvir palavras como essa! Pra mim, dizer amor é o mesmo que dizer porcaria, e nesta casa eu não admito porcarias! A tua festa de noivado já começou, já mandei matar um leitão e não posso mais dar marcha a ré na morte dele. Você acha que o leitão vai me fazer a gentileza de voltar a roncar no chiqueiro só porque você mudou de idéia? E depois, eu já decidi e está decidido. Quero viver em paz nesta casa, de hoje em diante. Não me obedece e eu mando pôr um cadeado na porta do teu quarto, entende?

*Passos e logo uma batida na porta com violência. Matti pega uma vassoura comprida e se põe a varrer o pátio.*

SANDRA — Tenho a impressão de que conheço essa voz.

MATTI — É natural, é a voz do seu noivo.

SANDRA — É mesmo? Engraçado, em Kurguela a voz era diferente.

MATTI — Ah, vocês ficaram noivos em Kurguela? Quando o Sr. Puntila estava procurando álcool de lei?

SANDRA — A voz era diferente, mas as circunstâncias também: acho que é por isso que estou estranhando. E, além disso, eu via a cara dele enquanto falava, uma cara aberta, cordial: estava sentado no automóvel e tinha o rosto iluminado pela luz da aurora.

MATTI — Eu conheço esse rosto e conheço essa aurora. Mas acho melhor você voltar pra casa. Você é demais, aqui.

*Ema avança. Finge que não conhece a telefonista.*

EMA — O Sr. Puntila está? Eu tenho urgência de falar com ele.

MATTI — Infelizmente é impossível. Mas pode falar aqui com a noiva dele.

SANDRA *representando* — Você não é Ema Takimainen, que faz contrabando de álcool?

EMA — Eu, contrabando de álcool? Só porque uso um pouco de aguardente pra fazer massagens na mulher do chefe de polícia? A mulher do chefe da estação também usa meu álcool pra fazer licor de cereja. Por aí você vê que é álcool de lei. E que história de noiva é essa? Estão vendo só? A telefonista diz que é noiva do meu noivo, o Sr. Puntila. Essa é muito forte, ó, andrajosa!

SANDRA *radiante* — E o que é que eu tenho aqui no meu dedo, você não enxerga não, ó, bruxa?

EMA *venenosa* — Uma verruga. E aqui no meu, o que é que você vê? A noiva sou eu, não você. Noiva direito, com anel e bebida.

MATTI — Um momentinho! As senhoritas são ambas de Kurguela? Parece que lá tem mais noivas do que moscas no verão.

*Avançam agora Lisu, a ordenhadora, e Manda, a empregada da farmácia.*

AMBAS — É aqui que mora o Sr. Puntila?

MATTI — Vocês são de Kurguela? Então ele não mora aqui. Eu sei muito bem, porque sou chofer dele. Esse Sr. Puntila, de quem vocês ficaram noivas, é um outro senhor com o mesmo nome.

LISU — Mas eu sou Lisu Jackara! O Sr. Puntila é mesmo meu noivo, eu posso provar. *Indicando a telefonista* — Ela também pode provar: ela também é noiva dele.

EMA E SANDRA — Sim, podemos provar. Nós quatro somos noivas do Sr. Puntila.

*Todas começam a rir.*

MATTI — Estou contente que possam provar. Vou falar claro: se a noiva fosse uma só, eu não me interessava, mas reconheço a voz do povo onde quer que a ouça. Proponho que vocês fundem uma Associação das Noivas do Sr. Puntila. E logo ajunto uma pergunta do maior interesse: que pretendem fazer?

SANDRA — Contamos pra ele? Bom, nós temos um velho convite do Sr. Puntila pra virmos todas as quatro à festa de noivado.

MATTI — Bem, um convite desses vale tanto quanto a neve do ano passado. Acho que vocês vão fazer o efeito de quatro patos selvagens que chegam ao pântano quando o caçador já foi embora.

EMA — Quer dizer que não somos bem-vindas.

MATTI — Não quero dizer isso. Estão é chegando muito cedo. Vou procurar apresentar vocês no momento adequado, para que recebam o tratamento digno das noivas que são.

MANDA — É tudo brincadeira; nós só queremos nos divertir e dançar um pouco.

MATTI — Se esperarem o momento propício, isso se arranja. Quando eles bebem um pouco, ficam mais animados e adoram o grotesco: esse é o momento pras quatro noivas fazerem sua entrada triunfal. O Padre vai se escandalizar, e quando o Padre se escandaliza o Juiz é um homem feliz. Nós, a Associação das Noivas do Sr. Puntila, entraremos na sala cantando o Hino Municipal e levando uma anágua como estandarte.
*Gargalhadas gerais.*

EMA — Você acha que ganhamos um café ou que nos deixam dançar alguma coisa?

MATTI — Vossas reivindicações são perfeitamente justas. Uma vez que falsas esperanças foram levantadas e despesas foram feitas, a Liga tem todo o direito de tentar obter reembolso ou compensação pelo dinheiro versado. Vocês vieram de trem, não?

EMA — De segunda!
*Fina atravessa o pátio carregando uma bola de manteiga.*

LISU — Que beleza!

EMA — Manteiga de primeira!

MANDA — Ei, por favor, não sei como se chama: nós acabamos de chegar de trem, você não podia nos dar um copo de leite?

MATTI — Um copo de leite antes do almoço? Estraga o apetite.

LISU — Não tenha medo.

MATTI — Para o sucesso de nossa missão, é preciso que eu faça o noivo beber alguma coisa que não seja leite.

SANDRA — É verdade, senti que ele estava com a voz seca.

MATTI — Telefonista: você que sabe tudo e propaga o que sabe, já me entendeu. Ela sabe que o álcool pra ele é mais importante que o leite pra vocês.

LISU — É verdade que Puntila tem noventa vacas? Ouvi dizer.

SANDRA — Você ouviu isso, mas não ouviu a voz dele.

MATTI — Acho que vocês todas são moças sensatas. Portanto, contentem-se, por enquanto, com o cheiro da cozinha.
*Atrás da cozinheira dois homens carregam o leitão morto.*

MULHERES — Puxa! Isso dá prum batalhão! Tosta ele bem, hein?! Bota um pouco de manjerona!

EMA — Vocês acham que eu posso abrir um pouco a saia durante o almoço, quando ninguém estiver olhando? Está meio apertada!

SANDRA — À mesa?

MANDA — O Sr. Puntila podia ver.

MATTI — Já pensaram no almoço de que vão participar? Vocês estarão assim com o Juiz, Presidente do Supremo Tribunal de Viburgo. Ouçam só o que eu vou falar. *Crava a vassoura no chão e se dirige ao Juiz* — "Sr. Juiz, eis aqui quatro mulheres de condição modesta, dominadas pela ansiedade, apavoradas com o fato de poderem ver rejeitadas suas pretensões. Para virem até aqui, ao encontro do esposo prometido, percorreram a pé os longos e esburacados caminhos das nossas estradas municipais. Uma bela manhã, dez dias atrás, um senhor muito bem alimentado apareceu na aldeia delas, dirigindo um Studebaker. Entregou a cada uma o anel sacramental e prometeu casar com elas. É possível que agora negue tudo, que afirme nada disso ter acontecido. Sr.

Presidente, cumpra o seu dever dando uma sentença humana a favor dessas pobres mulheres, ou eu o advirto de que um dia o Supremo Tribunal de Viburgo deixará de existir!".

Sandra — Bravo!

Matti — O Advogado também beberá à saúde de vocês; o que é que você vai dizer a ele, Ema Takinainen?

Ema — Direi: "Estou encantada com a oportunidade de tê-lo conhecido". E depois: "O senhor, por acaso, não podia fazer minha declaração de imposto e depois discutir com os fiscais?". E depois: "O senhor, que fala tão bem, não pode dar um jeitinho de livrar meu marido do serviço militar? O coronel vive infernando a vida dele, e eu, sozinha, não dou conta da plantação de batatas. E também queria que alguém não deixasse mais o dono do armazém me roubar quando bota no caderno os preços do sabão, do querosene e do açúcar".

Matti — Isso é o que se chama aproveitar a ocasião. Mas se o marido for o Sr. Puntila, você não precisa se preocupar com os impostos. Quem casa com ele, pode pagar. O médico também vai estar à mesa. O que é que vocês vão dizer a ele?

Sandra — "Sr. doutor", eu vou dizer, "eu ainda sinto aquela dor na espinha, mas não precisa fazer essa cara, porque pretendo pagar muito bem esta consulta, assim que me casar com o Sr. Puntila. Também não precisa ter pressa, porque ainda estamos na sopa, a água pro café nem está no fogo e o senhor é responsável pela saúde pública".

*Dois trabalhadores rolam dois barris de cerveja pra dentro de casa.*

Ema — Hum, cerveja!

Matti — O Padre é outro que vai estar à mesa. O que é que você vai dizer a ele?

Lisu — Vou dizer: "Agora vou ter tempo de ir à igreja aos domingos, se tiver vontade".

Matti — Pra discurso de almoço, é muito curto. De modo que eu vou acrescentar: "Monsenhor, hoje é o dia em que Lisu, a ordenhadora, se senta pela primeira vez diante de um prato de porcelana. O senhor deve ficar muito contente com isso, porque está escrito que todos são iguais diante de Deus; ora, por que também não serem iguais diante do Sr. Puntila? E pode estar certo de que Lisu, como nova dona desta propriedade, haverá de tratá-lo muito bem: sempre umas garrafinhas de vinho branco no dia de seu aniversário, e assim o senhor poderá continuar com a sua eloqüência em louvor das campinas celestes, e ela não terá mais que conduzir as vacas pelas campinas da terra".

*Enquanto Matti fala, Puntila aparece na sacada e escuta, o rosto sombrio.*

Puntila — Quando acabar o discurso, me avisa! Quem é essa gente aí?

Sandra *rindo* — São suas noivas, Sr. Puntila. O senhor não se lembra?

Puntila — Eu? Nunca vi nenhuma de vocês.

Ema — Como? Não me conhece? Não está vendo o anel?

Manda — Anel feito com argolas de cortina da farmácia de Kurguela.

Puntila — O que é que vocês vieram fazer aqui? Arranjar encrenca?

Matti — De maneira alguma. Agora mesmo estávamos discutindo como aumentar a alegria da festa e fundamos a Associação das Noivas do Sr. Puntila.

Puntila — E por que não um Sindicato? Onde você se mete, as coisas acabam nisso. Eu te conheço, eu sei o jornal que você lê.

Ema — É tudo brincadeira, Sr. Puntila: queríamos só ver se nos davam um café.

Puntila — Eu sei o que são essas brincadeiras! Vocês vieram foi fazer chantagem, querem ver se me arrancam alguma coisa!

Ema — De modo algum, Sr. Puntila!

Puntila — Mas eu ensino vocês! Só porque fui amável, querem se aproveitar de mim, ganhar o dia à minha custa, não é? Olha, se não saírem imediatamente eu chamo a polícia e mando prender todas. Você aí, estou te conhecendo: não é a telefonista de Kurguela? Vou telefonar à direção, para perguntar como é que eles admitem essas brincadeiras num funcionário público. E quanto às outras, eu vou saber quem são, uma por uma.

Ema — Compreendemos. O senhor sabe, Sr. Puntila, o que mais gostaríamos de ter era alguma coisa pra lembrar na velhice. Vou só me sentar um pouco, aqui no chão de sua casa, pra poder dizer que me sentei um dia na propriedade do Sr. Puntila, convidada por ele. *Senta-se no chão.* Assim, oh, ninguém saberá que eu me sentei no chão, ninguém poderá me chamar de mentirosa. Não preciso dizer que não me deram uma cadeira e que tive de me sentar no solo de Tavasto, que os livros de escola dizem que paga todo o suor que a gente emprega nele. O que os livros não dizem é que quem emprega o suor é um e quem recebe é outro. Esse cheirinho bom, não é vitelo assado? Aquilo que eu vi não era uma bola de manteiga? O que passou rolando não era um barril de cerveja? *Canta —*

E o lago e o monte
E as nuvens no horizonte
São o amor do povo de Tavasto
Desde as quedas imensas do Aabo
Ao verde vergel virgíneo e vasto.

Me digam, eu não tenho razão? E agora me levantem, não me deixem nesta posição histórica.

Puntila — Fora! Fora daqui!

*As quatro mulheres jogam no chão os adornos de palha. Matti varre os adornos.*

Cozinheira *enquanto enxágua os copos de vinho, canta —*

As noivas da Associação chegaram todas
Para os festejos do noivado
E o Sr. Puntila gritou
Já irritado, àquela hora da manhã:

"Mas desde quando, na tosquia,
As ovelhas têm direito a parte da lã?
Só porque vou pra cama com vocês
Uma vez na vida,
Sou obrigado a lhes dar comida?".

## 8

## HISTÓRIAS FINLANDESAS

*Entrada principal. Anoitece. As quatro mulheres voltam para casa.*

Ema — Como é que a gente vai adivinhar quando um patrão está de ovo virado? Quando bebem, brincam com a gente, beliscam a gente onde não devem, e, se não tomamos cuidado, arrastam a gente pro mato. Cinco minutos depois já foram mordidos por um escorpião e temos sorte se não chamam a polícia. Estou com um prego no sapato.

Sandra — A sola furou.

Lisu — Não foi feita para andar cinco horas na estrada.

Ema — Agora não presta mais. Podia ter durado um ano. Me arranja uma pedra! *A Telefonista lhe dá uma pedra, e, enquanto uma bate a sola, as outras se sentam em volta.* Eu disse que a gente não deve levar patrão a sério. Uma hora estão assim, outra hora estão assado, outra cozido. A mulher do antigo chefe de polícia às vezes me chamava de madrugada pra fazer massagem, quando os pés inchavam; pois, cada vez que eu chegava, ela me tratava de um jeito diferente. Dependia dos negócios lá dela com o marido. Parece que ele andava com a empregada. Um dia ela me ofereceu bombons, e eu compreendi que ele tinha deixado a empregada. Mas deve ter voltado a andar com a garota, porque de repente a madame não conseguia mais se convencer de que eu tinha feito dez massagens durante o mês e não seis. Perdeu completamente a memória.

MANDA — É, mas às vezes têm uma memória de ferro. Como Pekka, o que ficou rico nos Estados Unidos! Depois de vinte anos, voltou pra ver a família. Eles eram tão pobres que pediam a minha mãe as cascas de batata, imaginem só. Mas quando Pekka voltou, eles fizeram um carneiro assado pro americano ficar satisfeito. Ele comeu, ficou satisfeito, e depois lembrou que há muito tempo tinha emprestado vinte marcos ao avô. E balançava a cabeça, cheio de pena, tanta dor ele tinha de se despedir pra sempre dos seus vinte marcos.

SANDRA — Mas, se não fosse assim, como é que iam ficar ricos? Numa noite de inverno de 1908 o lago estava gelado. Era uma noite horrível. Um proprietário, nosso conhecido, contratou um cocheiro para atravessar o lago. Eles sabiam que havia um buraco no gelo em algum lugar, mas não sabiam onde. Por isso o cocheiro teve que andar a pé, na frente do carro, durante doze quilômetros. O proprietário estava com tanto medo que prometeu um cavalo, se ele conseguisse chegar do outro lado. No meio do lago o homem disse ao cocheiro que, se chegassem do outro lado, lhe daria um vitelo bem gordo. Depois, quando começaram a avistar as luzes da aldeia ele disse: "Vamos, coragem, força, ou você não ganha o seu relógio!". A cinqüenta metros da margem ele ainda falava de um saco de batatas. Quando chegaram ele deu ao cocheiro meio marco de gorjeta e disse: "Puxa, como você demorou!". Nós somos muito estúpidos e eles, muito sabidos, nos tapeiam sempre. O que atrapalha é que eles são iguaisinhos a nós. Se tivessem corpo de urso ou de cobra, a gente tomava mais cuidado.

MANDA — Não se deve brincar com eles nunca. Não se deve aceitar nada deles, nunca.

EMA — É bonito de dizer: não aceitar nada deles. Eles têm tudo e nós nada. Não beber água do rio, morrendo de sede?

MANDA — Por falar nisso, estou morrendo de sede.

LISU — Eu também. Em Kansala tinha uma moça que dormiu com o filho do patrão. Saiu um filhinho, mas no Tribunal de Helsinque ele negou tudo pra não ter que pagar os alimentos. Então ela arranjou um advogado e o advogado levou pro tribunal todas as cartas que o rapaz tinha escrito pra ela quando estava no serviço militar. O que ele dizia nas cartas era tão claro que ninguém lhe tirava cinco anos de cadeia por falso juramento. Só que quando o juiz começou a ler a primeira carta em voz alta, bem devagar, palavra por palavra, a moça berrou que queria suas cartas de volta e não ganhou os alimentos. Dizem que chorava como uma cascata, quando saiu do Tribunal. A mãe dela estava furiosa e o patife ria, satisfeito! Coitada, estava apaixonada!

SANDRA — Se comportou como uma idiota!

EMA — Calça o sapato! Depende... Podia até ter feito bem, agindo assim. Eu conheço um rapaz de Viburgo que não quis receber nada deles. Tinha dezoito anos e, como andava metido com os vermelhos, foi internado no campo de Tammerfors. Não lhe davam nada pra comer. Pra não morrer de fome, ele comia capim. A mãe então foi visitar ele, levando alguma coisa: teve que andar oitenta quilômetros! A pé! Era lavradora numa plantação, e a patroa deu a ela um peixe e meio quilo de manteiga. A maior parte do tempo ela ia a pé, mas quando passava um carro de lavradores ela pedia carona por um pedaço de caminho. E aí contava: "Vou ver meu filho Athi, no campo de concentração de Tammerfors, e minha patroa me deu este peixe e meio quilo de manteiga pra levar pra ele". Logo que acabava de dizer isso, mandavam ela descer porque o filho era vermelho. Aí ela passava pelas lavadeiras do rio e contava de novo: "Vou encontrar meu filho Athi, no campo de concentração de Tammerfors, e minha patroa, que Deus a abençoe, me deu um peixe e meio quilo de manteiga pra levar pra ele". E quando ela chegou no campo repetiu a mesma história, e repetiu para o próprio comandante, que caiu na gargalhada e deixou ela entrar, coisa que era absolutamente proibida. Na frente do campo ainda havia capim, mas dentro dos cercados nada, nem um fio; nem uma casca de árvore; eles tinham comido tudo. Isso acontecia sempre, vocês não sabiam? Entre guerra e prisão, já tinha dois anos que ela não via o filho. Athi estava um espeto: "Ah, você está aí, Athi, meu filho", ela disse. "Tome, olhe: trouxe um peixe e meio quilo de manteiga. A patroa me deu, pra você." Athi disse bom-dia, perguntou como ia o reumatismo dela, falou de alguns vizinhos, mas a manteiga e o peixe nem quis ver. Ou melhor, ficou com raiva quando ela insistiu, e gritou: "Você foi pedir por caridade, à patroa, essa porcaria? Devolve tudo a ela: eu não aceito nada dessa gente!". E assim ela teve que embrulhar tudo de novo. Athi estava morto de fome. Ela se despediu dele e voltou para casa, um pouco a pé e um pouco de carro, quando encontrava algum. Uma vez disse a um camponês: "O meu filho Athi está no campo de concentração, morto de fome, mas não quis aceitar nem o peixe nem a manteiga que eu levei, porque foi a patroa que deu de caridade e dessa gente ele não aceita nada". A viagem era muito comprida e ela era muito velha. De tempos em tempos ela se sentava na beira da estrada, comia um pouquinho do peixe e um pouquinho da manteiga. Não comia muito, porque o peixe e a manteiga já não estavam mais frescos, e até fediam um pouco. Mas repetia pras mulheres que lavavam no rio: "No campo de concentração, o meu filho Athi não quis aceitar nem o peixe nem a manteiga, porque foi a patroa que deu de caridade e dessa gente ele não aceita nada". Repetia isso pra todo mundo que encontrava, e deve ter causado uma certa impressão nas pessoas, porque eram oitenta quilômetros de estrada.

LISU — Ainda há homens como esse Athi.

EMA — Muito poucos.
*Levantam-se e saem sem dizer mais nada.*
*Cortina.*

COZINHEIRA *com um moinho na mão, mói café e canta* —
A festa das quatro noivas,
Que eram noivas de um velhaco,
Termina com as quatro noivas
Pondo a viola no saco.
Galo que crê nos senhores,
Chamando-os de protetores,
Passa a viver sem cautela
E é o primeiro na panela.

## 9

## PUNTILA DÁ A FILHA A UM HOMEM

*Sala de jantar com pequenas mesas e um enorme bufê. À esquerda, mesas com louça de café e outros utensílios. O Padre, o Juiz e o Advogado tomam café e fumam. Puntila está sentado num canto e bebe em silêncio. Na sala ao lado, dança-se ao som de um gramofone.*

PADRE — É muito raro encontrar-se uma fé verdadeira. O que se encontra geralmente é dúvida e indiferença. Dá para desesperar, o nosso povo. Eu não me canso de repetir que, se não fosse pela vontade do Altíssimo, não nasceria nem um amendoim, e no entanto eles encaram a natureza como uma coisa natural. Como se, dando frutos, ela não fizesse mais que a obrigação. Para mim essa descrença toda vem do fato de não freqüentarem a igreja aos domingos, deixando-me falar aos bancos vazios. Como se não tivessem bastantes bicicletas: cada criado tem uma. O que acontece é que são umas almas danadas: esta é a verdade verdadeira. Senão, como se explica o que aconteceu na semana passada, à cabeceira de um agonizante? Eu estava explicando a ele as maravilhas que aguardam um homem quando atravessa em paz as fronteiras da morte, quando ele me perguntou: "O que é que o senhor acha, as batatas vão agüentar a chuva?". Não dá uma vontade de largar tudo? Tanto trabalho posto fora.

JUIZ — Eu o compreendo, monsenhor. Iluminar escuridão tão negra não é tarefa fácil.

ADVOGADO — Também pra nós, advogados, a vida anda difícil. Sempre vivemos das brigas dos camponeses, homens de cabeça dura, que preferem pedir esmola do que renunciar a um direito. Continuam com a mesma vontade de brigar, de se ofender, de se esfaquear, de fazer uns aos outros todo o mal possível. Mas, assim que sabem que um advogado cobra quatro marcos por uma consulta, ficam logo calminhos e abandonam o mais lindo processo pelo deus do ouro.

JUIZ — São sinais dos tempos; tempos de comércio e cobiça. Um nivelamento geral. Acabaram-se os bons tempos. A gente que lida com o povo muitas vezes se desespera, mas é preciso paciência. Nós, da elite, temos que fazer tudo pra civilizá-los, um pouquinho que seja.

Advogado — Puntila, por exemplo, pode não fazer nada; só fica olhando. A plantação não precisa dele. Mas um processo, um processo é uma coisa extremamente complicada. A gente fica de cabelos brancos pra fazer um processo atingir a maturidade. Quantas vezes pensamos que um processo vai morrer jovem por falta de testemunhas, e de repente ele recupera a saúde de novo, crescendo normalmente? Quando um processo começa, quando é mocinho, é que precisa dos maiores cuidados. É enorme a taxa de mortalidade dos processos jovens. Mas, uma vez bem alimentado de documentos, ele cresce sozinho. Um processo que passou dos quatro ou cinco anos, tem toda possibilidade de atingir uma idade avançada. Mas até a gente chegar lá, que luta de cão!

*Entram o* Attaché *e a Mulher do Padre.*

Mulher do Padre — Sr. Puntila, tem que cuidar um pouco mais dos seus convidados. O senhor ministro está dançando com Eva, mas já perguntou várias vezes pelo senhor.

Juiz — Também acho que você não está dando ao ministro a atenção devida.

*Puntila não responde.*

Attaché — Agora mesmo, monsenhor, sua esposa deu ao ministro uma resposta brilhante, deliciosa! Ele perguntou se ela não gostava de *jazz*. Fiquei esperando a resposta com o máximo de curiosidade. Ela refletiu um instante e respondeu: "Pra mim, todos os tipos de dança são indiferentes. Eu só dançaria se pudesse dançar com a música de um órgão de igreja". O ministro chorou de rir com a resposta. Que é que você acha, Puntila?

Puntila — Não acho nada. Não costumo criticar meus convidados. *Faz um sinal para o Juiz se aproximar.* Frederico, essa cara te agrada?

Juiz — Que cara?

Puntila — A do *Attaché*. Fala a verdade, hein!?

Juiz — Cuidado, Puntila, o ponche está muito forte.

Attaché *repete a* bocca chiusa *a melodia da sala ao lado e ensaia passos de dança* — É um ritmo irresistível, não é?

Puntila *faz novo gesto para o Juiz se aproximar, e este procura não notar* — Frederico, fala com sinceridade! Diz a verdade: que é que você acha dessa cara? Olha que essa cara vai me custar um bosque.

*Os outros convidados cantam em coro: "Eu procuro Titina...".*

Attaché *que não percebe nada* — Eu não consigo guardar uma letra de música; já na escola era um inferno eu decorar uns pontos. Agora, o ritmo eu tenho no sangue.

Advogado *vendo que os sinais de Puntila se tornam mais evidentes* — Está um calor danado aqui. Vamos pro salão? *Tenta arrastar o* Attaché.

Attaché — Mas há um verso que não me sai da cabeça: "We have no bananas". Portanto, minha falta de memória não é de desesperar.

Puntila — Frederico, olha e julga: olha bem, Frederico!

Juiz — Vocês conhecem a piada do judeu que esqueceu o capote no café? Não conhecem? Pois é: ele esqueceu o capote no café. O pessimista disse: "Ela vai encontrar o capote". O otimista disse: "Ele não vai encontrar o capote".

*Todos riem.*

Attaché — Bem. E depois?

*Novas risadas.*

Juiz — Meu caro Eino, parece que você não pegou bem o sentido da piada.

Puntila — Frederico!

ATTACHÉ — Então me explica, por favor! Tenho a impressão de que o senhor trocou as respostas. O otimista devia dizer: "Ele vai encontrar o capote".

JUIZ — Não, não, o pessimista! Procura entender. A piada está justamente aí: o capote é tão velho que é melhor não encontrá-lo.

ATTACHÉ — Ah, o capote é muito velho! Mas isso o senhor não tinha dito. Ah! Ah! Ah! É a piada mais formidável que eu já ouvi.

PUNTILA *levanta-se, sombrio* — Chegou o momento de intervir. Não sou obrigado a suportar um homem assim! Frederico, você não quis responder a uma pergunta que eu fiz com a máxima seriedade: acha que devo introduzir na minha família uma cara dessas? Você se recusou a responder. Mas eu sou homem bastante decidido para resolver sozinho. Um homem sem humor não é um homem. *Com dignidade* — Saia de minha casa! É, você mesmo! Não adianta se voltar assim, como se eu estivesse falando com outra pessoa!

JUIZ — Puntila, você está exagerando.

ATTACHÉ — Senhores, eu peço que ignorem este incidente. Não podem imaginar como é delicada a posição dos membros do Corpo Diplomático. Basta a mais insignificante mancha, do ponto de vista moral, para que nos neguem certas credenciais. Em Paris, por exemplo, a sogra do secretário da legação romena agrediu o amante com um guarda-chuva e o escândalo foi imediato.

PUNTILA — Um gafanhoto de fraque! Um gafanhoto que pretende devorar um bosque inteiro!

ATTACHÉ *nervoso* — Compreendem? Que ela tivesse um amante, é normal; que ela o tivesse agredido, é concebível; mas com um guarda-chuva é vulgar. Aí está a nuança.

ADVOGADO — Puntila, ele tem razão. A honra que está em jogo aqui é uma honra especialíssima. Ele pertence ao Corpo Diplomático.

JUIZ — Esse ponche está forte demais para você, Puntila.

PUNTILA — Frederico, você ainda não percebeu a gravidade da situação.

ATTACHÉ — Enquanto não se disser explicitamente o nome de ninguém, tudo é reparável. A coisa só se torna irreparável quando as injúrias são acompanhadas explicitamente dos nomes a quem se dirigem.

PUNTILA *com amargo sarcasmo* — E como é que eu faço agora, Frederico? Não vou poder me livrar dele? Esqueci o nome dele! Louvado seja Deus, já sei! Está aqui. *Puxa do bolso.* Está aqui, na promissória que ele me deu para resgatar. Se chama Eino Silakka. Vocês acham que agora ele vai embora?

ATTACHÉ — Atenção, senhores; um nome foi pronunciado. A partir deste momento, cada palavra que não seja pesada até o último miligrama pode ter conseqüências funestas.

PUNTILA — Esse não tem jeito. *Vocifera* — Dá o fora daqui, eu já não disse? E nunca mais me apareça em minha casa, está ouvindo? Acha que vou entregar minha filha a um gafanhoto de fraque?

ATTACHÉ *voltando-se para Puntila* — Puntila, você está ficando agressivo. Se me põe para fora de sua casa, atravessa a imperceptível e delicada fronteira que conduz ao escândalo.

PUNTILA — Agora é demais. Agora eu perco a paciência. Eu não queria gritar. Queria te fazer entender assim, discretamente, que a tua cara me revolta o estômago, e que é melhor você sair da minha frente. Mas você me obriga a falar claro e direto. É só por isso que eu te digo: "Dá o fora daqui, seu merda!".

ATTACHÉ — Puntila, isso eu não tolero. Senhores, os meus respeitos! *Vai saindo.*

PUNTILA — Sai mais depressa! Quero te ver correndo, seu patife! Vou te ensinar a me dar respostas insolentes! *Corre atrás dele.*

*Todos o seguem, com exceção da Mulher do Padre e do Juiz.*

MULHER DO PADRE — Agora vai ser um escândalo!

Eva *entra cantarolando* — Que barulho é esse? Que foi que aconteceu?

Mulher do Padre *correndo para Eva* — Ah, querida, aconteceu uma desgraça! Seja forte, minha filha, tenha ânimo!

Eva — Mas o que foi que aconteceu?

Juiz — Toma antes um xerez, Eva. Teu pai bebeu uma garrafa inteira de ponche e botou o Eino para fora de casa. De repente não agüentou mais a cara dele.

Eva — O xerez está com gosto de rolha, que pena! Que foi que papai disse?

Mulher do Padre — Você não está transtornada, Eva?

Eva — Estou, estou.
*O Padre volta.*

Padre — Ih, foi terrível!

Mulher do Padre — Que aconteceu? Alguma coisa de novo?

Padre — Uma cena horrível no pátio: Puntila atacou o *Attaché* a pedradas.

Eva — Acertou alguma?

Padre — Não sei. O Advogado protegeu-o com o corpo. E o ministro aí na sala...

Eva — Tio Frederico, agora estou quase certa de que ele não volta. Felizmente o ministro estava aqui. Senão, não haveria nem a metade de um escândalo.

Mulher do Padre — Eva!
*Entra Puntila, seguido de Matti, Laina e Fina.*

Puntila — Amigos, acabo de dar uma olhada na abjeção do mundo. Entrei ali no salão com as melhores intenções, para anunciar que tinha cometido um grave erro mas estava disposto a repará-lo: que eu quase tinha deixado minha filha casar com um gafanhoto de fraque, mas agora ia entregá-la a um homem, como sempre foi minha intenção. Eu disse: "Esse homem, esse rapaz magnífico, é Matti Altonen, um ótimo chofer e excelente amigo. Quero que todos brindem à felicidade de um casal jovem e ditoso". Pois muito bem: querem saber qual foi a reação? O ministro, que eu pensava ser um homem esclarecido, me olhou como se olha um cogumelo venenoso. E pediu o automóvel. Naturalmente todos o imitaram: um bando de macacos! Que espetáculo! Me senti um mártir cristão diante dos leões, mas a minha opinião eles souberam: consegui pegar o ministro antes dele subir no automóvel e disse a ele que ele também era um merda. Creio que exprimi bem o sentimento de todos, não é verdade?

Matti — Sr. Puntila, acho que devíamos ir todos para a cozinha, discutir o assunto com uma garrafinha de ponche.

Puntila — E por que na cozinha? O noivado de vocês ainda não foi festejado. Só festejamos o outro, o falso. Uma despesa inútil. Vamos reunir as mesinhas todas e fazer uma mesa grande. Recomecemos tudo. Fina, senta aqui do meu lado.
*Os outros reúnem as mesinhas, como ele mandou, formando uma mesa grande. Eva e Matti pegam cadeiras. Puntila se senta no meio da sala.*

Eva *a Matti* — Não fica me olhando assim! Está com o olhar igualzinho ao de meu pai, ontem de manhã, quando serviram a ele um ovo podre. Você já me olhou de outra maneira, outras vezes.

Matti — Estava olhando a forma do ovo.

Eva — Ontem de noite, quando você quis ir à ilha pescar caranguejos comigo, os caranguejos entravam na conversa só como pretexto.

Matti — Era de noite, e ninguém tinha falado em casamento ainda.

Puntila — Fina, senta aqui do meu lado! Laina, senta também! Monsenhor, senta o senhor também aí perto da moça. Senhora, por favor, ali junto da Cozinheira. E você, Frederico, escolhe um bom lugar pra você. Matti, Eva, alegria! Senhora, por favor, faça as honras da casa! *Todos se sentam com má vontade. Silêncio. Para a Cozinheira* — Laina, deixa essa garrafa em paz e bota as tuas quatro letras nessa cadeira. Quatro letras, é: R-A-B-O.

MULHER DO PADRE *à Cozinheira* — Já pôs os cogumelos em conserva este ano?

LAINA — Não ponho em conserva. Deixo secar.

MULHER DO PADRE — Como?

LAINA — Corto em pedacinhos, furo com uma agulha, enfio num barbante e penduro ao sol.

PUNTILA — Quero dizer algumas palavras sobre o noivo de minha filha. Matti, eu te observei em segredo e formei uma opinião definitiva sobre o teu caráter. Não quero me referir ao fato de que, depois que você veio trabalhar conosco, aqui não há mais nenhuma máquina enguiçada. O que desejo ressaltar especialmente em você é o homem. Não esqueci o que aconteceu hoje de manhã. Enquanto eu, como um Nero qualquer, gritava lá em cima da sacada, expulsando minhas pobres noivas, pude observar bem o teu comportamento. Você conhece bem esses meus ataques. Deve ter visto que, durante todo o almoço, eu fiquei à parte, em profundo recolhimento, pensando nas pobres mulheres que voltavam a pé pela estrada de Kurguela, sem uma gota de vinho depois de tanta injustiça. Depois disso eu não me espantaria se elas perdessem a confiança em mim. Agora eu te pergunto, Matti: você é capaz de esquecer o que aconteceu?

MATTI — Faz de conta que já esqueci, Sr. Puntila. Mas diga à sua filha, com todo o peso da sua autoridade de pai, que ela não pode se casar com um chofer.

PADRE — Muito bem!

EVA — Papai, ontem Matti e eu discutimos algumas idéias, enquanto você estava fora. Matti não acredita que você dê a ele uma serraria, nem que eu consiga me adaptar à vida de um chofer.

PUNTILA — O que é que você acha, Frederico?

JUIZ — Não me pergunta nada, João! Nem fica me olhando com esse olhar de boi morto. Pergunta a Laina!

PUNTILA — Laina, pergunto a você: me acha capaz de economizar, quando se trata de minha própria filha? Acha que eu não sou capaz de lhe dar uma serraria, um moinho e ainda por cima um bosque?

LAINA *interrompida enquanto explica seus cogumelos à Mulher do Padre, o que é visível pela mímica* — Vou fazer um café pro senhor, Sr. Puntila.

PUNTILA *a Matti* — Matti, você trepa bem?

MATTI — Dizem que sim.

PUNTILA — Não quero saber o que dizem, quero que você me diga: sabe fazer a coisa como se deve? Não há nada mais importante na vida. Você não vai falar, eu sei, você não é homem de contar vantagem. Mas me diz só: você trepou com Fina? Porque, nesse caso, eu pergunto a ela. Ah, não? Não compreendo!

MATTI — Deixa isso pra lá, Sr. Puntila.

EVA *que bebeu um pouco, se levanta e faz um discurso* — Meu caro Matti, eu te peço que me aceite como esposa, porque eu também preciso de homem, como todas as outras. Se você quiser, podemos antes ir pescar caranguejos sem tarrafa. No mais, eu não me acho nada de extraordinário, como talvez você pense, mas sei que poderemos viver juntos, mesmo sem muito dinheiro.

PUNTILA — Bravo!

EVA — Se, porém, você acha que ir pescar caranguejo não é uma coisa muito séria, eu pego imediatamente a minha mala e vamos para a casa de sua mãe. Papai não tem nada em contrário, tem?

PUNTILA — Nada, nada. De acordíssimo.

MATTI *se levanta e bebe dois copos seguidos* — Srta. Eva, estou disposto a fazer qualquer animalidade com a senhorita, menos a de levá-la à casa de mamãe. A pobre velha teria um ataque. Sabe que lá em casa só tem um sofá? Sr. cura, descreva para essa moça a construção de uma cozinha de pobre, com cama de dormir e tudo.

PADRE *sério* — Um lugar assaz modesto.

EVA — Por que descrever? Eu vou ver pessoalmente.

MATTI — Está bem. Vai logo perguntar a minha mãe onde é o banheiro.

EVA — Ora, e eu não sei? Eu vou ao banho público.

MATTI — Só se for com o dinheiro do Sr. Puntila. Você continua com essa serraria na cabeça! Não conta com isso, menina. Amanhã de manhã o Sr. Puntila fica bom, e vamos ter que enfrentar de novo um homem sensato.

PUNTILA — Cala a boca, Matti! Não fala mais desse Puntila, que agora é nosso inimigo comum. Esta noite nós já afogamos esse miserável numa garrafa de ponche. E agora quem está aqui sou eu mesmo, um ser humano. Bebam vocês também, não tenham medo, fiquem humanos!

MATTI — Repito que não posso apresentar você a minha mãe. Minha mãe me jogava os tamancos na cabeça, se eu aparecesse lá em casa com uma mulher assim. Esta é a verdade.

EVA — Você não precisava dizer isso.

PUNTILA — Eva tem razão, Matti. Você agora passou dos limites. Ela tem seus defeitos, concordo, é possível que engorde com a idade como a mãe, mas não antes dos trinta e cinco. Por enquanto, ainda vale uma boa missa.

MATTI — Não falo de engordar, digo apenas que não tem senso prático, que não foi educada o suficiente para ser mulher de um chofer.

PADRE — Sou da mesmíssima opinião.

MATTI — Não tem nada que rir, menina. Se minha mãe começasse a te examinar da cabeça aos pés, você perdia toda essa alegria: ficava deste tamanho!

EVA — Então vamos, Matti, experimenta! Sou a mulher de um chofer. Me diz o que eu tenho de fazer.

PUNTILA — Bravo, Eva. Fina, traz uns sanduíches, vamos comer uma coisinha. Enquanto isso, Matti, você examina Eva de lado a lado, de trás e de frente, por cima e por baixo.

MATTI — Fica sentada, Fina! Em minha casa não tem empregada. Quando chega uma visita qualquer, a gente só pode oferecer o que come todo dia. Vai buscar o arenque, Eva!

EVA *alegre* — Correndo. *Sai.*

PUNTILA *gritando* — Não esquece a manteiga! *A Matti* — Estou sensibilizado com a tua decisão de fazer tudo sozinho, sem depender do meu dinheiro. Muito poucos seriam capazes disso.

MULHER DO PADRE *à Cozinheira* — Eu não: eu nunca ponho os cogumelos no sal. Deixo cozinhar no limão, com uma pitadinha de manteiga. Mas isso só é bom pros bem pequenininhos, que parecem uns botões. Também ponho na conserva os lactários.

LAINA — Os lactários não são cogumelos muito finos, como qualidade, mas o gosto é bom. Os cogumelos melhores são os boletos e os sépias.

Eva *que volta com o arenque servido numa bandeja* — Na cozinha não tem manteiga, tem?

Matti — Aí está ele! Eu o reconheço. *Pega na travessa.* Ainda ontem vi teu irmão, e antes de ontem comi alguém da tua família: tua família tem me alimentado sempre, desde que me entendo. Quantas vezes por semana você vai comer arenque, Eva?

Eva — Três vezes, Matti, se for preciso.

Laina — Três vezes? Vai ter que comer muito mais!

Matti — Você vai ter muito que aprender. Minha mãe, que era cozinheira de uma fazenda, servia arenque cinco vezes por semana. Laina serve oito. *Segura o arenque pelo rabo e o suspende no ar.* Sê bendito, ó, arenque, companheiro do pobre! Tu que nos sacias a fome a qualquer hora do dia, e a qualquer hora do dia nos envenenas as tripas. Tu que vens do mar e acabas na terra! Graças à tua força maravilhosa os pinheirais são abatidos, os campos semeados! Tu que pões em movimento essa máquina chamada criadagem, que infelizmente ainda não é moto-perpétuo. Ó, arenque maldito! Se tu não existisses, começaríamos a exigir dos patrões carne de porco, e então que seria da nossa Finlândia bem-amada? *Deposita o prato, corta o arenque em pedaços e dá um pedaço a cada um.*

Puntila — Pra mim tem um gosto especial, delicioso. Eu como tão raramente... Essas diferenças não deviam existir. Se dependesse de mim, eu botava numa caixa toda a renda da propriedade e cada um se servia do dinheiro conforme precisasse. Afinal, esse dinheiro pertence a quem trabalha. Sem o trabalho, a caixa estaria vazia. Não estou certo?

Matti — Não o aconselho a fazer isso, Sr. Puntila. Em meia hora a caixa ficava vazia, e em pouco tempo o banco tomava conta da propriedade.

Puntila — Isso é o que você diz. Eu não penso assim. Sou quase um comunista. Se eu fosse empregado, transformaria num inferno a vida de Puntila. Vamos, continua o teu exame! Me interessa.

Matti — Se penso no que uma mulher deve demonstrar que sabe fazer, antes que eu possa apresentá-la à minha mãe, me vem logo à cabeça um par de meias. *Tira o sapato, tira uma meia e entrega-a a Eva.* Por exemplo: Eva, você é capaz de cerzir uma meia?

Juiz — Mas isso é exigência demais! O arenque ainda vai, mas eu acho que nem o amor de Julieta por Romeu resistiria à prova de remendar uma meia suja. Um amor capaz de tal sacrifício se tornaria fatalmente insuportável, depois de certo tempo. Demonstraria um temperamento fogoso, passional, e os temperamentos assim, mais cedo ou mais tarde, acabam no tribunal.

Matti — Nas classes mais baixas, Sr. Juiz, as meias não são cerzidas por amor, mas por economia.

Padre — Não creio que as Pias Irmãs de Caridade do Educandário de Bruxelas, onde Eva foi criada, tenham pensado em tal eventualidade.

*Eva volta com a agulha e linha e se põe a costurar.*

Matti — Pois agora ela tem que aprender o que as Pias Irmãs de Caridade do Educandário de Bruxelas esqueceram de ensinar. *A Eva* — Eu não pretendo censurar as deficiências de sua educação, desde que você dê provas de boa vontade. Você foi infeliz na escolha de seus pais; não lhe ensinaram nada que preste. Já no arenque você demonstrou uma espantosa ausência de conhecimentos básicos. Escolhi agora a questão das meias, para aprofundar mais até onde vão tuas deficiências.

Fina — Eu ensino à senhorita como se faz.

Puntila — Coragem, Eva, você é muito esperta. Tem que conseguir.

*Eva, hesitando, entrega a meia a Matti. Matti levanta-a, olhando-a com escárnio. O remendo é horrível.*

Fina — Sem o ovo, nem eu fazia melhor.

Puntila — Eva, por que não usou o ovo?

Matti — Ignorância. *Ao Juiz, que ri* — Não há nada pra rir; ficou uma porcaria. *A Eva* — E se você fosse casada com um chofer e ele só tivesse essa meia? Seria uma tragédia! Mas vou te dar mais uma oportunidade. Vê se sai melhor desta! *Põe uma mesa de lado.* Uma cadeira, por favor.

Eva *trazendo a cadeira* — É, Matti, reconheço que a meia foi uma vergonha.

Matti — Agora imagine que eu sou chofer, numa casa onde você também ajuda, lavando roupa e conservando a estufa acesa no inverno. Estou voltando pra casa de noite: como é que você me recebe?

Eva — Agora eu vou me sair melhor. Matti, você vai ver. Chega em casa! *Matti se afasta alguns passos e depois finge que chega em casa.* Matti! *Corre para ele e o beija.*

Matti — Primeiro erro: intimidade e frivolidade quando eu chego em casa morto de cansaço. *Finge abrir uma bica e lavar-se; depois estende as mãos esperando uma toalha.*

Eva *não entende e continua a matraquear* — Oh, pobre Matti, está muito cansado? O dia inteiro eu fico pensando em você; trabalha tanto! Eu queria tanto poder te ajudar!

Fina *sussurra* — A toalha! *Dá uma a Eva.*

Eva *deprimida* — Perdão, eu não tinha entendido.

*Matti grunhe grosseiramente e se senta numa cadeira perto da mesa. Estira uma perna para que Eva lhe descalce a bota.*

Puntila *que se levantou e segue ansioso a cena* — Tira! Tira!

*Eva tira a bota de Matti, mas cai sentada no chão.*

Padre — Estou achando a lição extraordinária. Está se vendo que essa união não é uma coisa natural.

Matti — Nem sempre eu exijo que minha mulher faça isso: mas hoje trabalhei o dia inteiro no trator, estou meio morto. De qualquer maneira, precisamos considerar que isso possa acontecer. Que foi que você fez hoje, Eva?

Eva *sentada no chão* — Lavei roupa.

Matti — Quantos lençóis você lavou?

Eva — Quatro, Matti.

Matti — Fina, diz a ela.

Fina — Você lavou no mínimo dezessete, sem contar as duas tinas de roupa menor.

Matti — Tinha água na bica? Ou você teve que ir buscar de balde, como aqui, onde a bomba está sempre enguiçada?

Puntila — Essa é comigo, Matti, entendi bem. Mas eu mereço. Sou um patife.

Eva — Fui buscar com o balde.

Matti — E as unhas? *Examina as mãos dela.* Quebrou lavando a roupa ou atiçando fogo. Sabe o que deve fazer? Põe sempre um pouco de gordura nas mãos. Depois de um certo tempo, as mãos de minha mãe ficaram assim — *mímica* — inchadas e vermelhas. Eu sei que você está muito cansada, Eva, mas ainda vai ter que lavar meu uniforme. Preciso dele bem limpo amanhã de manhã.

Eva — Sim, Matti.

Matti — Assim já estará seco amanhã de manhã e você não precisa levantar muito cedo pra passar. Bastar acordar às quatro e meia. *Procura alguma coisa em cima da mesa.*

Eva *preocupada* — O que é?

FINA — O jornal. *Eva salta e entrega a Matti um jornal imaginário. Mas Matti não o pega e continua a procura em cima da mesa.* Em cima da mesa!

*Eva joga o jornal em cima da mesa, mas ainda não tirou a segunda bota dele; ele bate com o pé, impaciente. Depois de tirar a segunda bota, ela se levanta satisfeita, dá um suspiro e ajeita os cabelos.*

EVA — Eu mesma bordei este avental para dar mais colorido à minha roupa. Um pouco de cor alegra a vida e vai bem em qualquer lugar. Depois, não custa muito. É só a gente ter bom gosto. Você gosta, Matti?

*Matti, interrompido na leitura do jornal, deixa-o cair no chão. Fita Eva sem dizer nada, ela fica apavorada.*

FINA — Nunca falar coisa alguma, enquanto o marido lê o jornal!

MATTI *levanta-se* — Está vendo?

PUNTILA — Eva, você me decepcionou.

MATTI *quase com compaixão* — É preciso corrigir tudo. Quer comer arenque três vezes por semana, se esquece do ovo de cerzir meias, e quando, à noite, eu volto pra casa esgotado de trabalho, não tem nem o bom senso de ficar de boca fechada. Agora me diz: se me chamarem de noite pra levar o velho à estação, o que é que acontece?

EVA — Você vai ver! *Finge que abre a janela e grita para fora* — O quê? A essa hora da noite? Mal acabou de chegar! Não tem nem o direito de dormir? É o cúmulo! O senhor que vá curar o seu pileque no diabo que o carregue! Meu marido não sai porque eu não quero! Vou até esconder as calças dele!

PUNTILA — Magnífico! Você tem que reconhecer que foi magnífico, Matti!

MATTI *rindo* — Formidável, Eva! Vou ficar sem emprego, é verdade, mas se minha mãe estivesse aqui ia adorar você. *Dá-lhe uma palmada.*

EVA *primeiro muda de espanto, depois furiosa* — Não me faça isso!

MATTI — Que foi?

EVA — Como se atreve a me bater aí?

JUIZ — Eva, querida, acho que o teu exame foi um fiasco do princípio ao fim.

PUNTILA — Mas o que é que você tem, Eva?

MATTI — Se ofendeu? Eu não devia fazer isso?

EVA — Papai, pra falar a verdade, não sei mais se a coisa funciona.

PADRE — Eu acho que não.

PUNTILA — O que é que significam essas dúvidas?

EVA — Cheguei à conclusão de que minha educação foi toda errada. Acho melhor ir dormir.

PUNTILA — Agora eu sou obrigado a me meter. Senta aí, Eva!

EVA — Não, papai: deixa eu ir, é melhor. Infelizmente você não vai ter festa de noivado. Boa-noite. *Sai.*

PUNTILA — Eva!

*Também o Padre e o Juiz se preparam para sair. Mas a Mulher do Padre ainda fala dos cogumelos com Laina.*

MULHER DO PADRE — Você quase me convenceu. Mas, sabe, toda a minha vida eu salguei os cogumelos; assim me sinto mais garantida. Antes, porém, eu tiro a pele deles.

LAINA — Não é preciso. Basta limpar bem.

PADRE — Vem, Ana! É tarde.

PUNTILA — Eva! Matti, não sei mais o que fazer com essa menina. Eu lhe arranjo um marido, uma maravilha de homem, pensando que ela vai se levantar todas as manhãs cantando como uma cotovia, cheia de felicidade. E ela, não: faz a gostosa, não sabe, duvida... *Corre até a porta.* Eu boto ela para fora de casa! Então pensa que eu não sei que você ia se casar com o *Attaché* só pra me contentar? Você não tem caráter, é um boneco! Olha, você não é mais minha filha!

PADRE — Sr. Puntila, o senhor não sabe o que está dizendo!

PUNTILA — E me deixa em paz, o senhor também: vá pregar na sua igreja, que ali nem os cachorros entram pra ouvir o senhor!

PADRE — Sr. Puntila, os meus cumprimentos.

PUNTILA — Vai, vai! E abandona aqui este pobre pai, trespassado de tristeza! Pai de tal filha a quem surpreendi em flagrante delito de sodomia com aquele gafanhoto camuflado de diplomata. Santo Deus! Qualquer camponesa ignorante é capaz de ensinar a ela pra que é que serve aquele traseiro que Deus fabricou com o suor do seu rosto; é para atrair um homem pra cama! E pra ele lamber os beiços, cada vez que olha aquilo! *Ao Juiz* — E você, no momento exato, nem sequer abre a boca pra impedi-la de ser uma porcaria. Vai embora também, vai!

JUIZ — Ora, chega, Puntila, me deixa em paz! Eu lavo as mãos desse negócio todo. *Sai sorrindo.*

PUNTILA — Há trinta anos que você lava as mãos. Já deviam estar bem limpas, a essa altura! Mas não se esqueça, Frederico, que eram mãos de camponês, antes que você se tornasse juiz e começasse a bancar o Pôncio Pilatos.

PADRE *tentando arrancar a mulher da conversa com a Cozinheira* — Vamos embora, Ana, já é tarde!

MULHER DO PADRE — Não, primeiro eu ponho na água fria e, antes de cozinhar, tiro os talos. É melhor. Você deixa quanto tempo cozinhando?

LAINA — Só até a primeira fervura.

PADRE — Ana, eu estou esperando! *Sai.*

PUNTILA — E isso são homens? Pra mim não são! *Voltando à mesa.*

MATTI — Mas é o que eles são. Um doutor meu amigo, sempre que via alguém batendo no cavalo, dizia: "Não o trate assim com tanta humanidade!". Não podia dizer bestialidade.

PUNTILA — Homem de profunda sabedoria. Gostaria muito de beber com ele. Bebe um pouco também, Matti! Gostei de teu exame.

MATTI — Sr. Puntila, desculpe se dei uma palmada no traseiro de sua filha. Não fazia parte do exame. Só queria dar maior intimidade. Saiu... pela culatra. Serviu apenas pra mostrar o abismo que nos separa. O senhor também notou, não notou?

PUNTILA — Não tem nada que pedir desculpas, Matti, ela não é mais minha filha. Vem, senta aqui comigo; vamos beber ainda mais um copinho.

MATTI — Não seja tão definitivo, Sr. Puntila. *À Mulher do Padre e à Cozinheira* — Como é: as senhoras pelo menos chegaram a um acordo sobre os cogumelos?

MULHER DO PADRE — E o sal, vai junto?

LAINA — Ah, sim, em primeiro lugar..
*Saem.*

PUNTILA — Ouve só: ainda estão dançando lá fora!
*Do lado de fora vem a voz de Surkala, o vermelho.*

SURKALA —
Entre os suecos vivia uma condessa

Pálida e bela condessinha.
"Guarda-floresta, pega esta meia minha!
A liga arrebentou: a liga, a liga...
Ajoelha aqui e ajuda tua amiga!"
"Condessa, não me olhe assim.
Só pela fome aqui vim.
Os seus seios são tão brancos.
O aço do machado é frio, frio, frio.
O amor é cheio, a morte é um vazio."
Foge a cavalo o belo guarda-bosques,
Foge a cavalo até o mar:
"Ó canoeiro, me leva no teu barco, barco, barco
Me leva, canoeiro, no teu barco,
Até o fim do mar".

Puntila — É comigo, isso. Essas cantigas me fazem mal ao coração.

*Nesse momento Matti abraça Fina e sai dançando com ela. Cortina.*

Cozinheira *enxugando os pratos, canta* —

A raposa apaixonou-se pelo galo.
"Paixão, tu tens paixão por mim, paixão?"
A noite foi doce, mas logo veio o dia,
E ao levantar do Sol, após tanta paixão,
Havia só penas de galo pelo chão.

## 10

## NOTURNO

*É noite. Puntila e Matti mijam.*

Puntila — Eu não poderia viver na cidade. Gosto de sair ao ar livre e mijar tranqüilamente sob o céu estrelado, no chão de Deus. Sem isso, a vida não vale nada. Dizem que quem faz isso assim é um primitivo, mas eu acho muito mais primitivo mijar numa caneca de louça.

Matti — Compreendo, Sr. Puntila; esse é o seu esporte.

Puntila — Não gosto das pessoas que não sabem gozar a vida. Quero o meu pessoal sempre contente. Quando vejo um empregado meu de cabeça baixa, fisionomia abatida, fico irritado.

Matti — Compreendo bem os seus sentimentos. Mas não sei por que essa gente tem um ar tão infeliz, aqui na sua propriedade. São todos amarelos como limão, só pele e osso, parecem vinte anos mais velhos do que são. Acho que fazem isso pra irritar o senhor.

Puntila — Como se aqui passassem fome!

Matti — E se passassem? Já deviam estar acostumados, que diabo! Mas não querem entender. Não têm boa vontade. Em 18, quando oitenta mil morreram na guerra, aí sim, tivemos um belo período de paz! Parecia o Paraíso. Já imaginou? Oitenta mil bocas famintas a menos?

Puntila — Também não precisava tanto.

## 11

## O SR. PUNTILA E SEU CRIADO MATTI ESCALAM O MONTE HATELMA

*Gabinete da casa de Puntila. Sentado a uma mesinha, está Puntila, com um pano molhado em volta da cabeça, examinando contas e suspirando. Laina, a Cozinheira, está perto, atenta, com outro pano e uma bacia.*

Puntila — Se o *Attaché* se permitir telefonar pra Helsinque outra vez eu rompo esse noivado. Que ele me custe um bosque, ainda vai, mas esses pequenos roubos me deixam furioso. E olha aí, que porcaria, esse livro com o registro da produção de ovos. Tem manchas em todos os algarismos. Parece que as galinhas puseram diretamente em cima dele. O que é que vocês querem: que eu vá pro galinheiro verificar diretamente no rabo de cada uma?

FINA *entrando* — O Sr. cura e o síndico da Cooperativa Central do Leite querem falar com o senhor.

PUNTILA — Não quero falar com ninguém, minha cabeça explode: você não vê? Manda entrar.

*Entram o Advogado e o Padre. Fina sai.*

ADVOGADO — Bom-dia, João.

PADRE — Bom-dia, Sr. Puntila. Espero que tenha dormido bem. Por acaso encontrei o Advogado na rua, e resolvemos dar um pulinho até aqui pra ver como o senhor ia passando.

ADVOGADO — Foi uma noite cheia de mal-entendidos.

PUNTILA — Se está se referindo ao episódio com Eino, já falei com ele ao telefone: pediu desculpas e está tudo resolvido.

ADVOGADO — Não, não é bem isso, meu caro João. Quero te dizer uma coisa mais importante; tudo que se refere à tua propriedade, aos teus domínios, à tua família, às tuas relações com a gente do governo, tudo isso é problema teu. Infelizmente há outras questões e outras relações.

PUNTILA — Olha, Pekka, não me vem com os teus rodeios! Fala claro! Se eu arranjei outra encrenca qualquer, eu pago, que diabo!

PADRE — Desgraçadamente existem encrencas que o dinheiro não pode pagar, prezado Sr. Puntila. Em suma: viemos aqui pra resolver amigavelmente o problema de Surkala.

PUNTILA — Que problema?

PADRE — O senhor declarou, na nossa presença, que pretendia despedir Surkala porque ele é um vermelho fichado, a expressão é sua, que exerce uma influência deletéria sobre a comunidade.

PUNTILA — Eu disse até que ia botá-lo daqui pra fora a pontapés.

PADRE — O prazo legal pra despedi-lo terminou ontem, Sr. Puntila. E Surkala não foi despedido. Do contrário, a filha dele não estaria na igreja hoje de manhã.

PUNTILA — Como, não foi despedido? Laina! *Entra Laina gritando.* Surkala não foi despedido?

LAINA — Não senhor.

PUNTILA — Como não foi?

LAINA — O senhor se encontrou com ele no mercado de trabalhadores e, em vez de mandá-lo embora, trouxe ele no Studebaker e ainda deu a ele uma nota de dez marcos!

PUNTILA — Descarado! Sem-vergonha! Me tomar dez marcos, quando eu já lhe tinha dito mil vezes que sumisse da minha frente no fim do contrato! Fina! *Entra Fina.* Chama Surkala, depressa! *Fina sai.* A cabeça me estala.

*Laina põe uma nova compressa na testa dele.*

ADVOGADO — Não é melhor um café?

PUNTILA — Você tem razão, Pekka: eu devia estar bêbado. Quando bebo um copo a mais, sempre faço coisas desse gênero. É de arrancar os cabelos! Surkala se aproveita. Mas esse aí eu boto na cadeia!

PADRE — Sr. Puntila, estou certo de que o senhor foi realmente enganado. Nós todos conhecemos a sua boa-fé. Naturalmente se aproveitaram do fato do senhor ter bebido, estar sob o influxo do álcool.

PUNTILA — Terrível! Terrível! *Desesperado* — E agora, o que é que eu vou dizer à Guarda Nacional? É uma questão de honra! Se sabem do fato, estou perdido. Não me compram mais nem uma gota de leite. Mas a culpa é toda de Matti, o chofer. É quem estava sentado perto dele, ainda vejo a cena diante dos meus olhos. Ele sabia muito bem que eu não suporto Surkala. E ainda me fez dar dez marcos a esse canalha!

Padre — Calma, Sr. Puntila, não precisa fazer disso uma tragédia. São coisas que acontecem.

Puntila — Não diga isso, o senhor mesmo não acredita no que está dizendo. Se eu continuo assim, preciso ser interditado: ter um tutor. Me digam: o que é que eu faço com meu leite todo? Bebo sozinho? Estou arruinado, Pekka! Não fica aí de braços cruzados, resolve alguma coisa! Você tem que intervir, você é o síndico da Cooperativa. Ou não é? Farei uma doação à Guarda Nacional. Foi o álcool, foi o maldito álcool. Laina, de hoje em diante não quero ver mais uma gota de álcool nesta casa!

Advogado — Já estamos entendidos: você manda o homem embora imediatamente, pronto! Esse sujeito envenena qualquer ambiente.

Padre — E com isso nós nos despedimos, Sr. Puntila. Como vê, com boa vontade nada é irreparável. O que é preciso nesta vida é ter boa vontade, Sr. Puntila.

Puntila *aperta-lhe a mão* — Eu lhe agradeço.

Padre — Não tem nada que agradecer. Só cumprimos o nosso dever.

Advogado *saindo* — A propósito, Puntila, seria bom você se informar dos antecedentes desse seu chofer. Ele também tem uma cara meio sinistra.

*Saem o Advogado e o Padre.*

Puntila — Laina, eu nunca mais toco numa gota de álcool. Nunca mais! Hoje de manhã, assim que acordei, tomei essa decisão. É uma maldição. Eu disse pra mim mesmo: agora eu vou ao estábulo e tomo uma decisão. Eu sou um verdadeiro devoto das vacas, e o que eu decido no estábulo é sagrado. *Solene* — Traz pra cá todas as garrafas que estão no armário dos selos, todas! Todo o álcool que houver em casa! Quero destruir tudo, quebrar todas as garrafas, eu mesmo, uma por uma! Não pensa no que custaram, Laina: pensa na nossa propriedade!

Laina — Sim, Sr. Puntila. Mas o senhor está decidido mesmo?

Puntila — O escândalo de Surkala, esse canalha que eu ainda vou botar daqui pra fora a pontapés, me serviu de lição. E diz a Altonen que venha cá imediatamente. Esse espírito do mal.

Laina — Ih! Surkala estava com as bagagens prontas pra ir embora e agora já desarrumou tudo de novo. *Sai correndo.*

*Entra Surkala com os filhos.*

Puntila *tirando o pano da cabeça* — Não adianta me vir com essa demagogia: minhas contas são com você!

Surkala — Eu sei, Sr. Puntila. Trouxe as crianças de propósito. Elas podem escutar, não vai fazer nenhum mal a elas.

*Pausa. Entra Matti.*

Matti — Bom-dia, Sr. Puntila. Como vai a dor de cabeça?

Puntila — Ah, você está aí, canalha? O que foi mais que você arranjou, quietinho, quietinho, nas minhas costas? Ahn? Eu ontem não avisei que te botava na rua? Boto na rua e não anoto na sua carteira.

Matti — Muito bem, Sr. Puntila.

Puntila — E cala a boca aí! Já estou cheio das suas insolências e sem-vergonhices. Já me abriram os olhos. Me diz, quanto você levou de Surkala?

Matti — Não entendo o que o senhor quer dizer, Sr. Puntila.

Puntila — Vai me dizer que não tem uma combinação com Surkala? Que você também não é um vermelho? E que não fez tudo que podia pra evitar que eu despedisse esse patife aí? Vai?

Matti — Desculpe, Sr. Puntila. Eu executo apenas o que o senhor manda.

*Laina e Fina continuam trazendo garrafas pra dentro.*

Puntila — Você tinha a obrigação de saber que minhas ordens eram idiotas.

MATTI — O senhor me desculpe, mas é muito difícil distinguir entre as suas ordens. Se eu for executar só as inteligentes, é melhor me despedir logo: fico o dia inteiro sem fazer nada.

PUNTILA — É inútil fazer essa cara de inocente, assassino! Sabe muito bem que eu não tolero indivíduos como esses que passam a vida cochichando e cochichando, até que um dia os trabalhadores me chegam aqui pedindo mais dez minutos pro almoço. O que você é, é um bolchevique! Se eu não botei esse daí pra fora na hora exata, e agora tenho que pagar três meses pra ele tirar da minha frente essa cara imunda, a culpa foi do álcool. Agora, você me levou a isso por puro cálculo! Mas desta vez é sério. Laina! Vocês estão vendo: não vou só deixar de beber! Vou destruir até a última gota todo o álcool que haja nesta casa. Até agora não tinha tomado essa decisão, sempre deixava uma garrafa à mão pros momentos de fraqueza, e foi a minha desgraça! Uma vez eu li que o princípio do alcoolismo é a compra do álcool. Pena que esse pensamento não seja mais divulgado. De qualquer forma, se há álcool em casa, devemos destruí-lo. *A Matti* — Eu mandei te chamar, porque queria que você assistisse a essa destruição: é uma lição que você jamais vai esquecer.

MATTI — Muito obrigado, Sr. Puntila. O senhor quer que eu vá ao pátio e comece a quebrar tudo?

PUNTILA — Eu mesmo faço isso, gatuno. Bem que você gostaria — *levanta uma garrafa e examina* — de destruir essa bebida magnífica, mandando-a goela abaixo, hein?

LAINA — O senhor não devia olhar tanto essa garrafa, Sr. Puntila. Joga pela janela e está acabado.

PUNTILA — Tem razão. *Ameaça Matti com a garrafa.* Agora você não vai poder mais me obrigar a beber, canalha. Você goza, vendo as pessoas grunhindo como porcos diante de você; diz a verdade. Você, olha, você não tem nenhum amor pelo trabalho, e se não fosse pelo medo de morrer de fome, você nem movia um dedo! Parasita! Bem que gostaria de continuar me seguindo como uma sombra, passando noites inteiras me contando histórias porcas, e

me instigando a ofender meus convidados! Porque você goza quando tudo é imundo e sórdido. É natural, nasceu numa privada. É um criminoso, você mesmo me confessou por que foi despedido tantas vezes, e eu não me esqueço. Te surpreendi atiçando contra mim aquelas mulheres de Kurguela. Um elemento deletério, é o que você é. *Distraidamente começa a verter o conteúdo da garrafa num copo que Matti, bem serviçal, lhe trouxe.* A verdade é que você me odeia; mas não pense que vai me amolecer mais uma vez com o teu "Perfeitamente, Sr. Puntila!".

LAINA — Sr. Puntila!

PUNTILA — Deixa, não se preocupe, só quero verificar se o vendedor não me tapeou, e ao mesmo tempo festejo a minha decisão irrevogável! Bebe. *A Matti* — Desde o primeiro instante eu percebi quem você era e fiquei de olho, esperando apenas o momento em que se traísse. E por isso me embriaguei com você: mas você nem desconfiou. *Continua a beber.* Pensou que estava me arrastando a uma vida de dissipações e que podia me explorar bebendo também à minha custa; mas meus amigos me abriram os olhos. Que Deus os proteja, bebo à saúde deles. *Bebe.* Se começo a pensar em minha vida nestes últimos tempos, me vêm calafrios: aqueles três dias no hotel do Parque, aquela corrida atrás do álcool autorizado, as mulheres de Kurguela... Que vida, que vida! Sem sentido, sem razão! E a moça do estábulo, se lembra dela? Naquela manhã... Ah, tinha os seios quentes, brancos, e teria se aproveitado da minha bebedeira, se eu deixasse... Se chamava Lisu, não era? E você sempre atrás! Temos que concordar: foram bons tempos, hein? Mas a minha filha eu não te dou não, patife. Você é um patife... é, sim, tem que admitir. Mas, também reconheço, não é um filho da puta. *Bebe.*

LAINA — Sr. Puntila, o senhor está bebendo de novo!

PUNTILA — Eu, bebendo? Você chama isso beber? Uma ou duas garrafas! *Pega a segunda garrafa. Dá a ela a garrafa vazia.* Quebra isso e joga fora os cacos; já te disse, não quero ver mais isso na minha frente. E não me olha como Nosso Senhor olhava Pedro. Detesto gente que vem me cobrar até a última nuança do que eu digo.

*Indicando Matti* — Esse daí procura me arrastar pro abismo, mas você quer que eu coma as unhas dos pés de chateação, que eu morra de tédio. Que vida eu levo aqui? Fico o dia inteiro martirizando esses miseráveis ou calculando a forragem pras vacas, sai, criatura mesquinha! *Laina e Fina saem balançando a cabeça.* Mesquinhas! Sem imaginação. *Aos filhos de Surkala* — Assaltem, roubem, sejam comunistas, mas não sejam jamais criaturas mesquinhas! É Puntila quem aconselha isso. *A Surkala* — Desculpe se me intrometo na educação dos teus filhos. *A Matti* — Abre essa garrafa!

MATTI — Espero que o ponche esteja bom, não misturado como da outra vez. O senhor não pode confiar nem um pouco nesse vendedor, Sr. Puntila.

PUNTILA — Eu sei, por isso estou sempre em guarda. Primeiro bebo um golinho, mas um golinho bem pequeno, assim; posso cuspir logo, se percebo que não presta. Pelo amor de Deus, Matti, sem essas precauções, quem sabe quanta porcaria eu já não tinha engolido? Pega também uma garrafa, e festeja a minha decisão irrevogável: que calamidade! À tua, Surkala!

MATTI — Eles podem ficar, Sr. Puntila?

PUNTILA — Mas temos que falar agora dessas coisas? Agora que tudo está tão bem entre nós? Você é um desastre. E depois, que adianta a Surkala continuar aqui? Nossa propriedade é muito pequena pra ele. Não agrada a ele, ficar aqui: eu compreendo. Se eu fosse ele, também não ficava. Pra mim, Puntila seria um capitalista reles, sujo. Sabe o que eu faria com Puntila? Metia num trabalho violento, numa mina de sal, que assim ele aprendia o que é trabalho duro, o sanguessuga. Tenho ou não tenho razão, Surkala? Fala, não fica com cerimônia, não!

FILHA MAIS VELHA DE SURKALA — Mas nós não queremos ir embora, Sr. Puntila.

PUNTILA — Não, não: Surkala vai embora. Eu sei que, quando ele decide ir, nem dez cavalos o impedem. *Vai até a mesinha. Tira o dinheiro da caixa e o entrega a Surkala, depois de separar dez marcos. Menos dez. Aos meninos* — Vocês devem ter orgulho desse pai, um pai que, por ter fé nas próprias convicções, agüenta todas as conseqüências. Você, Helle, que é a mais velha, deve ser sempre o amparo dele. E agora, adeus! *Estende a mão a Surkala. Mas Surkala não a aperta.*

SURKALA — Vem, Helle, vamos embora! Aqui vocês já ouviram tudo que tinham pra ouvir. *Sai com os filhos.*

PUNTILA *aflito* — Mas nem me apertou a mão! Você viu? Minha mão não é digna dele? Eu esperava que me dissesse alguma coisa ao se despedir... Uma palavra! Nada. Pra ele, nossa propriedade é uma merda. Eu já sabia: é um homem sem raízes. O lugar onde nasceu não significa nada pra ele. Por isso achei melhor deixar que fosse embora, já que insistia tanto. Ah, uma cena dolorosa. *Bebe.* Mas nós, Matti, você e eu, somos diferentes. Você é um amigo, é quem me indica o caminho na minha árdua estrada. Só de olhar tua cara, me vem sede. Quanto é que eu te pago por mês, Matti?

MATTI — Trezentos, Sr. Puntila.

PUNTILA — Te aumento pra trezentos e cinqüenta. Estou particularmente satisfeito com você. *Sonhando.* Matti, um dia quero subir contigo ao monte Hatelma: a vista lá é fabulosa, de lá é que você vai ver como é bonito o país em que nasceu. Vai se morder de raiva, por não ter conhecido aquilo antes. Vamos ao monte Hatelma, agora mesmo, Matti? Você vai ver que vale a pena. E nem precisamos ir lá: podemos ir apenas em espírito. Bastam quatro cadeiras.

MATTI — Dentro do horário, eu faço o que o senhor quiser, Sr. Puntila!

PUNTILA — Talvez você não tenha a imaginação necessária. *Matti não responde. Puntila, com veemência* — Vamos, Matti, me faz uma montanha. Não economiza nada, não recua diante de coisa alguma, usa os maiores blocos de pedra que encontrar. Senão você não consegue fazer o monte Hatelma e não vamos poder gozar o panorama.

MATTI — Faço tudo exatamente como o senhor manda, Sr. Puntila. *Com um pontapé destrói um precioso relógio de pêndulo e um armário enorme cheio de armas; com os fragmentos e algumas cadeiras constrói furiosamente uma montanha em cima da mesa de bilhar.* Sei muito bem que não posso fazer questão da jornada de oito horas, quando o senhor me pede uma boa montanha no meio de um vale.

PUNTILA — Pega aquela cadeira ali! Assim! Segue a minha orientação, Matti, e o monte Hatelma ficará pronto num piscar de olhos. Eu sei o que precisa e o que não precisa, pruma montanha dessas: a responsabilidade é minha. Você sozinho é capaz de construir um monte que não vale a pena; um monte sem paisagem, que não me daria a menor satisfação. Pra você, o que interessa é ter trabalho; pra mim, o que interessa é canalizar esse trabalho para um fim útil. E agora eu preciso de dois caminhos; um pra atingir o cume da montanha, outro pra levar até lá os meus cem quilos de banha! Ninguém jamais poderá chegar lá em cima; está vendo? Você nem pensou nisso, hein? Você não pensa em nada! Eu, sim, sei orientar as pessoas. Eu só queria ver o que você ia fazer sem mim!

MATTI *tira algumas peças do monte, como quem faz dois caminhos* — Pronto, Sr. Puntila, pronto, os caminhos estão prontos. A montanha está pronta, é só subir. É uma montanha perfeita, com um caminho perfeito, e não uma coisa inacabada e primitiva como essas de Nosso Senhor. Também, ele teve que fazer tudo naquela correria: em seis dias alguém pode fazer alguma coisa que preste? Resultado: teve que corrigir, botando no mundo um montão de escravos. Senão, o mundo não funcionava.

PUNTILA *começa a subir* — Vou quebrar o chifre.

MATTI *segurando-o* — Isso também podia lhe acontecer aqui na planície, se eu não estivesse sempre a seu lado.

PUNTILA — É por isso que eu te levo comigo, Matti. É por isso que eu quero que você tenha uma visão da terra que te deu a vida e sem a qual você seria uma bosta. Reconhece, Matti!

MATTI — Até a morte. Será que basta? No *Mensageiro de Helsinque* diz que a gratidão pela pátria deve ir além da morte.

PUNTILA — Olha, primeiro os campos e os prados; depois as flores com os pinheiros que brotam da rocha nua, árida, e parecem se alimentar do nada; como será que conseguem viver em semelhante miséria?

MATTI — Seriam empregados ideais, hein, Sr. Puntila?

PUNTILA — Avante, Matti, vamos subir mais! Deixamos lá embaixo os edifícios, obra do homem, e entramos no reino puro e grandioso da natureza. A paisagem aqui é mais despojada, mais austera. Matti, abandona agora todas as tuas mesquinhas preocupações cotidianas, e te entrega à emocionante sensação que tem diante de você!

MATTI — Estou fazendo o melhor que posso, Sr. Puntila.

PUNTILA — Ah, terra bendita! Me dá mais um copo, pra eu poder gozar com plenitude toda a beleza desta paisagem esplêndida.

MATTI — Um momento: vou buscar no vale. *Desce e torna a subir.*

PUNTILA — Eu me pergunto se você tem capacidade de apreciar todo o esplendor desta terra. Você nasceu aqui mesmo, em Tavasto?

MATTI — Nasci.

PUNTILA — Agora eu te pergunto: onde, no mundo, você encontra um céu igual ao nosso? Já ouvi dizer que em outros lugares é mais azul. Mas aqui as nuvens são mais leves, o vento é mais delicado. Mesmo que me dessem outro céu pra escolher, o azul que eu quero é este. E quando um bando de gansos selvagens se levanta do pântano, batendo violentamente as asas, isso não é nada? Não vai atrás da conversa dos outros, Matti: fica em Tavasto! Quem te aconselha é Puntila!

MATTI — Muito bem, Sr. Puntila.

PUNTILA — E os lagos? Sem falar nos bosques, lá embaixo, está vendo? São meus, aqueles lá, junto da pedreira, e eu vou mandar derrubar; mas olha bem os lagos, Matti, fixa a vista só nuns três ou quatro, e vê! Procura não pensar nem mesmo nos peixes dos quais eles estão cheios. Pensa só na paisagem desses lagos quando o Sol se levanta, isso basta. Isso basta pra você nunca mais querer sair daqui. Se você algum dia for embora, vai morrer de saudade! Na Finlândia, Matti, nós temos oitenta mil lagos como esses!

MATTI — Sim senhor, penso apenas na paisagem desses lagos.

PUNTILA — Está vendo aquele pequeno rebocador, com cara de buldogue? E mais embaixo aqueles troncos de árvores, já limpos e lisos, rolando dentro d'água na luz da manhã? Aquilo é uma pequena mina de ouro, Matti. Eu sinto o cheiro da madeira fresca a quilômetros de distância. E você? Ah, os odores da Finlândia são um capítulo à parte. Por exemplo, os morangos e as amoras depois da chuva. E as folhas de bétula, quando você vai à sauna e manda que te batam com vontade. De manhã, na cama, como cheiram! Onde é que você encontra uma coisa assim, Matti? Onde você tem uma vista dessas?

MATTI — Em parte alguma, Sr. Puntila.

PUNTILA — Sabe quando essa vista me agrada mais? Quando os contornos começam a ficar imprecisos, se dissolvendo na distância, como em certos momentos de amor: a gente fecha os olhos e as coisas se esfumam... Acho que essa espécie de amor só existe entre nós, aqui em Tavasto.

MATTI — Lá onde eu nasci, Sr. Puntila, tinha umas cavernas com uma porção de pedras enormes redondas e lisas como bolas de bilhar...

PUNTILA — Ah, e você lá dentro, vendo as pedras, em vez de tomar conta das vacas. Oh, vacas lá embaixo, está vendo? Atravessando o lago a nado.

MATTI — Estou vendo. Mais de cinqüenta.

PUNTILA — Sessenta, pelo menos. E, mais na frente, está vendo o trem? Limpando bem o ouvido, você ouve até o ruído dos latões de leite tinindo lá dentro.

MATTI — É, limpando bem...

PUNTILA — Ah, tenho que te mostrar também a antiga Tavasto. Nós também temos cidades antigas. Lá embaixo o hotel do Parque, um vinho excelente. Mais pra cá o castelo: mas ele me desagrada, foi transformado numa prisão de mulheres, para criminosas políticas... O que é que mulher tem que se meter em política? Mas os moinhos a vapor, vistos assim de longe, fazem um belo efeito, hein? Dão vida à paisagem. E ali à esquerda, que é que você vê?

MATTI — Ah, sim: à esquerda, o que é que eu vejo?

PUNTILA — Campos! Campos até onde a vista alcança; aqueles mais perto são os de Puntila, incluindo o pântano onde a terra é tão gorda que, se deixamos as vacas pastar ali, temos que ordenhá-las três vezes por dia, e o trigo cresce até aqui, duas vezes por ano. Canta comigo:

As ondas do Roine, ondas delicadas
Beijando a areia branca como leite.

*Entram Fina e Laina.*

FINA — Jesus!

LAINA — Acabaram com a biblioteca!

MATTI — Subimos ao monte Hatelma e estamos gozando o panorama.

PUNTILA — Vamos, cantem! Não têm amor à pátria?

*Todos, menos Matti* —

As ondas do Roine, ondas delicadas
Beijando a areia branca como leite.

PUNTILA — Oh, terra de Tavasto, sê bendita! Sê bendita com teu céu, com teus lagos, teu povo e teus bosques! *A Matti* — Diz a verdade, Matti: não sente o coração transbordar de emoção diante disso tudo?

MATTI — Sim, Sr. Puntila: vejo seus bosques e sinto que meu coração transborda.

*Cortina.*

## 12

## MATTI VOLTA AS COSTAS AO SR. PUNTILA

*Pátio da propriedade de Puntila. Matti sai da casa com uma mala. Laina o segue com um pacote. É manhã cedo.*

LAINA — Leva, Matti: embrulhei umas coisas pra você comer! Por que vai embora assim tão cedo? Espera ao menos que o Sr. Puntila se levante.

MATTI — É o que eu quero evitar. Esta noite ele tomou um porre tão grande que, quando ia amanhecendo, me prometeu metade de um bosque. E diante de testemunhas, imagina! Desta vez, quando souber disso, chama a polícia mesmo!

LAINA — Mas se for embora assim, sem a carteira, você está perdido.

MATTI — Carteira? Pra que é que eu quero uma carteira onde estará escrito ou que eu sou um bolchevique, ou que eu sou um homem? Em qualquer dos dois casos, eu não vou conseguir nenhum emprego.

LAINA — Ele estava tão acostumado com você. Vai sentir tua falta.

MATTI — É, mas eu já me enchi. Que se arranje! Depois do caso de Surkala, eu não agüento mais as intimidades dele. Obrigado pelo embrulho, Laina. E adeus!

LAINA *assoando o nariz, comovida, em soluços* — Felicidade, Matti, felicidade. *Sai.*

MATTI *anda alguns passos, depois se volta* —
Antes, porém, a minha despedida:
Longa vida, Puntila, longa vida!
Que não é o pior, bem se percebe.
(Chega a ser quase um homem, quando bebe.)
Mas não pode durar, nossa amizade:
Passa o pileque, acaba-se a fraternidade.
De que vale chorar,
Se a luta cão e gato é milenar?
Não gastem à toa
Uma lágrima boa.
Quem vencerá?
Chegou a hora do criado dar as costas
Sem esperar respostas.
Só quando for o senhor de si mesmo,
Dono do seu suor,
Pra todos então poderá dizer:
"Não tem patrão melhor".

*Sai rapidamente.*

# A resistível ascensão de Arturo Ui

## Uma Parábola

Der aufhaltsame Aufstieg des Arturo Ui
Escrita em 1941

*Tradução:* Angelika E. Köhnke

Colaboradora: M. Steffin

---

# PERSONAGENS

Apresentador

Flake, Caruther, Butcher, Mulberry, Clark, Comerciantes, Líderes do cartel da couve-flor

Sheet, Armador

Dogsborough

Jovem Dogsborough

Arturo Ui, Chefe dos Gângsteres

Ernesto Roma, Seu Lugar-tenente

Emanuele Giri

Giuseppe Givola, Gângster e Florista

Tedd Ragg, Repórter do *Star*

Dockdaisy

Bowl, Procurador de Sheet

Goodwill e Gaffles, Dois Funcionários Municipais

O'Casey, Encarregado da Comissão de inquérito

Um Ator

Hook, Atacadista de Verduras

Acusado Fish

Advogado de Defesa

Juiz

Médico

Promotor

Uma Mulher
Jovem Inna, Homem de Confiança de Roma
Um Homem Pequeno
Ignatius Dullfeet
Betty Dullfeet, Sua Esposa
Criado de Dogsborough
Guarda-costas
Pistoleiros
Quitandeiros de Chicago e Cícero
Repórteres

## PRÓLOGO

*Diante da cortina, surge o Apresentador. Sobre o pano estão inscritas grandes manchetes: "Novidades no escândalo do subsídio para as docas!" — "Acirrada disputa pelo testamento e pela confissão do velho Dogsborough" — "Grandes revelações no processo do incêndio do armazém" — "O assassinato do gângster Ernesto Roma pelos seus amigos" — "Extorsão e assassinato de Ignatius Dullfeet" — "A conquista da cidade de Cícero pelos gângsteres". Por detrás do pano, ouve-se música de fanfarra.*

Apresentador —
Respeitável público. Hoje trazemos —
Silêncio lá atrás, pessoal!
E favor tirar o chapéu, jovem senhora! —
O grande e histórico *show* de gângsteres!
Contando, pela primeira vez,
A verdade sobre o grande escândalo do subsídio para as docas.
Além disso, levamos ao seu conhecimento,
O testamento e a confissão de Dogsborough.
A ascensão de Arturo Ui durante a grande crise!
Novas surpresas no famigerado processo do incêndio do armazém!
O assassinato de Dullfeet! A justiça entra em coma!
Os gângsteres em família: o assassinato de Ernesto Roma!
E, por último, um iluminado painel final:
Os gângsteres conquistam a cidade de Cícero!
Vocês verão, na apresentação dos artistas,
Os heróis mais famosos do nosso mundo do crime.
Vocês os verão mortos e vivos,
Transitórios e constantes,
Nascidos e criados, como,
Por exemplo, o velho, bom e honesto Dogsborough!
*Diante do pano surge o velho Dogsborough.*
O coração preto, a cabeleira branca
Faça a sua reverência, seu velho depravado!
*O velho Dogsborough se retira, depois de fazer uma reverência.*
Vocês verão, ainda, aqui conosco — lá
Está ele —

*Diante do pano surge Givola.*

O florista Givola. Com sua lábia melíflua
Ele vende gato por lebre.
Dizem que a mentira tem pernas curtas!
Então observem as dele!

*Givola se afasta, mancando.*

E agora, Emanuele Giri, o superpalhaço!
Apareça logo, deixe que te vejam!

*Diante do pano aparece Giri, cumprimentando todos com um aceno de mão.*

Um dos maiores assassinos de todos os tempos!
Suma daqui!

*Giri se afasta, zangado.*

E finalmente, a nossa maior atração!
O gângster de todos os gângsteres!
O famigerado
Arturo Ui! Com o qual o céu nos castigou,
Por todos os nossos crimes e pecados,
Atos de violência, tolices e fraquezas!

*Diante do pano surge Ui, que atravessa a rampa de um lado para outro.*

A quem ele não faz lembrar Ricardo III?
Desde os tempos das duas rosas
Não se viam matanças tão fulminantes e sangrentas!
Respeitável público, em vista disso,
Foi o desejo da direção,
Não temer custos nem taxas especiais,
Para apresentar tudo isso, em grande estilo .
Tudo, porém, é estritamente verídico,
Pois o que vocês verão, hoje à noite, não tem nada de novo,
Não é inventado nem imaginado,
Não foi censurado nem arranjado para vocês:
O que mostramos aqui, todo o continente já sabe:
É a peça sobre o gângster que todos conhecem!

*Vai aumentando o volume da música, somada ao som de uma metralhadora. O Apresentador se retira, apressadamente.*

# 1

a

*No centro da cidade. Surgem cinco homens de negócios, os líderes do cartel da couve-flor.*

Flake — Malditos tempos!

Clark — É como se Chicago, a boa velha tia, a caminho da padaria, para comprar o leite matinal, descobrisse um buraco no seu bolso, e agora procurasse pelos seus centavos na sarjeta.

Caruther — Ted Moon me convidou na última quinta-feira para um banquete de pombos na segunda, com outros oitenta convidados. Se realmente fôssemos, provavelmente só encontraríamos o leiloeiro. Essa brutal mudança da abundância para a miséria leva hoje menos tempo do que muitos demoram para empalidecer. As frotas de verduras dos cinco mares navegam como dantes com rumo a essa cidade, mas já não encontram um único comprador.

Butcher — É como se a noite caísse em pleno dia!

Mulberry — Clive e Robber estão falidos!

Clark — A importadora de frutas de Wheeler — que está no ramo desde os tempos de Noé — foi à bancarrota!

Flake — As garagens de Dick Havelock em liquidação!

Caruther — E o Sheet, onde está?

Flake — Não tem tempo para vir. Corre de um banco a outro.

Clark — O quê? Ele também? *Pausa.* Numa palavra: os negócios da couve-flor nesta cidade estão acabados.

Butcher — Bem, meus senhores, cabeça para cima! Quem não está morto, ainda vive!

MULBERRY — Não estar morto não significa viver.

BUTCHER — Pra que ver tudo preto? O comércio de alimentos, no fundo, é bem saudável. É comida para quatro milhões de cidadãos! Com ou sem crise a cidade precisa de verduras frescas, e disso nós nos encarregamos!

CARUTHER — E a situação das quitandas?

MULBERRY — Podre. Os fregueses compram meio repolho, e isso no fiado!

CLARK — Nossa couve está apodrecendo.

FLAKE — Ah, por sinal, tem um cara esperando no *hall* — menciono isso porque é curioso — chamado Ui...

CLARK — O gângster?

FLAKE — Em pessoa. Sentiu cheiro de carniça e já quer fazer negócios. Seu lugar-tenente, o Sr. Ernesto Roma, acredita poder convencer os quitandeiros de que comprar outra couve-flor que não a nossa pode ser muito pouco saudável. Ele promete dobrar o faturamento, pois, na sua opinião, os comerciantes continuam preferindo comprar couve-flor em lugar de caixões.

*Risadas constrangidas.*

CARUTHER — É uma pouca-vergonha.

MULBERRY *dá uma gargalhada* — Pistolas Thompson e bombas Mills! Novas idéias para promover as vendas! Finalmente temos sangue novo fluindo nos negócios da couve-flor! Correm boatos de que dormimos mal: o Sr. Arturo Ui se apressa em nos oferecer os seus préstimos! Pessoal, agora é só escolher entre ele e o Exército da Salvação. Quem dá a sopa mais gostosa?

CLARK — Acho que a do Ui é mais quente.

CARUTHER — Ponham-no para fora!

MULBERRY — Mas com gentileza. Ninguém sabe até que ponto ainda vamos chegar!

*Eles riem.*

FLAKE *para Butcher* — E quanto ao Dogsborough e o subsídio da prefeitura? *Para os outros* — Butcher e eu preparamos algo, que poderia nos ajudar nestes tempos parados de iliquidez. A idéia principal, em poucas palavras: por que não deveria a cidade, à qual pagamos impostos, tirar-nos da sujeira, com um subsídio, digamos, para a construção de novas docas, sob a nossa responsabilidade, com o fim de baixar os custos das verduras que chegam a essa cidade? O velho Dogsborough, com sua influência, poderia arranjar esse subsídio para nós. O que diz Dogsborough?

BUTCHER — Ele se recusa a fazer algo nesse sentido.

FLAKE — O quê? Ele se recusa? Maldito. Ele é o cabo eleitoral do distrito das docas, e não quer fazer nada por nós?

CARUTHER — Há muitos anos venho contribuindo para o seu fundo de campanha!

MULBERRY — Com os diabos, ele foi cantineiro na cantina do Sheet. Antes de entrar para a política, ele comeu o pão do cartel! Que ingrato! Flake! O que eu lhe disse? Não há mais decência no mundo! Não se trata de falta de dinheiro! É falta de decência mesmo! É só o barco ameaçar virar e já o abandonam xingando. Amigo vira inimigo, criado deixa de ser criado, e o nosso velho e sorridente cantineiro simplesmente nos vira as costas. Oh, moral, onde estás nestes tempos de crise?

CARUTHER — Nunca esperaria isso de Dogsborough!

FLAKE — Que desculpa ele está dando?

BUTCHER — Diz que a proposta é suspeita.

FLAKE — O que é que tem de suspeito nisso? Construir docas não tem nada de suspeito. Significa trabalho e pão para milhares!

Butcher — Ele diz que duvida que iremos construir docas.

Flake — Que infâmia!

Butcher — Que nós não queremos construir?

Flake — Não. Que ele duvide!

Clark — Então procurem outra pessoa que nos arrume o subsídio.

Mulberry — É isso mesmo, existem outros!

Butcher — Existir, existem. Mas nenhum é como o Dogsborough. Fiquem calmos! O homem é bom.

Clark — Bom pra quê?

Butcher — Ele é honesto. E mais que isso: ele é conhecido como honesto.

Flake — Não diga!

Butcher — É lógico que ele pensa em sua reputação!

Flake — Lógico? Precisamos de um subsídio da cidade. A boa reputação é problema dele.

Butcher — Será mesmo? Penso que também é problema nosso. Conseguir um subsídio numa transação em que não se façam perguntas, só mesmo por intermédio de um homem honesto, a quem ninguém tenha coragem de constranger pedindo notas e comprovantes. Esse homem é Dogsborough. Podem ter certeza! O velho Dogsborough é o nosso empréstimo. Sabem por quê? Porque acreditam nele. Quem há muito não crê mais em Deus, ainda crê em Dogsborough. O mais calejado especulador da bolsa, que não vai a um advogado se não estiver acompanhado de seu próprio advogado, seria capaz de guardar o último centavo, encontrado sobre o balcão de um bar, no bolso do avental do Dogsborough. São cem quilos de probidade! Os oitenta invernos que ele viveu não viram uma única fraqueza nele! Eu lhes digo: um homem assim vale ouro — principalmente quando se quer construir docas, talvez um pouco lentamente.

Flake — Muito bem, Butcher, ele vale ouro. Quando apóia um negócio, mantém a sua palavra. O problema é que ele não apóia o nosso negócio.

Clark — Não, não ele! “A cidade não é um caldeirão de sopa!”

Mulberry — E “todos pela cidade, a cidade por si!”.

Caruther — É nojento! Não vejo graça.

Mulberry — Ele muda de opinião mais raramente que de camisa. A cidade, pra ele, não é feita de madeira e pedra, onde as pessoas vivem e brigam umas com as outras, por aluguéis e bifes — mas sim, algo feito de papel, algo bíblico. Nunca fui com a cara dele.

Clark — Esse homem nunca esteve do nosso lado. Que lhe importa a couve-flor! Ou os transportes! Por ele as verduras podem apodrecer nesta cidade. Ele não mexeria um dedo. Há dezenove anos ele recolhe as nossas contribuições para o fundo eleitoral. Ou seriam vinte? E o tempo todo, ele só viu couve-flor em cima do prato! Nunca pisou em uma das nossas garagens!

Butcher — É isso mesmo.

Clark — Que vá para o inferno!

Butcher — Não, para o inferno, não! Que venha até nós!

Flake — Que é isso? O Clark já disse que esse homem nos rejeita friamente.

Butcher — Mas o Clark também disse claramente por quê.

Clark — O homem não sabe onde mora Deus!

BUTCHER — É isso! O que lhe falta? Conhecimento. Dogsborough não sabe como se sente alguém em nossa pele. A pergunta é, portanto: como colocar Dogsborough na nossa pele? O que devemos fazer com ele? Precisamos lhe dar uma lição! É uma pena para ele. Eu tenho um planozinho. Ouçam o que eu aconselho fazer!

*Aparece um letreiro que relembra certos acontecimentos do passado recente.*

## b

*Em frente à bolsa de mercadorias. Flake e Sheet estão conversando.*

SHEET — Fui de Pôncio a Pilatos. Pôncio estava viajando, Pilatos estava tomando banho. Hoje em dia, só vemos os nossos amigos pelas costas! O irmão, antes de encontrar o seu irmão, passa no marreteiro pra comprar botas velhas, só pra que ele não lhe peça nenhum dinheiro emprestado! Velhos sócios têm tanto medo um do outro, que diante do prédio da prefeitura só se interpelam com nomes inventados! A cidade toda está costurando os bolsos.

FLAKE — E a minha proposta?

SHEET — De vender? Não, isso eu não faço. Vocês querem o almoço em troca da gorjeta, e depois o agradecimento pela gorjeta! O que eu penso de vocês, é melhor não dizer!

FLAKE — Em nenhum outro lugar você consegue mais.

SHEET — E de meus amigos, não consigo mais do que em qualquer outro lugar, já sei.

FLAKE — O dinheiro anda caro.

SHEET — Mais caro ainda para aquele que precisa dele. E ninguém melhor que um amigo sabe quando se precisa de dinheiro.

FLAKE — Você não pode manter a sua companhia de navegação.

SHEET — Além disso, você sabe, tenho uma mulher que eu talvez também não possa mais manter.

FLAKE — Se você vendesse...

SHEET — ... seria um ano a mais. Só gostaria de saber pra que vocês querem a minha companhia de navegação.

FLAKE — Quer dizer que você nem pensou na possibilidade de nós, do cartel, querermos te ajudar?

SHEET — Não. Nem tinha pensado nisso. Onde é que eu estava com a cabeça? Não ter pensado que vocês poderiam querer me ajudar, e não somente extorquir o que eu tenho!

FLAKE — A amargura contra todos não vai te ajudar a sair do atoleiro.

SHEET — Pelo menos não ajuda o atoleiro, meu caro Flake!

*Aparecem três homens, caminhando displicentemente: o gângster Ui, seu lugar-tenente Ernesto Roma e um guarda-costas. Ao passar por Flake, Ui encara-o como se esperasse ser interpelado, e Roma vira-se ostensivamente para ele, com uma expressão zangada no rosto, antes de desaparecer.*

SHEET — Quem é?

FLAKE — É Arturo Ui, o gângster. — E então, que tal se você vendesse pra gente?

SHEET — Ele parecia ansioso pra falar com você.

FLAKE *rindo irritado* — Sem dúvida. Ele nos persegue com ofertas, querendo nos ajudar a vender a nossa couve-flor com o auxílio da sua Browning. Hoje já existem muitos como esse Ui. É como uma praga que assola a cidade, corroendo-lhe os dedos, os braços e os ombros. Ninguém sabe de onde isso vem. Mas suspeitam que venha de um buraco profundo. São assaltos, seqüestros, chantagens, ameaças e matanças. Na base do "mãos ao alto!" e "salve-se quem puder!" — Isso deveria ser cauterizado.

SHEET *fitando-o severamente* — E rápido. Pois isso pega.

FLAKE — E se você vendesse pra gente?

SHEET *dando alguns passos para trás e examinando-o* — É mesmo. Existe uma semelhança. Isto é, como esses que acabaram de passar; não muito forte, mas existe. Ainda não se vê, se pressente: no fundo de um lago, vêem-se, às vezes, uns galhos esverdeados e pegajosos; poderiam ser cobras, mas são galhos, ou será que não? É assim que você se parece com esse Roma, não se ofenda. Agora que o vi, e logo em seguida vi você, é como se eu já tivesse notado algo assim antes, mas não havia compreendido. E não é só com você. Diga mais uma vez: "E se você vendesse pra gente?". Acho que a voz também... Não, é melhor dizer: "mãos ao alto!". Pois é isso que você quer dizer. *Levanta as mãos.* Eu levanto as mãos, Flake. Fiquem com a companhia! Dêem-me um chute por ela, ou então dois! Dêem-me dois chutes, já é um pouco mais.

FLAKE — Você está louco!

SHEET — Bem que eu gostaria!

## 2

*No quarto dos fundos do restaurante de Dogsborough. Ele e o seu filho estão lavando copos. Surgem Butcher e Flake.*

DOGSBOROUGH — Vocês estão perdendo o seu tempo. Não vou colaborar! A proposta de vocês é suspeita. Fede como peixe podre.

JOVEM DOGSBOROUGH — Meu pai rejeita a sua proposta.

BUTCHER — Esqueça, meu velho! Nós só perguntamos. Você diz não. Muito bem, então é não.

DOGSBOROUGH — É suspeito. Conheço docas assim. Não colaboro.

JOVEM DOGSBOROUGH — Meu pai não colabora.

BUTCHER — Muito bem, esqueça.

DOGSBOROUGH — Não gostei de encontrá-los. A cidade não é um caldeirão de sopa, em que cada um pode meter a sua colher. Com os diabos, o negócio de vocês está indo bem.

BUTCHER — O que eu disse, Flake? Vocês vêem as coisas pretas demais.

DOGSBOROUGH — Ver as coisas pretas é traição. Vocês só prejudicam a si mesmos, rapazes. O que vocês vendem? Couve-flor. Isso é tão bom quanto vender carne e pão. É de carne, pão e verduras que o homem precisa. Bife sem cebola, carneiro sem feijão, e nunca mais vejo o freguês! Alguns estão meio duros no momento. Pensam duas vezes antes de comprar um terno novo. Mas ninguém precisa temer que nessa cidade, tão saudável como sempre, as pessoas não tenham mais dinheiro pra comprar verduras. Ânimo, rapazes! Não é mesmo?

FLAKE — Faz bem ouvir você, Dogsborough. Você nos dá coragem para seguir na luta.

BUTCHER — Eu acho até engraçado, Dogsborough, vê-lo tão confiante e seguro em relação à couve-flor. Pois, sinceramente, nós não viemos aqui à toa. Não, não é aquela proposta. Este assunto está encerrado, meu velho. Não tenha medo. É algo mais agradável. Pelo menos, é o que esperamos. Dogsborough, o cartel constatou que justamente agora em junho faz vinte anos desde que você, que já conhecíamos há décadas como cantineiro de uma de nossas empresas, nos deixou, pra se dedicar ao bem da cidade. Sem você, a cidade não seria o que é hoje. E, sem a cidade, o cartel da couve-flor não seria o que é hoje. Fiquei contente em ouvir você dizer que, no fundo, o negócio está bem saudável. Pois ontem decidimos fazer-lhe uma oferta pra comemorar essa data festiva, e, digamos, como prova de nossa elevada estima, e sinal de que em nossos corações ainda nos sentimos muito ligados a você, queremos oferecer a participação majoritária da companhia de navegação do Sheet por vinte mil dólares. Não é nem a metade de seu valor. *Coloca um pacote de ações sobre a mesa.*

DOGSBOROUGH — Butcher, o que é isso?

BUTCHER — Dogsborough, falando francamente: o cartel da couve-flor não conta lá com muitas almas sensíveis dentro dele, mas quando ontem ficamos sabendo da sua resposta quanto ao nosso tolo pedido de empréstimo, a sua resposta honesta, justa, indiferente até, bem ao estilo do velho Dogsborough, bem, nem queria contar, mas alguns de nós ficaram com os olhos cheios d'água. "O quê?", disse um de nós, fique calmo, Flake, não vou contar quem foi, "agora entramos bem!". Houve uma pequena pausa, Dogsborough, e então essa proposta surgiu com a maior naturalidade.

DOGSBOROUGH — Butcher e Flake, o que há por trás disso?

BUTCHER — O que deveria haver por trás disso? É somente uma proposta!

FLAKE — E é um prazer trazê-la até você. Aqui está você, o arquétipo do cidadão honesto, uma lenda viva e um homem poderoso, em seu boteco, e não está lavando somente alguns copos. Não, você também lava as nossas almas! E, apesar de tudo, você não é mais rico que os seus fregueses. É comovente.

DOGSBOROUGH — Não sei o que dizer.

BUTCHER — Não diga nada. Guarde o pacote! Um homem honesto pode precisar dele, não é? Com os diabos, o vagão dourado não passa muitas vezes pelo caminho honesto, não é? E o seu filho aqui: dizem que um bom nome vale mais que uma boa conta bancária. Bem, ele não vai fazer pouco dela. Pegue isso logo! Espero que você não lave a nossa cabeça por tão pouco!

DOGSBOROUGH — A companhia de Sheet!

FLAKE — Você pode vê-la daqui.

DOGSBOROUGH *da janela* — Vejo-a há vinte anos.

FLAKE — Pensamos nisso.

DOGSBOROUGH — E o Sheet, o que vai fazer?

FLAKE — Vai entrar no negócio da cerveja.

BUTCHER — Resolvido?

DOGSBOROUGH — Bom, parece tudo muito bonito, mas ninguém se desfaz de uma companhia de navegação por nada!

FLAKE — É, você não deixa de ter razão, pode ser também que os vinte mil dólares nos seriam bastante úteis agora, já que o subsídio foi um furo n'água.

BUTCHER — E já que não gostaríamos de colocar as nossas ações no mercado aberto, justamente agora...

DOGSBOROUGH — Isso já soa melhor. Não seria um mau negócio, não fossem as condições especiais, que certamente estão envolvidas nisso...

FLAKE — De modo algum.

DOGSBOROUGH — Vocês disseram vinte mil?

FLAKE — É muito?

DOGSBOROUGH — Não é isso. Seria a mesma companhia de navegação na qual comecei como um simples garçom. Se é que não acaba aparecendo um caroço no angu...Vocês desistiram mesmo do subsídio?

FLAKE — De tudo.

DOGSBOROUGH — Talvez eu devesse pensar melhor no assunto. Não é, meu filho, pra você não seria nada mau! Cheguei a pensar que vocês estivessem ofendidos. E agora vocês me vêm com uma oferta dessas! Viu só, menino, a honestidade compensa às vezes. É como vocês disseram: o menino não vai herdar muito mais que um bom nome, e eu já vi tanta maldade sendo feita por necessidade!

BUTCHER — Seria um alívio para nós se você aceitasse. Pois aí não restaria nada desse gosto amargo, você sabe, daquela nossa proposta estúpida! E, no futuro, poderíamos ouvir os seus conselhos, de como o comércio pode sobreviver, de maneira honesta e direita, nestes tempos de crise. Pois aí vai ser também o seu negócio, Dogsborough; pois aí você também vai ser um homem da couve-flor. Certo?
*Dogsborough segura a mão dele.*

DOGSBOROUGH — Butcher e Flake, eu aceito.

JOVEM DOGSBOROUGH — Meu pai aceita.
*Aparece um letreiro.*

## 3

*Loja de apostas na rua 122. Arturo Ui e seu lugar-tenente Ernesto Roma, acompanhados dos guarda-costas, ouvem a transmissão das corridas pelo rádio. Ao lado de Roma, está Dockdaisy.*

ROMA — Arturo, eu queria que você se libertasse desse ânimo sombrio e dessa sonheira ociosa, da qual a cidade inteira já está falando.

UI *amargo* — Quem está falando? Ninguém mais fala de mim. A cidade não tem memória. A fama aqui tem vida curta. Dois meses sem assassinato, e já se esquecem da gente. *Folheando rapidamente os jornais* — Quando a máuser se cala, cala-se a imprensa. Mesmo que eu forneça assassinatos, não posso nunca ter certeza de que isso será publicado. Pois não é a ação que vale, mas sim a influência. E esta depende da minha conta bancária. Resumindo: as coisas chegaram a tal ponto que às vezes eu tenho vontade de largar tudo.

ROMA — A falta de grana entre os nossos rapazes já está se fazendo sentir de forma constrangedora. O moral está baixo. A ociosidade acaba estragando eles. Um homem que só atira em cartas de baralho acaba arruinado. Já nem gosto mais de ir ao quartel-general, Arturo. Morro de pena deles. O meu "amanhã o circo pega fogo" fica entalado na garganta, quando vejo como eles me olham. O seu plano de extorsão dos quitandeiros é tão promissor! Por que não começar logo?

UI — Não agora. Não assim, partindo de baixo. É muito cedo.

ROMA — "Muito cedo" — essa é boa! Desde que você foi dispensado pelo cartel — e já faz quatro meses — que você fica aí sentado pelos cantos, chocando. Planos! Planos! Tentativas sem entusiasmo! A visita que você fez ao cartel quebrou a sua espinha. E aquele pequeno incidente com os policiais no Banco Harper ainda está atravessado na sua garganta!

UI — Mas eles estavam atirando!

ROMA — Mas só para o alto! Aquilo foi ilegal.

UI — Por um triz, e por duas testemunhas a menos, eu hoje estaria no xadrez. E esse Juiz! Sem um pingo de simpatia, nem por cinco cruzeiros!

ROMA — A polícia não vai atirar a favor das quitandas. Só atira a favor dos bancos. Olha aqui, Arturo, começamos pela rua Onze: janelas quebradas, gasolina na couve-flor, os móveis em pedaços para servir de lenha! E aí avançamos até a rua Sete. Um ou dois dias depois, Manuele Giri aparece nos armazéns, uma flor na lapela, e garante proteção. Dez por cento do faturamento.

UI — Não. Antes, quem precisa de proteção sou eu. Tenho que me proteger da polícia e dos juízes antes de poder dar proteção aos outros. Isso só funciona partindo de cima. *Sombrio* — Se eu não tiver o Juiz no bolso, tendo ele uma coisa minha no bolso, fico totalmente sem direitos. Se eu assalto um banco, qualquer guardinha simplesmente me mata!

ROMA — Então só nos resta o plano de Givola. É ele quem tem o faro pra sujeira. E se ele afirma que o cartel da couve-flor está com um cheiro "familiar de podre", tem de ter alguma verdade nisso. E houve rumores quando a cidade, na época, a conselho de Dogsborough, como dizem, concedeu aquele empréstimo. Desde então correm boatos sobre alguma coisa que deveria ter sido construída e não foi. Por outro lado, o Dogsborough tinha sido a favor. E como é que aquele velho coroinha poderia ser a favor de alguma coisa, se ela de alguma forma fosse suspeita? Ora vejam, aí vem o Ragg, do *Star*. Saber dessas coisas ninguém melhor que o Ragg. Ei, e aí, tudo bem, Ted?

RAGG *um pouco bêbado* — Oi, pessoal! Oi, Roma! Tudo bem, Ui? Como estão as coisas em Capua?

UI — O que é que ele quer dizer?

RAGG — Ah, nada de mais, Ui. Era uma pequena vila onde outrora um grande exército foi derrotado. Por ociosidade, boa vida, falta de exercício.

UI — Maldito!

ROMA *para Ragg* — Sem brigas! Conte-nos alguma coisa sobre esse subsídio do cartel da couve-flor, Ted!

RAGG — O que é que vocês têm com isso? Vocês agora vendem couve-flor? Já sei! Vocês também querem um subsídio da cidade. Falem com o Dogsborough! O velho conhece os canais. *Ele imita o velho* — "Será justo que um negócio, que no fundo é saudável, mas que esteja sendo ameaçado por uma seca passageira, acabe sucumbindo?". Não houve olho na prefeitura que não marejasse. Todos se solidarizaram com a couve-flor, como se fosse uma parte deles. Ah, com a Browning não há sentimento, Arturo!
*Os outros fregueses riem.*

ROMA — Não provoque, Ted. Ele não está nos seus melhores dias.

RAGG — Posso bem imaginar. Dizem que o Givola já andou pedindo emprego ao Capone.

DOCKDAISY *bastante bêbada* — Isso é mentira! Deixe o Giuseppe fora disso!

RAGG — Dockdaisy! Você ainda é a vice-noiva do coxo Givola? *Apresenta-a* — A quarta vice-noiva do terceiro vice-lugar-tenente de uma — *aponta para Ui* — estrela cadente de segunda grandeza! Oh, destino cruel!

DOCKDAISY — Calem a boca imunda desse sujeito!

RAGG — A posteridade não rende homenagens aos gângsteres! A massa indecisa volta-se para novos heróis. E o herói de ontem cai no esquecimento. Sua ordem de prisão amarela nos arquivos empoeirados. "Não fui eu quem lhes causou feridas?" — "Quando?" — "Outrora!" — "Ah, as feridas, faz tempo que elas viraram cicatrizes!" — "E as cicatrizes mais bonitas vão-se com aqueles que as levam!" — "Quer dizer então que, num mundo onde as boas ações passam tão despercebidas, nem mesmo das más ações fica um pequeno sinal?" — "Não!" — "Que mundo podre!"

UI *dá um berro* — Calem a boca dele!
*Os guarda-costas aproximam-se de Ragg.*

RAGG *empalidecendo* — Ei! Olha o tom áspero com a imprensa, Ui!
*Os fregueses levantam-se, alarmados.*

ROMA *empurrando Ragg para fora* — Vai pra casa, Ted, você já disse o bastante. Vai logo!

RAGG *saindo de costas, agora realmente amedrontado* — Até mais!
*O local esvazia-se rapidamente.*

ROMA *para Ui* — Você está nervoso, Arturo.

UI — Esses moleques me tratam como se eu fosse um nada.

ROMA — É porque faz tempo que você anda quieto, só isso.

UI *sombrio* — Onde se meteu o Giri com aquele procurador do cartel da couve-flor?

ROMA — Ele disse que o traria aqui às três horas.

UI — E que história é essa do Givola com o Capone?

ROMA — Nada sério. O Capone só esteve na floricultura dele pra comprar coroas.

UI — Coroas? Para quem?

ROMA — Não sei. Com certeza não pra nós.

UI — Eu não teria tanta certeza.

ROMA — Ah, hoje você está vendo tudo negro demais. Ninguém se preocupa com a gente.

UI — É isso! Até sujeira eles tratam com mais respeito. O Givola sai correndo ao primeiro fracasso. Eu juro, ao primeiro sucesso, acerto as contas com ele!

ROMA — Giri!
*Entra Emanuele Giri com um homem de aspecto decadente, Bowl.*

GIRI — Este é o homem, chefe!

ROMA *para Bowl* — Então você é o procurador de Sheet, no cartel da couve-flor?

BOWL — Era! Era o procurador, chefe. Até a semana passada. Até que esse cachorro...

GIRI — Ele odeia tudo o que cheira a couve-flor.

BOWL — O Dogsborough.

UI *rapidamente* — O que tem o Dogsborough?

ROMA — O que você tinha a ver com o Dogsborough?

GIRI — É por isso que eu o trouxe aqui!

BOWL — O Dogsborough me despediu.

ROMA — Da companhia de navegação do Sheet?

BOWL — Da dele mesmo. Pertence a ele, desde o começo de setembro.

ROMA — O quê?

GIRI — A companhia do Sheet — é do Dogsborough. Bowl estava junto, quando o próprio Butcher, do cartel da couve-flor, transferiu a maioria das ações pro velho.

UI — E então?

BOWL — E então! É uma vergonha sem tamanho...

GIRI — Você não está vendo, chefe?

BOWL — ... que o Dogsborough sugeriu aquele empréstimo polpudo da cidade para o cartel da couve-flor...

GIRI — ... quando secretamente ele próprio fazia parte do cartel!

UI *começando a entender* — Isso é corrupção. Por Deus, o Dogsborough está com a consciência suja!

BOWL — O empréstimo foi para o cartel, mas através da companhia de navegação. Através de mim. Eu assinei em nome do Dogsborough, e não em nome de Sheet, como parecia de fora.

GIRI — Mas que bomba! O Dogsborough! Aquele velho testa-de-ferro enferrujado! Aquele pequeno-burguês tão responsável, que vive apertando as mãos de todo mundo! Aquele velho incorruptível e impermeável!

Bowl — Dessa eu me vingo. Me mandar pra rua por fraude, quando ele mesmo... cachorro!

Roma — Calma! Além de você muita gente vai sentir o sangue fervendo quando ouvir isso. O que você acha, Ui?

Ui *apontando para Bowl* — Ele afirmaria isso sob juramento?

Giri — Com certeza.

Ui *levantando-se, entusiasmado* — Fiquem de olho nele! Venha, Roma! Agora eu começo a farejar negócios!

*Ui sai apressadamente, acompanhado por Ernesto Roma e seus guarda-costas.*

Giri *bate nos ombros de Bowl* — Bowl, você deu início a uma grande trama, que...

Bowl — E quanto à grana...

Giri — Não se preocupe! Conheço o chefe.

*Aparece um letreiro.*

## 4

*Na casa de campo de Dogsborough. Ele e seu filho.*

Dogsborough — Essa casa de campo eu jamais deveria ter aceitado. Que eu tenha aceitado o pacote pela metade do preço, bem, ninguém pode me censurar por isso.

Jovem Dogsborough — Absolutamente ninguém.

Dogsborough — Ter defendido a concessão do empréstimo, por ter sentido, na própria pele, como é triste ver cair na miséria um ramo de negócios florescente, mal pode ser considerado um ato errado. Mas que eu, contando com os lucros da companhia de navegação, já estivesse de posse dessa casa de campo, na época em que sugeri o empréstimo, agindo, assim, secretamente, por interesse próprio, isso foi errado.

Jovem Dogsborough — Foi, pai.

Dogsborough — Foi um erro, ou, pelo menos, poderá ser considerado como tal. Essa casa de campo, meu filho, eu não deveria ter aceitado.

Jovem Dogsborough — Não.

Dogsborough — Caímos numa armadilha, filho.

Jovem Dogsborough — É, pai.

Dogsborough — Esse pacote foi como os salgadinhos do dono de um botequim, colocados grátis numa cestinha sobre o balcão, para que o freguês, aplacando a sua fome barata, sinta cada vez mais sede. *Pausa.* A interpelação sobre a construção das docas na prefeitura não me agrada. O subsídio já foi gasto. Clark levou e Butcher levou. Flake levou e Caruther levou. E, infelizmente, eu também levei. E até agora não se comprou um só quilo de cimento! A única vantagem é que eu, a pedido do Sheet, não divulguei a negociação, de modo que ninguém sabe que eu tenho alguma coisa a ver com essa companhia de navegação.

Criado *entrando* — O Sr. Butcher, do cartel da couve-flor, está na linha.

Dogsborough — Filho, vá você!

*O Jovem Dogsborough e o criado saem. Ao longe, ouve-se o badalar de sinos.*

Dogsborough — O que será que o Butcher quer? *Olhando pela janela* — Foram os álamos desse lugar que me atraíram. E a vista para o mar, como prata antes de se tornar moeda. Aqui não tem o cheiro rançoso de cerveja velha. Os pinheiros também são agradáveis de se olhar, principalmente os topos. São cinza-esverdeados. Empoeirados. E os troncos, da cor do couro de novilho, que a gente usava antigamente para tirar chope do barril. Mas o que pesou mesmo foram os álamos. É sim, foram os álamos. Hoje é domingo. Hum. Os sinos tocam serenamente, como se neste mundo não houvesse tanta maldade. O que será que o Butcher quer hoje, num domingo? Essa casa de campo, eu não deveria...

JOVEM DOGSBOROUGH *voltando* — Pai, o Butcher disse que hoje à noite na prefeitura solicitaram que se investigue a situação das docas do cartel da couve-flor. Pai, você está sentindo alguma coisa?

DOGSBOROUGH — Minha cânfora!

JOVEM DOGSBOROUGH *passa-lhe o remédio* — Aqui!

DOGSBOROUGH — O que o Butcher vai fazer?

JOVEM DOGSBOROUGH — Ele vem pra cá.

DOGSBOROUGH — Pra cá? Não vou recebê-lo. Não estou bem. Meu coração. *Levanta-se. Num gesto largo* — Eu não tenho nada a ver com isso. Durante sessenta anos o meu caminho sempre foi reto, e a cidade sabe disso. Não tenho nada a ver com os truques deles.

JOVEM DOGSBOROUGH — Sim, pai. Você está melhor?

CRIADO *entrando* — Um senhor Ui se encontra no salão.

DOGSBOROUGH — O gângster!

CRIADO — Sim, a foto dele estava nos jornais. Ele afirma que foi o senhor Clark do cartel da couve-flor que o mandou.

DOGSBOROUGH — Bota ele pra fora! Quem foi que o mandou vir? O Clark? Que diabo! Ele manda os gângsteres atrás de mim? Eu quero...
*Entram Arturo Ui e Ernesto Roma.*

UI — Sr. Dogsborough.

DOGSBOROUGH — Pra fora!

ROMA — Espere aí! Vamos com calma! Nada de precipitações! Hoje é domingo, não é?

DOGSBOROUGH — Eu disse: pra fora!

JOVEM DOGSBOROUGH — Meu pai disse: pra fora!

ROMA — Que diga isso mais uma vez, e mais uma vez não será novidade.

UI *impávido* — Sr. Dogsborough.

DOGSBOROUGH — Onde estão os criados? Chame a polícia!

ROMA — É melhor ficar parado, filho! Veja, no corredor estão uns garotos que podem te interpretar mal.

DOGSBOROUGH — Então é isso. Violência.

ROMA — Ah, não, violência, não. Apenas um reforço, meu amigo.
*Silêncio.*

UI — Sr. Dogsborough. Eu sei, o senhor não me conhece. Ou então, só de ouvir falar, o que é pior. Sr. Dogsborough, o senhor está vendo à sua frente um homem mal compreendido. Sua imagem denegrida pela inveja, os seus intentos deformados por infâmias. Quando iniciei a minha carreira nesta cidade, e posso dizer que não foi toda de insucessos, há quatorze anos, como um filho do Bronx, como um simples desempregado, só contava com sete bravos companheiros ao meu redor, sem recursos, porém decididos como eu, capazes de tirar carne de cada vaca criada por Nosso Senhor. Agora já são trinta, e serão cada vez mais. O senhor se pergunta: o que o Ui quer de mim? Não quero muito. Só quero uma coisa: não ser mal compreendido! Não quero ser considerado um caçador de fortuna, um aventureiro, sei lá o quê.

*Pigarreia.* Pelo menos aos olhos de uma polícia que eu sempre tive em alta consideração. Por isso estou diante do senhor. E lhe peço — e eu não gosto de pedir — para interceder por mim na polícia, quando for preciso.

Dogsborough *incrédulo* — O senhor quer dizer, ser o seu fiador?

Ui — Se for preciso. Isso vai depender de a gente se acertar com os quitandeiros.

Dogsborough — O que o senhor tem a ver com os quitandeiros?

Ui — Vou me associar a eles. Estou decidido a protegê-los. Contra qualquer transgressão. Se preciso, por meio da violência.

Dogsborough — Que eu saiba, até agora eles não estão sendo ameaçados por nenhum lado.

Ui — Até agora, talvez não. Mas eu vejo mais adiante, e pergunto: até quando? Até quando, numa cidade assim, com uma polícia preguiçosa e corrupta, o quitandeiro vai poder vender as suas verduras em paz? Será que amanhã o seu pequeno estabelecimento já não será destruído por mãos perniciosas, e o seu caixa, assaltado? Será que ele não vai preferir desfrutar de uma segurança forte a partir de hoje, em troca de uma pequena quantia?

Dogsborough — Eu acho que não.

Ui — Isso significaria que ele não sabe o que é bom para ele. É possível. O pequeno quitandeiro, esforçado, mas limitado, muitas vezes honesto, mas raramente com visão do futuro, precisa de uma liderança forte. Infelizmente ele desconhece a responsabilidade em relação ao cartel, a quem ele deve tudo. Também aqui, Sr. Dogsborough, eu tenho as minhas responsabilidades. Pois também o cartel precisa de proteção hoje em dia. Chega de maus pagadores! Pague ou feche o negócio! Que alguns fracos sucumbam! É a lei da natureza! Em suma, o cartel da couve-flor precisa de mim.

Dogsborough — O que é que eu tenho a ver com o cartel da couve-flor? O senhor bateu na porta errada com o seu notável plano.

Ui — Falamos nisso mais tarde. Sabe do que o senhor precisa? O senhor precisa de punhos no cartel da couve-flor! Trinta homens dispostos a tudo, sob a minha liderança.

Dogsborough — Não sei se em vez de máquinas de escrever o cartel prefere pistolas Thompson, mas também, eu não pertenço ao cartel.

Ui — Falamos nisso mais tarde. O senhor diz: trinta homens, bem armados, fazem o que querem no cartel. Quem garante que nada vai acontecer conosco? Bem, a resposta é simplesmente esta: quem paga tem o poder! E é o senhor quem distribui os salários. Como é que eu poderia ir contra o senhor? Mesmo que eu quisesse, e não considerasse o senhor como considero, o senhor tem a minha palavra! O que é que eu sou, afinal? Quantos me seguem, afinal? O senhor sabia que alguns já me deixaram? Hoje são só vinte, se é que chegam a tanto! Se o senhor não me salvar, é o meu fim. Como ser humano o senhor tem hoje a obrigação de me proteger dos meus inimigos. E para ser sincero, dos meus aliados também! Uma obra de quatorze anos está em jogo! Apelo ao senhor como ser humano!

Dogsborough — Então ouça o que farei, como ser humano: vou chamar a polícia!

Ui — A polícia?

Dogsborough — Isso mesmo, a polícia.

Ui — Isso significa que o senhor se recusa a me ajudar, como ser humano? *Berrando* — Então, eu exijo isso do senhor como de um delinqüente! Pois é isso que o senhor é! Vou desmascará-lo! Eu tenho as provas! O senhor está envolvido no escândalo das docas, que está pra estourar! A companhia de navegação do Sheet — é do senhor! Eu previno o senhor! Não me provoque ainda mais! O inquérito já foi decidido!

DOGSBOROUGH *muito pálido* — Ele jamais será realizado. Meus amigos...

UI — O senhor não tem amigos! Amigos o senhor tinha ontem. Hoje, não tem mais, e amanhã só vai ter inimigos. Se existe alguém que pode salvá-lo, esse alguém sou eu! Arturo Ui! Eu! Eu!

DOGSBOROUGH — O inquérito não será realizado. Ninguém terá a coragem de fazer isso comigo. Meus cabelos estão brancos...

UI — Mas, fora os cabelos, não existe nada de branco no senhor. Homem! Dogsborough! *Tenta pegar a sua mão.* Juízo! Mantenha o juízo! Deixe-se salvar por mim! Uma palavra sua, e eu arraso qualquer um que queira tocar num único fio de cabelo seu! Dogsborough, ajude-me agora, eu lhe peço, uma vez! Somente uma vez! Não posso mais aparecer diante dos meus homens, se não chegar a um acordo com o senhor! *Chora.*

DOGSBOROUGH — Nunca! Melhor sucumbir do que me envolver com o senhor!

UI — É o meu fim. Eu sei disso. Tenho quarenta anos e continuo não sendo nada! O senhor precisa me ajudar!

DOGSBOROUGH — Nunca!

UI — Eu estou prevenindo! Vou acabar com o senhor!

DOGSBOROUGH — Mas enquanto eu estiver vivo, o senhor nunca, nunca vai conseguir montar o seu esquema de extorsão contra os quitandeiros!

UI *com dignidade* — Muito bem, Sr. Dogsborough. Eu tenho só quarenta. O senhor tem oitenta, portanto, com a ajuda de Deus, vou viver mais que o senhor! Eu sei que vou entrar para o comércio de verduras!

DOGSBOROUGH — Nunca!

UI — Vamos embora, Roma!

*Ui curva-se formalmente e deixa o recinto, acompanhado por Ernesto Roma.*

DOGSBOROUGH — Preciso de ar! Que cara-de-pau! Mas que cara-de-pau! Não, eu não deveria nunca ter aceitado essa casa de campo! Mas eles não terão coragem de instaurar um inquérito. Senão estaria tudo acabado! Não, eles não terão coragem.

CRIADO *entra* — Goodwill e Gaffles, da prefeitura!

*Entram Goodwill e Gaffles.*

GOODWILL — Oi, Dogsborough!

DOGSBOROUGH — Oi, Goodwill. Oi, Gaffles! O que há de novo?

GOODWILL — Nada de bom, eu temo. Aquele não era o Arturo Ui, que passou por nós agora no salão?

DOGSBOROUGH *esforçando-se para rir* — Era, em pessoa. Não é exatamente um adorno para uma casa de campo.

GOODWILL — Não. Não é exatamente um adorno! Bem, não são bons ventos que nos trazem até você. É o subsídio do cartel da couve-flor para as instalações das docas.

DOGSBOROUGH *severo* — O que é que tem o subsídio?

GAFFLES — Bem, ontem, na prefeitura — não fique zangado — disseram que ele é um pouco suspeito.

DOGSBOROUGH — Suspeito...

GOODWILL — Fique tranqüilo! A maioria se indignou com a expressão. Foi um milagre que não saísse pancadaria!

GAFFLES — "Imaginem, contratos do Dogsborough serem suspeitos!", eles gritaram. E a Bíblia? De repente ela também é suspeita! Aquilo quase se transformou numa homenagem a você, Dogsborough! Quando os seus amigos exigiram uma investigação imediata, muitos se retrataram ao ver a nossa confiança, e não quiseram ouvir mais nada a respeito. A maioria, porém, ansiosa por ver o seu nome livre da mais ínfima suspeita, gritou: Dogsborough não é só um nome e não é somente um homem, é uma instituição! E com grande estardalhaço aprovou o inquérito.

DOGSBOROUGH — O inquérito.

GOODWILL — O'Casey assumiu a liderança em nome da cidade. O pessoal do cartel da couve-flor declara somente que o subsídio foi passado diretamente à companhia de navegação de Sheet e que os contratos com as empreiteiras deviam ser fechados diretamente pela companhia de Sheet.

DOGSBOROUGH — A companhia de Sheet.

GOODWILL — O melhor seria se você mesmo enviasse um homem de boa reputação, que seja da sua confiança e imparcial, para jogar um pouco de luz nessa intriga toda.

DOGSBOROUGH — Sem dúvida.

GAFFLES — Então está resolvido. E agora mostre-nos a sua tão elogiada nova casa de campo, Dogsborough, para que tenhamos o que contar!

DOGSBOROUGH — Sim.

GOODWILL — Paz e sinos! É o que se pode desejar!

GAFFLES *rindo* — E nada de docas!

DOGSBOROUGH — Vou mandar o homem!
*Saem lentamente.*
*Aparece um letreiro.*

## 5

*A prefeitura. Butcher, Flake, Clark, Mulberry, Caruther. No lado oposto, Dogsborough, que está extremamente pálido, ao lado de O'Casey, Gaffles e Goodwill. A imprensa.*

BUTCHER *a meia voz* — Ele está demorando.

MULBERRY — Virá com Sheet. Pode ser que não tenham chegado a um acordo. Acho que passaram a noite toda negociando. Sheet tem de afirmar que a companhia de navegação ainda é dele.

CARUTHER — Não vai ser mole pro Sheet se apresentar aqui e provar que é o único cafajeste.

FLAKE — Ele não vai fazer isso.

CLARK — Ele tem que fazer.

FLAKE — Por que é que ele aceitaria ficar cinco anos na prisão?

CLARK — É muito dinheiro, e a Mabel Sheet precisa de luxo. Ele continua totalmente louco por ela. Ele vai concordar. E quanto à prisão: ele nem vai ver a prisão. O Dogsborough vai dar um jeito.
*Ouvem-se gritos dos vendedores de jornais na rua. Um repórter entra com um exemplar na mão.*

GAFFLES — Sheet foi encontrado morto. No hotel. Com uma passagem para São Francisco no bolso do colete.

BUTCHER — Sheet morto?

O'CASEY *lê* — Assassinado.

MULBERRY — Oh!

FLAKE *a meia voz* — Não foi ele quem fez isso.

GAFFLES — Dogsborough, você está passando mal?

Dogsborough *com dificuldade* — Já vai passar.

O'Casey — A morte do Sheet...

Clark — A morte inesperada do pobre Sheet é como uma aguilhoada no inquérito...

O'Casey — Não resta dúvida: o inesperado muitas vezes é esperado, e muitas vezes a gente espera o inesperado. A vida é assim. Agora me encontro na frente de vocês, de cara lavada, e espero que vocês não peçam que eu recorra ao Sheet com as minhas perguntas, o Sheet está bem quieto agora, desde hoje à noite, conforme estou vendo neste jornal.

Mulberry — O que significa isso, o empréstimo de vocês afinal foi dado para a companhia de navegação, não foi?

O'Casey — Foi. Porém: quem é a companhia?

Flake *a meia voz* — Pergunta esquisita! Ele ainda tem alguma coisa na manga!

Clark *igualmente* — O que pode ser?

O'Casey — Está sentindo alguma coisa, Dogsborough? É o ar? *Para os outros* — Só acho que poderíamos dizer que além de algumas pás de terra o Sheet ainda vai ter que arcar com a sujeira de outros daqui. Estou imaginando que...

Clark — Talvez, O'Casey, fosse melhor não imaginar tanto. Nesta cidade existem leis contra a difamação.

Mulberry — O que vocês querem com essas conversas obscuras? Que eu saiba, o Dogsborough nomeou um homem para esclarecer tudo isso. Pois vamos esperar por esse homem!

O'Casey — Ele está demorando muito. E quando vier, eu espero que não fale só sobre o Sheet.

Flake — Esperamos que ele relate os fatos, nada mais.

O'Casey — Então é um homem honesto? Isso não seria nada mau. Já que o Sheet só morreu essa noite, as coisas já podem ter sido esclarecidas. Bem, eu espero — *para Dogsborough* — que você tenha escolhido um homem bom.

Clark *incisivo* — Ele é aquele que for, está bem? E aí vem ele.
*Entram Arturo Ui e Ernesto Roma, acompanhados de guarda-costas.*

Ui — Olá, Clark! Olá, Dogsborough! Olá!

Clark — Olá, Ui!

Ui — Então, o que querem saber de mim?

O'Casey *para Dogsborough* — É esse o seu homem?

Clark — Claro. Não é bom que chega?

Goodwill — Dogsborough, será que isso significa...

O'Casey *ouvindo um murmúrio da imprensa* — Silêncio aí!

Um Repórter — É o Ui!
*Risos. O'Casey consegue fazer silêncio. Olha os guarda-costas da cabeça aos pés.*

O'Casey — Quem é essa gente?

Ui — Amigos.

O'Casey *para Roma* — Quem é o senhor?

Ui — O meu procurador, Ernesto Roma.

Gaffles — Um momento! Dogsborough, isso é uma brincadeira, não é?
*Dogsborough permanece em silêncio.*

O'CASEY — Sr. Ui, como podemos deduzir do eloqüente silêncio do Dogsborough, o senhor é o homem que tem a confiança dele e deseja a nossa. Muito bem, onde estão os contratos?

UI — Que contratos?

CLARK *vendo O'Casey olhar para Goodwill* — Os contratos que a companhia de navegação deve ter fechado com as construtoras para a ampliação das docas.

UI — Não sei nada de contratos.

O'CASEY — Não?

CLARK — O senhor está querendo dizer que não existem contratos?

O'CASEY *rápido* — O senhor falou com o Sheet?

UI *abana a cabeça* — Não.

CLARK — Ah, não? Não falou com o Sheet?

UI *irado* — Quem afirmar que eu falei com o Sheet está mentindo.

O'CASEY — Pensei que o senhor ia cuidar do caso em nome do Dogsborough.

UI — Foi o que eu fiz.

O'CASEY — E os seus estudos renderam frutos, Sr. Ui?

UI — Claro. Não foi fácil descobrir a verdade. E ela não é agradável. Quando o Sr. Dogsborough me chamou, no interesse desta cidade, para esclarecer o paradeiro do dinheiro, constituído dos tostões economizados por nós, contribuintes, e confiado a uma companhia de navegação, tive de constatar, horrorizado, que o dinheiro foi desviado. Este é o primeiro ponto. O segundo ponto é: quem desviou o dinheiro? Muito bem, eu também consegui descobrir isso, e o culpado, infelizmente, é...

O'CASEY — Então, quem é?

UI — O Sheet.

O'CASEY — É mesmo? O Sheet! O silencioso Sheet! Com quem o senhor não falou!

UI — O que é que vocês estão olhando? O culpado chama-se Sheet.

CLARK — O Sheet morreu. Você não ouviu?

UI — Ah, é? Ele morreu? Eu estava em Cícero esta noite. Por isso não soube de nada. Roma estava comigo.
*Pausa.*

ROMA — Isso é o que eu chamo de estranho. Vocês acham que é uma coincidência que justamente agora ele tenha...

UI — Meus senhores, isso não é uma coincidência. O suicídio de Sheet é a conseqüência dos crimes de Sheet. É terrível!

O'CASEY — Só que não foi suicídio.

UI — O que foi, então? Claro, eu e o Roma estivemos em Cícero esta noite, não sabemos de nada. Mas eu sei o que agora todos nós sabemos: Sheet, aparentemente um empresário honesto, era um gângster!

O'CASEY — Entendo. Para o senhor, nenhuma palavra é suficientemente incisiva tratando-se do Sheet, para quem hoje à noite uma outra coisa foi excessivamente incisiva, Ui. Muito bem, e agora você, Dogsborough.

DOGSBOROUGH — Eu?

BUTCHER *incisivo* — O que é que tem com o Dogsborough?

O'CASEY — Tem isto: se eu entendo o que disse o Sr. Ui — e acho que o entendo bem —, foi uma companhia de navegação que recebeu o dinheiro e o desviou. Então só resta uma pergunta: quem é a companhia de navegação? Ouço dizer que ela se chama Sheet. Mas o que são nomes? O que nos interessa é saber a quem pertencia a companhia. E não o nome dela! Será que ela pertencia a Sheet? Sem dúvida, o Sheet poderia nos dizer isso, mas o Sheet não fala mais daquilo que lhe pertencia desde que o Sr. Ui esteve em Cícero. Seria possível que fosse outro o proprietário, quando ocorreu a fraude da qual estamos tratando? O que você acha, Dogsborough?

DOGSBOROUGH — Eu?

O'CASEY — É. Será que é possível que você estivesse sentado na escrivaninha do Sheet, quando — bem, digamos assim — um contrato não estava sendo assinado?

GOODWILL — O'Casey!

GAFFLES *para O'Casey* — Dogsborough?! Que idéia é essa?

DOGSBOROUGH — Eu...

O'CASEY — E mesmo antes, quando você nos falou na prefeitura das dificuldades pelas quais a couve-flor passava, e que deveríamos conceder um empréstimo — será que você falava por experiência própria?

BUTCHER — Mas o que é isso? Vocês não estão vendo que o homem está passando mal?

CARUTHER — Um homem idoso!

FLAKE — Os seus cabelos brancos deveriam servir de indício de que não pode haver maldade nele.

ROMA — Eu digo: e as provas?

O'CASEY — No tocante às provas...

UI — Peço silêncio! Mantenham a ordem, amigos!

GAFFLES *em voz alta* — Pelo amor de Deus, Dogsborough, fale!

UM GUARDA-COSTAS *num berro súbito* — O chefe quer silêncio! Silêncio!
*Silêncio repentino.*

UI — Se me permitem dizer o que me move neste momento ao ver esta situação humilhante — um homem idoso sendo atacado e os seus amigos ao redor, em silêncio — então é isto: Sr. Dogsborough, eu acredito no senhor. E pergunto: é assim que a culpa se apresenta? É este o olhar de um homem que se desviou do caminho? Será que aqui branco não é mais branco e preto não é mais preto? As coisas foram longe demais se chegaram a esse ponto.

CLARK — Estão acusando um homem probo de corrupção!

O'CASEY — E mais que isso: de fraude! Pois eu afirmo que a obscura companhia de navegação — da qual ouvimos falar tão mal quando ainda era considerada como pertencente ao Sheet —, essa companhia era de propriedade do Dogsborough no momento em que se concedeu o empréstimo!

MULBERRY — Isso é mentira!

CARUTHER — Eu ponho a minha cabeça a prêmio pelo Dogsborough! Podem convocar a cidade inteira! Não vão encontrar ninguém que o chame de corrupto!

UM REPÓRTER *para outro, que acaba de chegar* — Acabam de acusar o Dogsborough!

O OUTRO REPÓRTER — O Dogsborough? Por que não o Abraham Lincoln?

MULBERRY E FLAKE — Testemunhas! Testemunhas!

O'CASEY — Ah, vocês querem testemunhas? É isso? Muito bem, Smith, como andam as coisas com a nossa testemunha? Ele chegou? Estou vendo que ele chegou.

*Um de seus homens apareceu na porta e fez um sinal. Todos olham para a porta. Pequena pausa. Em seguida, ouve-se uma série de tiros e barulho. Grande confusão. Os repórteres correm para fora.*

REPÓRTERES — É em frente à casa. Metralhadoras. — Como chama a sua testemunha, O'Casey? — O ar está carregado. — Olá, Ui!

O'CASEY *indo até a porta* — Bowl. *Berra para fora* — Entre aqui!

PESSOAL DO CARTEL DA COUVE-FLOR — O que está acontecendo? — Alguém foi morto a tiros. — Na escada. — Maldição!

BUTCHER *para Ui* — Mais desordem? Ui, eu corto as relações com você se aconteceu alguma coisa que...

UI — Sim?

O'CASEY — Tragam-no para dentro!
*Os policiais entram com um defunto.*

O'CASEY — É o Bowl. Meus senhores, temo que a minha testemunha não tenha mais condições de depor. *Ele se afasta rapidamente.*
*Os policiais colocaram o corpo de Bowl num canto.*

DOGSBOROUGH — Gaffles, me tira daqui!
*Gaffles passa por ele sem responder e sai.*

UI *vai até Dogsborough, com a mão estendida* — Meus parabéns, Dogsborough! Eu quero que as coisas fiquem bem claras. De uma forma ou de outra.
*Aparece um letreiro.*

## 6

*Hotel Mammoth. Suíte de Ui. Dois guarda-costas trazem um ator esfarrapado e o apresentam a Ui. Ao fundo, Givola.*

PRIMEIRO GUARDA-COSTAS — Ele é ator, chefe. Está desarmado.

SEGUNDO GUARDA-COSTAS — Ele não teria grana para uma Browning. Só está calibrado porque deixam ele declamar qualquer coisa no bar quando também estão calibrados. Mas parece que ele é bom. É do gênero clássico.

UI — Então ouça: me deram a entender que a minha pronúncia deixa a desejar. E já que será inevitável que em uma ou outra ocasião eu tenha que proferir algumas palavras, principalmente se a coisa for política, decidi tomar algumas aulas. Inclusive de apresentação.

ATOR — Sim senhor.

UI — Tragam o espelho!
*Um dos guarda-costas traz um grande espelho de alfaiate.*

UI — Primeiro, o andar. Como é que vocês andam no teatro ou na ópera?

ATOR — Sei o que o senhor quer dizer. O senhor fala do grande estilo. Júlio César, Hamlet, Romeu, peças de Shakespeare. Sr. Ui, o senhor está falando com a pessoa certa. O velho Mahonney pode lhe ensinar em dez minutos como se apresentar de forma clássica. Os senhores estão diante de um caso trágico. Eu me arruinei com Shakespeare. Poeta inglês. Eu poderia estar atuando na Broadway hoje, se não existisse Shakespeare. A tragédia de um personagem. "Não banque Shakespeare quando estiver interpretando Ibsen, Mahonney! Olhe o calendário! Estamos em 1912, senhor!" — "A arte não conhece calendários, senhor", digo eu — "eu faço arte". Pois é.

GIVOLA — Parece que você encontrou a pessoa errada, chefe. Ele já era.

UI — Veremos. Ande um pouco em volta, como se faz nesse tal de Shakespeare.
*O ator dá uma volta.*

UI — Muito bem!

Givola — Mas você não pode andar desse jeito na frente dos comerciantes de couve-flor! Parece artificial!

Ui — Como assim, artificial? Hoje em dia, ninguém parece natural. Quando eu ando quero que notem que estou andando. *Imita o andar do ator.*

Ator — Jogue a cabeça para trás. *Ui joga a cabeça para trás.* O pé toca o chão primeiro com a ponta. *O pé de Ui toca o chão primeiro com a ponta.* Muito bem. Excelente. O senhor tem uma inclinação natural. Só falta acertar os braços. Rígidos. Espere. É melhor juntá-los na frente dos genitais. *Ui junta as mãos na frente dos genitais, enquanto anda.* Nada mau. Está relaxado e ao mesmo tempo concentrado. Mas a cabeça está para trás. Correto. Penso que o andar está de acordo com os seus objetivos, Sr. Ui. O senhor deseja mais alguma coisa?

Ui — Ficar de pé. Diante de pessoas.

Givola — Coloque dois homens fortes bem atrás de você e estará perfeitamente posicionado.

Ui — Isso é uma besteira. Quando estou de pé quero que olhem pra mim, e não pra duas pessoas atrás de mim. Corrija-me. *Ele se posiciona, os braços cruzados sobre o peito.*

Ator — Assim dá. Mas é vulgar. O senhor não quer parecer um cabeleireiro, seu Ui. Cruze os braços assim. *Ele cruza os braços de modo a mostrar as costas das mãos colocadas sobre os braços.* Uma mudança mínima, mas a diferença é enorme. Compare na frente do espelho, seu Ui.

*Ui experimenta a nova posição dos braços diante do espelho.*

Ui — Muito bem.

Givola — Pra que você está fazendo isso? Pros senhores refinados do cartel?

Ui — Claro que não. É óbvio que é para as pessoas simples. Pra que você acha que esse tal de Clark do cartel se apresenta de maneira imponente? Não é para os seus iguais, é? Para eles basta a conta bancária. Assim como para certos objetivos me bastam alguns homens fortes pra que eu seja respeitado. O Clark se apresenta de maneira imponente por causa das pessoas simples! E eu vou fazer o mesmo.

Givola — Bem, mas podem dizer: não parece ser de berço. Existem pessoas que são sensíveis nesse sentido.

Ui — É óbvio que existem. Só que não é importante o que o professor ou um ou outro sabido pensa. O que importa é como a pessoa simples imagina que deve ser o seu senhor. E basta.

Givola — Mas por que fazer questão de se mostrar senhoril? Por que não aparecer simplesmente em mangas de camisa e com o olho roxo, chefe?

Ui — Para isso eu tenho o velho Dogsborough.

Givola — Parece que esse andou sofrendo um pouco. Aquela velha peça preciosa ainda consta na coluna “haver”, mas a gente já não gosta de mostrá-la, talvez ela não seja lá muito verdadeira... Como uma Bíblia de família que a gente já não abre mais, desde o dia em que, numa roda de amigos, ao folheá-la emocionadamente, encontramos, entre as veneráveis páginas amareladas, um piolho ressecado. Mesmo assim ele ainda é suficientemente bom para a couve-flor.

Ui — Sou eu quem decide quem é respeitável.

Givola — Claro, chefe. Nada contra o Dogsborough! Ele ainda pode ser usado. Nem mesmo na prefeitura deixaram ele cair. O barulho seria muito grande.

Ui — O sentar.

Ator — O sentar. O sentar é quase o mais difícil, seu Ui. Existem pessoas que sabem andar; há aqueles que sabem ficar de pé; mas onde estão as pessoas que sabem sentar? Pegue uma cadeira com encosto, seu Ui. E agora, não se encoste. Coloque as mãos sobre as coxas, paralelas à barriga, os cotovelos longe do corpo. Quanto tempo o senhor consegue ficar sentado assim, seu Ui?

Ui — O quanto eu quiser.

Ator — Então, está tudo bem, seu Ui.

Givola — Talvez fosse certo, chefe, deixar a herança do Dogsborough para o querido Giri. Ele tem popularidade — mesmo sem povo. Ele se faz de engraçado e consegue rir de um jeito que o gesso cai do teto, se for preciso. E se não for preciso, também, por exemplo, quando você se apresenta como filho do Bronx, o que você na realidade é, e fala dos sete jovens decididos...

Ui — Ah, é, então ele ri?

Givola — Faz cair o gesso do teto. Mas não diga nada pra ele, senão ele vai dizer outra vez que eu tenho ódio dele. É melhor fazer ele perder a mania de colecionar chapéus.

Ui — Que chapéus?

Givola — Os chapéus das pessoas que ele metralhou. E depois desfilar por aí com eles na cabeça. É nojento.

Ui — Eu não amarro o focinho do boi que mói o trigo pra mim. Prefiro ignorar as pequenas fraquezas dos meus colaboradores. *Para o ator* — E agora, quanto ao falar! Declame alguma coisa!

Ator — Shakespeare. Só isso. César. O antigo herói. *Tira um livrinho do bolso.* Que tal o discurso de Antônio? Junto ao caixão de César. Contra Brutus. Mentor dos assassinos traiçoeiros. Um belo exemplo de discurso popular, muito famoso. Atuei como Antônio em Zenith, em 1908. É justamente o que o senhor precisa, seu Ui. *Ele se posiciona e recita o discurso de Antônio linha por linha* — Compatriotas, amigos, romanos, peço a sua atenção! *Ui vai repetindo as palavras, seguindo o livrinho, sendo às vezes corrigido pelo ator, não alterando, porém, o seu tom áspero e seco.*

César está morto. E eu vim para enterrar César, e não para louvá-lo. Compatriotas! O mal que o homem faz sobrevive a ele; o bem muitas vezes é enterrado com ele. Assim seja com César! O nobre Brutus lhes assegurou: César era tirânico. Se ele o foi, seria uma falta grave, e gravemente César a teria pago.

Ui *continua sozinho* — Aqui estou com a vênia de Brutus (pois Brutus é um homem honrado, como são todos eles, todos homens honrados) junto ao defunto para lhes falar. Ele foi meu amigo, foi justo e leal a mim. Mas Brutus nos diz, César era tirânico. E Brutus é um homem honrado. Ele trouxe muitos cativos a Roma: os cofres de Roma se encheram com os resgates. Talvez isso já fosse tirania de César? Decerto, se o homem pobre de Roma dissesse isso dele, César teria chorado. Seriam os tiranos de substância mais dura? Talvez! Mas Brutus nos diz que César era tirânico. E Brutus é um homem honrado. Todos vistes que nas lupercais três vezes lhe ofereci a coroa real. Recusou-a três vezes. Isso foi tirânico? Não? Mas Brutus diz que ele era tirânico. E certamente é um homem honrado. Não falo para contradizer Brutus. Estou aqui para dizer o que sei. Todos o amastes alguma vez — e não sem causa! O que vos impede de chorar a sua morte?

*Durante os últimos versos o pano cai lentamente. Aparece um letreiro.*

## 7

*Escritório do cartel da couve-flor. Arturo Ui, Ernesto Roma, Giuseppe Givola, Emanuele Giri e os guarda-costas. Um bando de pequenos quitandeiros ouve Ui falando. Ao lado de Ui, sobre o palanque, está sentado Dogsborough, velho e doente. Em segundo plano, Clark.*

Ui *gritando* — Assassinatos! Carnificinas! Extorsões! Arbitrariedades! Roubos! Tiroteios nas ruas! Homens que se ocupam de seus negócios, cidadãos pacíficos, entram na prefeitura para testemunhar, e são assassinados em plena luz do dia! E eu pergunto: o que faz a administração municipal? Nada! Em vez de intervir, os homens honrados sentem-se obrigados a planejar negócios escusos e a tirar a honra das pessoas respeitáveis.

Givola — Ouçam!

Ui — Em suma, impera o caos. Pois, se cada um pode fazer o que quer e o que o seu egoísmo manda, significa que todos estão contra todos, e portanto o caos impera. Se eu vou tocando pacificamente o meu comércio de verduras, ou, digamos, o meu caminhão de couve-flor, ou o que quer que seja, e um outro, menos pacífico, pode invadir a minha loja e dizer "mãos ao alto!" ou furar o pneu do meu caminhão com uma Browning, então nunca poderá haver paz! Mas, uma vez sabendo que os homens são assim, que não são cordeirinhos, então eu tenho que fazer algo para que eles não destruam a minha quitanda e para que eu não tenha que levantar as mãos a qualquer momento porque o vizinho assim o quer, mas sim usá-las para o meu trabalho, digamos para contar pepinos ou o que quer que seja. O homem é assim mesmo. Ele nunca vai largar a Browning por iniciativa própria. Digamos porque assim seria mais bonito ou porque certos bons oradores na prefeitura o louvariam. Enquanto eu não atirar, o outro atira! Isso é lógico. Mas vocês perguntam o que fazer. Eu darei a resposta. Mas quero adiantar uma coisa: do jeito que vocês vinham fazendo não vai dar. Ficar preguiçosamente sentado diante do caixa da loja e esperar que tudo dê certo, ainda por cima em desacordo, dispersados, sem uma vigilância forte que os proteja e os escude, e assim vulneráveis a qualquer gângster — desse jeito não dá. Portanto, a primeira coisa necessária é a união. Em segundo lugar, o sacrifício. O quê? — ouço vocês dizerem — temos que fazer sacrifício? Pagar pela proteção, dar trinta por cento pela segurança? Não, isso nós não queremos. Para isso, o nosso dinheiro é muito caro! Ah, se a proteção fosse grátis, então sim. Pois é, meus caros quitandeiros, as coisas não são tão simples. Grátis só mesmo a morte. Tudo o mais tem preço. E assim, também têm preço a proteção, a tranqüilidade, a segurança e a paz! É assim que é a vida. E já que é assim, e já que isso nunca vai mudar, eu tomei a decisão, junto com alguns homens que vocês estão vendo aqui — e outros que estão lá fora — de que vamos emprestar nossa proteção a vocês.

*Givola e Roma batem palmas.*

E para que vocês possam ver que tudo deverá ser feito em bases comerciais, está aqui o Sr. Clark, do atacado Clark, que todos vocês conhecem.

*Roma conduz Clark para a frente. Alguns quitandeiros batem palmas.*

Givola — Sr. Clark, em nome da assembléia, dou-lhe as boas-vindas. Que o cartel da couve-flor esteja se empenhando pelas idéias de Arturo Ui merece todo o meu louvor. Muito obrigado, Sr. Clark.

Clark — Senhoras e senhores, nós, do cartel da couve-flor, estamos vendo, alarmados, como é difícil para os senhores vender os seus produtos. "São muito caros" — é o que ouço dizer. Mas por que são muito caros? Porque os nossos empacotadores, carregadores e motoristas, atiçados por maus elementos, exigem cada vez mais. Arrumar esta situação é o que desejam o Sr. Ui e seus amigos.

Primeiro Quitandeiro — Mas se o homem simples receber cada vez menos, quem é que vai comprar verdura?

Ui — Essa pergunta é bem procedente. Minha resposta é: o mundo de hoje é impensável sem o trabalhador, quer queira, quer não. Antes de mais nada, como freguês. Sempre ressaltei que o trabalho honesto não humilha, e sim constrói e traz lucros. E portanto é necessário. O trabalhador, individualmente, tem toda a minha simpatia. Somente quando ele se amotina e se arroga o direito de se meter em assuntos de que não entende, isto é, de como se faz lucro e assim por diante, então eu digo: espera aí, meu irmão, não é esse o sentido da coisa. Você é um trabalhador, isto é, você trabalha. Se você faz greve e não trabalha mais, então você não é mais um trabalhador, mas sim um sujeito perigoso, e então eu ataco.

*Clark bate palmas.*

Para que vocês vejam como tudo deverá funcionar honestamente, com base na boa-fé, encontra-se aqui um homem que para todos nós — posso afirmar isso — serve de exemplo de honestidade de ouro e de moral insubornável, isto é, o Sr. Dogsborough.

*Os quitandeiros batem palmas com maior intensidade.*

Sr. Dogsborough, neste momento eu sinto profundamente o quanto lhe devo gratidão. O destino nos uniu. Que um homem como o senhor tenha escolhido a mim, um jovem, um filho simples do Bronx, para ser seu amigo, posso dizer, talvez, para ser o seu filho, isso eu jamais esquecerei. *Ele aperta a mão caída de Dogsborough e a sacode.*

GIVOLA *a meia voz* — Que momento comovente! Pai e filho!

GIRI *dá alguns passos para a frente* — Pessoal, o chefe disse o que estava em nossos corações! Eu vejo em seus rostos que vocês têm algumas perguntas. Façam-nas! E não tenham medo! Não comemos ninguém que não nos faça mal. Eu lhes digo: não sou muito amigo de discursos, e muito menos de críticas infrutíferas daquelas que só vêem o lado negativo e só conhecem os "poréns", e não levam a resultado algum. Já as sugestões saudáveis, positivas, de como fazer algo que precisa mesmo ser feito, são sempre bem-vindas. Soltem o verbo!

*Os quitandeiros não se movem.*

GIVOLA *melífluo* — E não nos poupem! Acho que vocês me conhecem. E a minha floricultura!

UM GUARDA-COSTAS — Viva Givola!

GIVOLA — Queremos proteção ou carnificina, assassinato, arbitrariedade, roubo, extorsão? Violência contra violência?

PRIMEIRO QUITANDEIRO — Os últimos tempos têm sido bastante calmos. Na minha quitanda não houve qualquer tumulto.

SEGUNDO QUITANDEIRO — Nem na minha.

TERCEIRO QUITANDEIRO — Na minha também não.

GIVOLA — Interessante!

SEGUNDO QUITANDEIRO — Nós ouvimos que há pouco tempo houve coisa parecida na adega, parecida com essa que o seu Ui está falando, copos quebrados e bebida derramada se não se pagasse por proteção, mas graças a Deus no comércio de verduras até agora está tudo calmo.

ROMA — E o assassinato de Sheet? E a morte de Bowl? Vocês chamam isso de calmo?

SEGUNDO QUITANDEIRO — Isso tem alguma coisa a ver com a couve-flor, seu Roma?

ROMA — Não. Um momentinho! *Roma vai até Ui, que após o seu discurso está sentado, exausto e indiferente. Após algumas palavras ele chama Giri com um aceno, e também Givola participa de uma rápida conversa em voz baixa. Em seguida, Giri acena para um dos guarda-costas e os dois saem rapidamente.*

GIVOLA — Prezada assembléia! Acabo de ouvir que está aí uma pobre senhora, que pediu permissão do Sr. Ui para pronunciar algumas palavras de gratidão perante a assembléia.

*Ele vai para o fundo do palco e volta acompanhando uma mulher muito maquiada, com roupas vistosas — Dockdaisy, que está de mão dada com uma menina. Os três se colocam diante de Ui, que se levanta.*

GIVOLA — Fale, Sra. Bowl! *Dirigindo-se aos quitandeiros* — Entendo que esta é a Sra. Bowl, a jovem viúva do procurador Bowl, do cartel da couve-flor, o qual ontem, ao dirigir-se à prefeitura para cumprir a sua obrigação, foi assassinado por mãos desconhecidas. A Sra. Bowl!

DOCKDAISY — Sr. Ui, no meu profundo luto, que me acometeu devido ao assassinato ignominioso que vitimou o meu pobre marido, que no cumprimento de suas obrigações como cidadão estava a caminho da prefeitura, eu gostaria de expressar a minha profunda gratidão. É pelas flores que o senhor enviou a mim e à minha pequena menina de seis anos, que foi privada de seu pai. *Dirigindo-se à assembléia* — Meus senhores, sou uma pobre viúva e só queria dizer que se não fosse o Sr. Ui eu hoje estaria na sarjeta, isso eu posso jurar a qualquer hora. Minha pequena menina de cinco anos de idade e eu jamais esqueceremos do que o senhor fez por nós, Sr. Ui.

*Ui dá a mão para Dockdaisy e pega no queixo da criança.*

Givola — Bravo!

*Passando por entre as pessoas da assembléia surge Giri, com o chapéu de Bowl na cabeça, seguido por alguns gângsteres, que carregam grandes latas de gasolina. Eles abrem caminho para a saída.*

Ui — Sra. Bowl, meus pêsames pela perda. Essa fúria violenta, perversa e descarada tem que acabar, porque...

Givola *vendo que os quitandeiros começam a se levantar para ir embora* — Parem! A reunião ainda não acabou. Agora, o nosso amigo James Greenwool vai apresentar uma canção em memória do pobre Bowl, e depois vamos fazer uma coleta para a pobre viúva. Ele é barítono.

*Um dos guarda-costas dá um passo à frente e canta uma canção melosa, que menciona freqüentemente a palavra "lar". Durante a apresentação os gângsteres, sentados, estão totalmente absorvidos e embevecidos pela música, com a cabeça apoiada nas mãos ou recostados na poltrona, de olhos fechados. O escasso aplauso após a apresentação é interrompido pelas sirenes dos carros de polícia e dos bombeiros. Uma grande janela no fundo do palco fica vermelha.*

Roma — Fogo no distrito das docas!

Uma Voz — Onde?

Um Guarda-costas *entrando* — Aqui tem alguém chamado Hook?

Segundo Quitandeiro — Estou aqui. O que foi?

Guarda-costas — O seu armazém está pegando fogo.

*O verdureiro Hook sai correndo. É seguido por alguns. Outros correm para a janela.*

Roma — Parem! Fiquem aqui! Ninguém abandona esta sala! *Para os guarda-costas* — É um incêndio criminoso?

Guarda-costas — É lógico. Encontraram latas de gasolina, chefe.

Terceiro Quitandeiro — Passaram por aqui transportando latas!

Roma *furioso* — O quê? Alguém aqui afirma que fomos nós?

Um Guarda-costas *enfia a Browning nas costelas do homem* — O que é que transportaram por aqui? Latas?

Outro Guarda-costas *voltando-se para os outros quitandeiros* — Você viu latas por aqui? — E você?

Quitandeiros — Eu não. — Nem eu.

Roma — É o que eu espero!

Givola *rápido* — O mesmo homem que nos contou há pouco como são tranqüilos os negócios da couve-flor, vê agora o seu armazém em chamas! Mãos perversas transformam-no em cinzas! Vocês ainda não estão vendo? Será que são cegos? Unam-se agora! Imediatamente!

Ui *gritando* — As coisas foram longe demais nesta cidade. Primeiro, um assassinato, agora um incêndio criminoso! É, parece que todos começam a entender! Refiro-me a todos!

*Aparece um letreiro.*

## 8

*O julgamento do incêndio do armazém. Imprensa. Juiz. Promotor. Advogado de Defesa. O Jovem Dogsborough. Giri. Givola. Dockdaisy. Guarda-costas. Quitandeiros e o acusado Fish.*

### a

*Emanuele Giri está em pé na frente do banco das testemunhas, apontando para o acusado Fish, que está sentado, totalmente apático.*

Giri *gritando* — Este é o homem que com mãos perversas botou fogo no armazém! Segurava a lata de gasolina apertada contra o seu corpo no momento em que o flagrei. Fique em pé quando falo com você! Levante-se!

*Obrigam-no a se erguer. Ele fica em pé, cambaleante.*

Juiz — Acusado, controle-se. O senhor está no tribunal. O senhor está sendo acusado de provocar um incêndio criminoso. Reflita sobre o que está em jogo para o senhor!

Fish *balbucia* — Ârlârlârl.

Juiz — Onde o senhor conseguiu a lata de gasolina?

Fish — Ârlârl.

*A um aceno do Juiz, um médico extremamente elegante e de aspecto austero curva-se sobre Fish e troca um olhar com Giri.*

Médico — Está simulando.

Advogado de Defesa — A defesa exige a opinião de outros médicos.

Juiz *sorrindo* — Indeferido.

Advogado de Defesa — Sr. Giri, como se deu o fato de o senhor estar presente na hora e no lugar do início do incêndio no armazém de Hook, que reduziu a cinzas vinte e duas casas?

Giri — Estava dando um passeio para ajudar a digestão.

*Alguns guarda-costas riem. Giri também cai na risada.*

Advogado de defesa — O senhor está a par de que o acusado Fish é um desempregado que um dia antes do incêndio veio a pé até Chicago, onde nunca esteve antes?

Giri — E daí?

Advogado de Defesa — O seu automóvel tem a placa ZZZZZZ?

Giri — Sem dúvida.

Advogado de Defesa — Encontrava-se esse automóvel quatro horas antes do incêndio na frente do restaurante de Dogsborough, na rua 87, e foi o acusado Fish arrastado para fora do restaurante em estado inconsciente?

Giri — Como é que eu posso saber? Estive o dia inteiro a passeio em Cícero, onde encontrei cinqüenta e duas pessoas que podem atestar que me viram.

*Os guarda-costas riem.*

Advogado de Defesa — O senhor não acabou de afirmar que o senhor fazia um passeio digestivo em Chicago, na região das docas?

Giri — O senhor tem algo contra eu almoçar em Cícero e digerir em Chicago?

*Grandes e longas gargalhadas, inclusive do Juiz. Escurece. Um órgão toca a marcha fúnebre de Chopin como se fosse música de dança.*

## b

*Quando a claridade volta, o quitandeiro Hook está sentado no banco das testemunhas.*

Advogado de Defesa — O senhor alguma vez já brigou com o acusado, Sr. Hook? Aliás, o senhor já o viu alguma vez?

Hook — Nunca.

Advogado de Defesa — O senhor viu o Sr. Giri?

Hook — Sim, no escritório do cartel da couve-flor, no dia em que o meu armazém pegou fogo.

Advogado de Defesa — Antes do incêndio?

Hook — Imediatamente antes do incêndio. Ele passou pelo local com mais quatro pessoas, que carregavam latas de gasolina.

*Inquietação no banco da imprensa e entre os guarda-costas.*

JUIZ — Silêncio no banco da imprensa!

ADVOGADO DE DEFESA — Que terreno delimita-se com o seu armazém, Sr. Hook?

HOOK — O terreno da companhia de navegação, que antigamente pertencia a Sheet. O meu armazém está ligado ao pátio da companhia através de um corredor.

ADVOGADO DE DEFESA — Sr. Hook, o senhor tem conhecimento de que o Sr. Giri morava na companhia de navegação que pertencia a Sheet e, portanto, tinha acesso ao terreno dessa companhia?

HOOK — Sim, na função de almoxarife.
*Grande inquietação no banco da imprensa. Os guarda-costas vaiam e assumem uma postura ameaçadora em relação a Hook, ao Advogado de Defesa e à imprensa. O Jovem Dogsborough rapidamente se aproxima do Juiz e lhe diz algo no ouvido.*

JUIZ — Silêncio! A sessão fica adiada devido ao mal-estar do réu.
*Escurece. O órgão volta a tocar a marcha fúnebre de Chopin como se fosse música de dança.*

## c

*Quando volta a claridade, Hook está sentado no banco dos réus. Ele está todo quebrado, a bengala a seu lado e com faixas na cabeça e sobre os olhos.*

PROMOTOR — O senhor não está enxergando bem, Sr. Hook?

HOOK *com dificuldade* — Não.

PROMOTOR — O senhor pode dizer que está em condições de reconhecer alguém clara e perfeitamente?

HOOK — Não.

PROMOTOR — O senhor reconhece, por exemplo, aquele homem ali?
*Aponta Giri.*

HOOK — Não.

PROMOTOR — O senhor não pode afirmar que já o tenha visto alguma vez?

HOOK — Não.

PROMOTOR — Então vamos a uma pergunta muito importante, Hook. Pense bem antes de responder. A pergunta é: o seu armazém delimita-se com a companhia de navegação que antigamente pertencia a Sheet?

HOOK *após uma pausa* — Não.

PROMOTOR — Isso é tudo.
*Escurece. O órgão continua a tocar.*

## d

*Quando volta a claridade, Dockdaisy está no banco das testemunhas.*

DOCKDAISY *numa voz mecânica* — Reconheço o acusado com certeza pela sua expressão de consciência culpada e porque ele tem um metro e setenta de altura. Ouvi da minha cunhada que ao meio-dia do dia em que o meu marido foi baleado ao entrar na prefeitura ele foi visto em frente à prefeitura. Ele estava com uma pistola automática marca Webster embaixo do braço e tinha um ar suspeito.
*Escurece. O órgão volta a tocar.*

## e

*Quando volta a claridade, Giuseppe Givola está no banco das testemunhas. A pouca distância, encontra-se o guarda-costas Greenwool, de pé.*

Promotor — Afirmou-se aqui que no escritório do cartel da couve-flor algumas pessoas foram vistas carregando latas de gasolina, antes de ocorrer o incêndio criminoso. O que o senhor sabe a respeito?

Givola — Só pode se tratar do Sr. Greenwool.

Promotor — O Sr. Greenwool é seu empregado, Sr. Givola?

Givola — Sim senhor.

Promotor — Qual é a sua profissão, Sr. Givola?

Givola — Florista.

Promotor — É comum usar grandes quantidades de gasolina neste tipo de atividade?

Givola *sério* — Não, a não ser contra pulgões.

Promotor — O que o Sr. Greenwool fazia no escritório do cartel da couve-flor?

Givola — Estava apresentando uma canção.

Promotor — Então ele não poderia ter ao mesmo tempo levado as latas de gasolina para o armazém de Hook.

Givola — Totalmente impossível. Pelo seu caráter, não é homem de provocar incêndios criminosos. Ele é barítono.

Promotor — Fica a critério do tribunal deixar a testemunha Greenwool apresentar a bela canção que cantou no escritório do cartel da couve-flor, enquanto provocavam o incêndio.

Juiz — O tribunal não considera isso necessário.

Givola — Protesto. *Levanta-se.* Essa pressa toda é um escândalo. Jovens vigorosos que atiram um pouco e se expõem demais são tratados aqui como marginais. Isto é revoltante.

*Risos. Escurece. O órgão continua a tocar.*

## f

*Quando volta a claridade, o tribunal dá sinais de esgotamento total.*

Juiz — A imprensa publicou insinuações de que o tribunal poderia estar sofrendo pressões de determinado setor. O tribunal constata que não sofreu quaisquer pressões de nenhum setor e que oficia em total liberdade. Penso que esta explicação é suficiente.

Promotor — Excelência! Em face da teimosa simulação de demência do acusado Fish, a promotoria considera não ser possível continuar o interrogatório. Requeremos, pois...

Advogado de Defesa — Excelência! O acusado está voltando a si!
*Inquietação.*

Fish *parece acordar* — Ârlâruârlâguâlârlâuâguârlâ.

Advogado de Defesa — Água! Excelência, requeiro o interrogatório do acusado Fish!
*Grande inquietação.*

Promotor — Protesto! Não há sinais que indiquem que Fish esteja lúcido. É tudo armação da defesa, sensacionalismo a qualquer custo, tentativa de influenciar o público!

Fish — Áag. *Escorado pelo advogado, levanta-se.*

Advogado de Defesa — Consegue responder, Fish?

Fish — Sss.

Advogado de Defesa — Fish, diga ao tribunal: no dia vinte e oito do mês passado o senhor pôs fogo num armazém das docas, sim ou não?

Fish — Nããão.

Advogado de Defesa — Quando veio para Chicago, Fish?

Fish — Água.

Advogado de Defesa — Água!

*Inquietação. O Jovem Dogsborough aproxima-se do Juiz e fala com ele persuasivamente.*

Giri *levanta-se com estardalhaço e grita* — Tudo armação! Tudo mentira! Mentira!

Advogado de Defesa *aponta para Giri* — O senhor já viu este homem antes?

Fish — Já. Água.

Advogado de Defesa — Onde? Ele estava no restaurante de Dogsborough, nas docas?

Fish *em voz baixa* — Sim.

*Grande inquietação. Os guarda-costas sacam as Brownings e vaiam. O médico vem correndo com um copo d'água. Verte o conteúdo na boca de Fish antes que o Advogado possa tirar-lhe o copo da mão.*

Advogado de Defesa — Protesto! Exijo que esse copo seja examinado!

Juiz *troca olhares com o Promotor* — Moção indeferida!

Dockdaisy *gritando para Fish* — Assassino!

Advogado de Defesa — Excelência! Querem calar com um papel o que nem com terra conseguem. Calar a boca da verdade, de Vossa Excelência uma sentença, como se fôsseis Vossa Indecência! Ameaçam a justiça com "mãos ao alto!". Será que a nossa cidade, agora uma semana mais velha desde que teve que se defender da corja sangrenta, de poucos monstros, apenas, gemendo, ainda tem que ver o fim da justiça, não só o fim, vê-la prostituída, cedendo à violência? Excelência, interrompei o processo!

Promotor — Protesto! Protesto!

Giri — Cachorro! Corrupto! Seu mentiroso! Você é venenoso. Lá fora eu te pego e te arranco as tripas! Criminoso!

Advogado de Defesa — A cidade inteira conhece este homem!

Giri *furioso* — Cala a boca! *Já que o Juiz quer interrompê-lo* — Você também! Cala a boca você também! Se é que tem amor à vida! *Como ele fica sem fôlego, o Juiz consegue tomar a palavra.*

Juiz — Eu peço silêncio! O Advogado de Defesa terá de se responsabilizar por desacato ao tribunal. O tribunal entende muito bem a indignação do Sr. Giri. *Dirigindo-se ao Advogado de Defesa* — Prossiga!

Advogado de Defesa — Fish! Deram-lhe algo para beber no restaurante de Dogsborough? Fish! Fish!

Fish *deixando cair a cabeça, sem forças* — Ârlârlârl.

Advogado de Defesa — Fish! Fish! Fish!

Giri *gritando* — Pode chamar o quanto quiser! Só que esse já era! Vamos ver quem é que manda nesta cidade!

*Em meio a grande inquietação, vai escurecendo. O órgão continua tocando a marcha fúnebre de Chopin em ritmo de dança.*

## g

*Quando fica claro pela última vez, o Juiz está de pé e anuncia o veredicto numa voz sem entonação. O acusado Fish está extremamente pálido.*

Juiz — Charles Fish, condeno-o a quinze anos de cárcere por incêndio criminoso.

*Aparece um letreiro.*

## 9

### a

*Cícero. Saindo de um caminhão destroçado por tiros, uma mulher, coberta de sangue, cambaleia para a frente.*

MULHER — Socorro! Vocês aí! Não fujam! Vocês têm que testemunhar! O meu marido lá no carro já se foi! Ajudem! Ajudem! O meu braço também se foi... E o caminhão também! Eu preciso de um pano para o braço... Eles nos abatem como se estivessem tirando moscas do seu copo de cerveja! Oh, Deus! Por favor, ajudem! Não tem ninguém aqui... O meu marido! Seus assassinos! Mas eu sei quem é! É o Ui! *Furiosa* — Animal! Escória da escória! Seu sujo, de quem a sujeira tem tanto nojo que ela diz: onde posso me lavar? Piolho dos últimos dos piolhos! E todos o toleram! E nós sucumbimos! Vocês aí! É o Ui! O Ui! *Bem perto espoca uma metralhadora, e a Mulher cai no chão.* Ui e o resto! Onde estão vocês? Ajudem! Ninguém vai deter essa peste?

### b

*Casa de campo de Dogsborough. De madrugada. Ele escreve o seu testamento e a sua confissão.*

DOGSBOROUGH — Foi assim que eu, o honesto Dogsborough, concordei com tudo que esse bando sangrento aprontou e cometeu, depois de oitenta invernos carregados com muita decência. Ó, mundo! Os que me conhecem de antigamente dizem que eu de nada sabia, que, se soubesse, jamais teria permitido isso. Mas eu sabia de tudo. Sei quem incendiou o armazém de Hook. Sei quem seqüestrou e dopou o pobre Fish. Sei que o Roma estava com o Sheet quando este morreu sangrando, com a passagem de navio no paletó. Sei que o Giri matou o Bowl a tiros naquele meio-dia em frente à prefeitura, por ele saber demais sobre o honesto Dogsborough. Sei que ele abateu o Hook, e o vi usando o chapéu do Hook. Sei dos cinco assassinatos do Givola, que eu relaciono anexo, e sei tudo sobre o Ui e que ele sabia de tudo, da morte do Sheet e do Bowl até os assassinatos de Givola e tudo a respeito do incêndio. Eu sabia disso tudo, e tudo isso tolerei, eu, o seu honesto Dogsborough, por ganância de riqueza e por medo de que vocês duvidassem de mim.

## 10

*No Hotel Mammoth. Suíte de Ui. Ele está deitado em uma poltrona funda, olhando fixamente para o nada. Givola está escrevendo algo, enquanto dois guarda-costas, olhando por cima de seus ombros, riem.*

GIVOLA — Assim eu, Dogsborough, deixo como herança para o bom e esforçado Givola o meu boteco; para o corajoso, só que um pouco esquentado Giri, a minha casa de campo, e ao honesto Roma, a guarda do meu filho. Peço a vocês que nomeiem o Giri para juiz e o Roma para chefe da polícia; já o meu querido Givola, para defensor dos pobres. Eu recomendo, de coração, Arturo Ui para o meu próprio posto. Ele é digno dele. Podem acreditar no seu velho e honesto Dogsborough! — Acho que isto basta. E espero que ele bata as botas logo. Este testamento vai operar milagres. Sabendo que ele vai morrer e esperando poder enterrar o velho mais ou menos decentemente em terra limpa, estão todos ansiosos para lavar o defunto. Precisamos de uma lápide com uma bela inscrição. A raça dos corvos, afinal, vive, desde os tempos mais remotos, da boa reputação do famoso corvo branco, que foi visto alguma vez, em algum lugar. O velho é o corvo branco deles, e como corvo branco seu aspecto não é nada mau. Aliás o Giri, chefe, está sempre perto dele, perto demais para o meu gosto. Isso não me agrada nada.

UI *num sobressalto* — Giri? O que há com Giri?

GIVOLA — Ah, estou dizendo que ele está sempre às voltas com o Dogsborough, mais que o necessário.

UI — Não confio nele.

*Aparece Giri, com um chapéu novo, de Hook.*

GIVOLA — Eu também não! Caro Giri, como vai o derrame do Dogsborough?

GIRI — Ele recusa a visita do Médico.

GIVOLA — Daquele nosso caro Médico que tratou tão bem do Fish?

GIRI — Qualquer outro não deixo nem chegar perto. O velho fala demais.

UI — Talvez se fale demais também diante dele...

GIRI — O que significa isso? *Para Givola* — Seu gambá, será que você andou espalhando de novo o seu fedor?

GIVOLA *preocupado* — Leia o testamento, meu caro Giri!

GIRI *arranca-o das mãos dele* — O quê? O Roma chefe de polícia? Vocês estão loucos?

GIVOLA — Ele exige. Eu também sou contra, Giri. O nosso Roma infelizmente não é digno de confiança.

*Aparece Roma, seguido de guarda-costas.*

GIVOLA — Oi, Roma! Leia aqui o testamento!

ROMA *arrancando-o de Giri* — Dá aqui! Muito bem, o Giri será o juiz. E onde está o papel do velho?

GIRI — Ainda está com ele, e ele está tentando contrabandeá-lo pra fora. Flagrei o filho dele cinco vezes.

ROMA *estendendo a mão* — Passe-o pra cá, Giri.

GIRI — O quê? Não está comigo.

ROMA — Está sim, seu cachorro.

*Os dois se erguem e se encaram, furiosos.*

ROMA — Eu sei o que você está planejando. A história com o Sheet que tem aí dentro se refere a mim.

GIRI — Tem também a história com o Bowl, que se refere a mim!

ROMA — Sem dúvida. Só que vocês são patifes e eu sou homem. Conheço você, Giri, e você, Givola, também! Tudo parece falso em você, não acredito nem na sua perna curta. Por que é que vocês estão sempre aqui? O que vocês estão planejando? O que eles cochicham sobre mim no seu ouvido, Arturo? É melhor vocês não irem longe demais! Se eu perceber alguma coisa, apago vocês como se fossem manchas de sangue!

GIRI — Não fale comigo como se eu fosse um pistoleiro!

ROMA *para os guarda-costas* — É isso que ele pensa de vocês! É assim que agora falam de vocês no quartel-general! Como de pistoleiros! Eles freqüentam os senhores do cartel da couve-flor. *Apontando para Giri* — A camisa de seda é do alfaiate do Clark. Vocês fazem o trabalho sujo — *para Ui* — e você tolera tudo.

UI *como que acordando* — O que é que eu tolero?

GIVOLA — Que ele mande atirar nos caminhões de Caruther! O Caruther está no cartel.

UI — Vocês atiraram nos caminhões de Caruther?

ROMA — Foi somente uma iniciativa de alguns dos meus homens. Eles nem sempre conseguem entender por que são só as mercearizinhas de nada que têm que suar e sangrar e nunca as grandes garagens! Caramba, mesmo eu nem sempre entendo, Arturo!

GIVOLA — De qualquer maneira o cartel está furioso.

GIRI — O Clark disse ontem que eles só estão esperando que isso aconteça mais uma vez. É por isso que ele esteve com o Dogsborough.

UI *zangado* — Ernesto, esse tipo de coisa não pode acontecer.

GIRI — Seja duro com eles, chefe! Senão os rapazes acabam passando por cima de você!

GIVOLA — O cartel está furioso, chefe!

ROMA *sacando a Browning, para os dois* — Muito bem. Mãos ao alto! *Para os guarda-costas deles* — Vocês também! Mãos ao alto todos, e nada de gracinhas! E se encostem na parede!

*Givola, os seus homens e Giri levantam as mãos e recuam negligentemente até a parede.*

UI *apático* — O que está acontecendo, afinal? Ernesto, não os provoque! Pra que a briga? Um tiro num caminhão de verduras! Isso se resolve facilmente. Tudo o mais vai de vento em popa e está em perfeita ordem. O incêndio foi um sucesso. As quitandas estão pagando. Trinta por cento por um pouco de proteção! Em menos de uma semana um bairro inteiro ficou de joelhos. Ninguém mais levanta um dedo contra nós. E eu tenho outros planos, ainda maiores.

GIVOLA *rapidamente* — Quais são? Eu gostaria de saber!

GIRI — Fodam-se os planos! Faça com que eu possa abaixar os braços!

ROMA — Arturo, é mais seguro que os braços deles fiquem no alto!

GIVOLA — Seria muito bonito se o Clark entrasse agora e nos visse assim.

UI — Ernesto, guarde a sua Browning!

ROMA — Eu não. Acorda, Arturo. Você não está vendo o jogo em que eles estão te metendo? Como eles te embrulham com esses Clarks e Dogsboroughs? "Se o Clark entrasse agora e nos visse assim!" Onde está o dinheiro da companhia de navegação? Não vimos uma única nota! Os rapazes atiram nas quitandas e carregam latas para os armazéns suspirando: o Arturo não conhece mais a gente, nós, que fizemos tudo pra ele. Ele brinca de armador e de grande senhor. Acorda, Arturo!

GIRI — É isso mesmo, e solta o verbo e nos diga de que lado você está.

UI *levanta-se de um salto* — Quer dizer que vocês estão me encostando a pistola no peito? Não, assim não se consegue nada comigo. Não desse jeito. Se estão me ameaçando, vão ter que se responsabilizar por qualquer coisa que acontecer depois. Eu sou um homem brando. Mas não suporto ameaças. Quem não confia cegamente em mim pode seguir o seu próprio caminho. E aqui não se prestam contas. Comigo é assim: cumprir a obrigação, e dando o máximo! E sou eu que digo o que se ganha com isso, pois servir-se vem depois de servir! O que eu exijo de vocês é confiança e mais confiança! O que lhes falta é fé! E quando falta fé, tudo está perdido. Como é que vocês acham que eu consegui chegar até onde cheguei? Foi porque eu tive fé! Foi porque eu acreditei fanaticamente na causa. E foi com fé, nada mais que fé, que eu avancei sobre a cidade e a coloquei de joelhos. Com essa mesma fé cheguei até o Dogsborough, e com fé consegui entrar para a prefeitura. Em minhas mãos nuas, nada mais que a minha fé inabalável!

ROMA — E a Browning!

UI — Não. Essa, os outros também têm. Mas o que eles não têm é a firme convicção de ser predestinado a ser líder. De modo que vocês têm é que acreditar em mim! Vocês têm que acreditar! Acreditar que eu só quero o melhor para vocês e que sei o que é o melhor. E que também sei qual é o caminho que nos levará à vitória. Se o Dogsborough se for, sou eu quem vai determinar quem vai ser o quê. Posso adiantar uma coisa: vocês ficarão satisfeitos.

GIVOLA *pondo a mão sobre o peito* — Arturo!

ROMA *sombrio* — Caiam fora!

*Giri, Givola e os guarda-costas de Givola retiram-se lentamente, com as mãos para o alto.*

GIRI *dirigindo-se a Roma, ao sair* — Gostei do seu chapéu.

GIVOLA *ao sair* — Caro Roma...

ROMA — Pra fora! Não esqueça o riso, Giri, palhaço, e você Givola, ladrão, leve o seu pé torto com você, mesmo que ele também seja roubado!

*Depois que eles saem, Ui fica novamente absorto em seus pensamentos.*

UI — Deixe-me sozinho!

ROMA *fica parado* — Arturo, se eu não tivesse justamente essa fé em você, essa fé que você descreveu agora há pouco, eu às vezes não teria como olhar o meu pessoal nos olhos. Precisamos agir! Imediatamente! O Giri tem planos sujos!

UI — Ernesto! E eu agora tenho grandes e novos planos. Esqueça o Giri! Ernesto, você, que é o meu amigo mais antigo e fiel lugar-tenente, quero iniciá-lo no meu novo plano, que já está bastante maduro.

ROMA *radiante* — Conte-me! O que eu tinha a lhe dizer sobre o Giri pode esperar. *Senta-se ao lado dele. O seu pessoal aguarda em pé, num canto.*

UI — Chicago já está no papo. Eu quero mais.

ROMA — Mais?

UI — Não é só aqui que existe comércio de verduras.

ROMA — Não. Mas como é que nós vamos nos embrenhar em outro lugar?

UI — Pela porta da frente. E pela porta de trás. E pelas janelas. Expulsos e convocados, chamados e injuriados. Ameaçando e esmolando, cortejando e xingando. Com violência suave e abraço de aço. Em suma, como aqui.

ROMA — Só que em outro lugar tudo é diferente.

UI — Estou pensando em um verdadeiro ensaio geral. Em uma cidade pequena. Então veremos se em outro lugar as coisas são diferentes, no que eu não acredito.

ROMA — Onde você pretende fazer esse ensaio geral?

UI — Em Cícero.

ROMA — Mas lá tem esse tal de Dullfeet com o seu jornal a favor do comércio de verduras e da coesão interna, que todo sábado me xinga de assassino do Sheet.

UI — Isso tem que acabar.

ROMA — Isso pode ser feito. Um periodiqueiro desses tem inimigos. A tinta preta de impressão é um pano vermelho pra muita gente. Como pra mim, por exemplo. É, Arturo, acho que a xingação poderia acabar.

UI — Teria que acabar logo. O cartel já está negociando com Cícero. Vamos primeiro vender couve-flor, pacificamente.

ROMA — Quem está negociando?

UI — O Clark. Mas ele tem problemas. Por nossa causa.

ROMA — Sei. Então o Clark também está nessa. Esse Clark, eu não tenho muita confiança nele.

UI — Dizem em Cícero que nós seguimos o cartel da couve-flor como sua própria sombra. Querem couve-flor. Mas não querem a gente. Os quitandeiros têm pavor de nós, e não só eles: a mulher do Dullfeet há muitos anos dirige uma importadora de verduras em Cícero, e gostaria de entrar para o cartel. Se não fosse por nós, ela já estaria nele.

ROMA — Quer dizer que o plano de avançar para Cícero nem é seu? É só um plano do cartel? Arturo, agora entendo tudo. Tudo! O jogo lá está bem claro!

se esgotou. Por isso ordeno que vocês, sob o comando de Ernesto Roma, que tem a minha total confiança, hoje à noite...

*Entram Clark, Giri e Betty Dullfeet.*

GIRI *ao ver a expressão assustada de Ui* — Somos só nós, chefe!

CLARK — Ui, apresento aqui a Sra. Dullfeet, de Cícero! É o desejo do cartel que você ouça o que a Sra. Dullfeet tem a dizer, e entre em acordo com ela.

UI *sombrio* — Pois não.

CLARK — Nas negociações de fusão iniciadas entre o cartel de verduras de Chicago e Cícero, conforme é do seu conhecimento, foram levantadas dúvidas em Cícero quanto à sua participação como acionista. O cartel logrou, por fim, dissipar essa objeção e a Sra. Dullfeet está aqui...

SENHORA DULLFEET — Para esclarecer o mal-entendido. Em nome do meu marido, o Sr. Dullfeet, eu gostaria de ressaltar, também, que a recente campanha no jornal não era contra o senhor, Sr. Ui.

UI — Era contra quem, então?

CLARK — Muito bem, Ui, sem rodeios: o "suicídio" do Sheet causou muito mal-estar em Cícero. O homem, afinal de contas, era um armador, um homem de certa posição, e não um joão-ninguém, um nada, que vai para o nada, de quem não há nada que se dizer. E mais: a garagem de Caruther deu queixa de que um de seus caminhões foi avariado. Os dois casos envolvem um de seus homens, Ui.

SENHORA DULLFEET — Qualquer criança em Cícero sabe que a couve-flor do cartel é sangrenta.

UI — Isto é uma afronta.

SENHORA DULLFEET — Não, não. Não é contra o senhor. Depois que o Sr. Clark atestou em seu favor, não é mais! Trata-se desse Ernesto Roma.

CLARK *rapidamente* — Fica frio, Ui!

GIRI — Cícero...

UI — Não quero ouvir isso. Quem vocês pensam que eu sou? Basta! Basta! Ernesto Roma é meu homem. Não admito que outros determinem que homens eu devo ter à minha volta. Isso é uma afronta que eu não tolero.

GIRI — Chefe!

SENHORA DULLFEET — Ignatius Dullfeet irá lutar contra homens como o Roma até o último suspiro.

GIRI *friamente* — Com razão. O cartel o apóia nesse assunto. Ui, seja razoável. Amizade e negócio são duas coisas distintas. O que você decide?

UI *igualmente frio* — Sr. Clark, não tenho nada a acrescentar.

CLARK — Sra. Dullfeet, eu lamento muito o rumo que esta conversa tomou. *Ao sair, para Ui* — Nada sábio, Ui.

*Ui e Giri ficam sozinhos. Não se olham.*

GIRI — Depois do atentado contra a garagem de Caruther, isso obviamente significa guerra.

UI — Eu não temo a guerra.

GIRI — Muito bem, não a tema! É só o cartel, a imprensa, Dogsborough e seus seguidores que você terá de enfrentar, e a cidade inteira! Chefe, ouça a voz da razão e não se deixe...

UI — Não preciso de conselhos. Conheço o meu dever!

*Aparece um letreiro.*

## 11

*Na garagem. De noite. Ouve-se a chuva. Ernesto Roma e o jovem Inna. Ao fundo, pistoleiros.*

INNA — É uma hora.

ROMA — Ele deve ter tido um contratempo.

INNA — Será que ele está vacilando?

ROMA — É possível. Arturo é tão afeiçoado ao seu pessoal, que prefere sacrificar-se a sacrificá-los. Nem dos ratos do Givola e do Giri ele consegue se desfazer. Então ele faz hora e luta consigo mesmo, e isso pode ir até às duas horas ou talvez três. Mas vir, ele vem. Claro. Eu o conheço, Inna. *Pausa.* Quando eu vir esse Giri derrotado no chão, vou me sentir tão bem como quando acabo de mijar. Bem, isso vai ser logo.

INNA — Essas noites de chuva acabam com os nervos.

ROMA — Por isso que eu gosto delas. Das noites, as mais negras. Dos carros, os mais velozes. E dos amigos, os mais decididos.

INNA — Há quantos anos você já o conhece?

ROMA — Há uns dezoito.

INNA — É bastante tempo.

UM PISTOLEIRO *avançando* — Os rapazes querem alguma coisa para beber.

ROMA — Nada disso. Hoje à noite eu preciso deles sóbrios.
*Um homem pequeno é trazido pelos guarda-costas.*

O PEQUENO *sem fôlego* — Estamos em encrenca! Tem dois blindados parados na área! Abarrotados de policiais!

ROMA — Abaixem a persiana! Isso não tem nada a ver conosco, mas o seguro morreu de velho.
*Lentamente o portão da garagem é fechado por uma persiana de aço.*

ROMA — O corredor está livre?

INNA *acena com a cabeça* — É estranho o que o tabaco faz. Quem fuma parece ter sangue-frio. E quando fazemos o que faz quem tem sangue-frio e fumamos, passamos a ter sangue-frio.

ROMA *sorrindo* — Mostre a mão, esticada!

INNA *estica a mão* — Está tremendo. Isso é mau.

ROMA — Não acho que seja mau. Não considero muito os tiras. São insensíveis. Nada lhes faz mal, e eles não fazem mal a ninguém. Não seriamente. Pode tremer à vontade! A agulha de aço da bússola também treme antes de apontar fixamente para uma direção. Sua mão quer saber onde é o pólo. É só isso.

UM CHAMADO *partindo de lado* — Carro de polícia indo pela Churchstreet!

ROMA *com voz cortante* — Está parando?

A VOZ — Está indo adiante.

UM PISTOLEIRO *entrando* — Dois carros virando a esquina com o farol desligado!

ROMA — É contra Arturo! Givola e Giri querem liquidá-lo! Ele vai cair cego na armadilha! Precisamos ir ao encontro dele. Venham!

PISTOLEIRO — Isso é suicídio.

ROMA — Se for suicídio, então é porque está na hora do suicídio. Homem! São dezoito anos de amizade!

INNA *com voz estridente* — Subam a persiana! A metralhadora está pronta?

Pistoleiro — Está.

Inna — Pra cima!
*A persiana de ferro sobe lentamente. Andando rápido, entram Ui e Givola, seguidos de guarda-costas.*

Roma — Arturo!

Inna *a meia voz* — É, e Givola também!

Roma — O que está acontecendo? Estamos suando sangue por você, Arturo. *Dá uma gargalhada.* Diabos! Agora está tudo em ordem!

Ui *rouco* — Por que não estaria?

Inna — Pensávamos que algo tivesse saído errado. Pode lhe apertar a mão, chefe. Agorinha mesmo ele ia nos arrastando para a fogueira por sua causa. Não é verdade?
*Ui anda em direção a Roma e lhe estende a mão. Roma a agarra, rindo. Neste momento em que ele não pode alcançar a sua Browning, Givola o derruba rápido como um raio com um tiro partindo da cintura.*

Ui — Empurre todos para o canto!
*Os homens de Roma estão parados, perplexos, e são empurrados para o canto, com Inna na ponta. Givola curva-se sobre Roma, caído no chão.*

Givola — Ele ainda está ofegando.

Ui — Acabem com ele. *Dirigindo-se aos outros na parede* — O atentado infame de vocês contra mim foi descoberto. Os planos de vocês contra Dogsborough também foram revelados. Antecipei-me a vocês na hora H. Qualquer resistência é inútil. Vou ensiná-los a se rebelar contra mim! Que belo ninho de cobras!

Givola — Não tem um que não esteja armado! *Falando de Roma* — Está voltando a si: que azarado.

Ui — Estarei na casa de campo do Dogsborough esta noite. *Afasta-se rapidamente e sai.*

Inna *na parede* — Seus ratos imundos! Seus traidores!

Givola *exaltado* — Atirem!
*Os que estavam em pé na parede são derrubados com rajadas de metralhadora.*

Roma *voltando a si* — Givola! Diabos! *Vira-se com dificuldade, seu rosto branco como cal.* O que aconteceu aqui?

Givola — Nada. Alguns traidores foram executados.

Roma — Cachorro! O que você fez com o meu pessoal? *Givola não responde.* O que aconteceu com Arturo? Assassinato! Eu sabia! Cachorros! *Procurando-o pelo chão.* Onde está ele?

Givola — Foi embora.

Roma *enquanto é arrastado até a parede* — Cachorros! Cachorros!

Givola *friamente* — A minha perna é curta, não é? Assim como o seu raciocínio! Agora ande até a parede com as suas pernas boas!
*Aparece um letreiro.*

## 12

*A floricultura de Givola. Entram Ignatius Dullfeet, um homem do tamanho de um garoto e Betty Dullfeet.*

Dullfeet — Não gosto de fazer isso.

Betty — Por que não? Esse Roma está fora.

Dullfeet — Por assassinato.

Betty — Que seja! Ele está fora. O Clark diz de Ui que os anos de farra por que passam os melhores já acabaram. Ui deixou claro que agora pretende abandonar os modos grosseiros. Prosseguir com o ataque somente reacenderia os maus instintos, e você mesmo, Ignatius, seria o primeiro a correr perigo. Mas se você se calar agora, vão te deixar em paz.

DULLFEET — Não está garantido que o meu silêncio ajuda.

BETTY — Ajuda, sim. Eles não são animais.
*Giri entra pelo lado, o chapéu de Roma na cabeça.*

GIRI — Oi, vocês já estão aqui? O chefe está lá dentro. Ficará encantado. Infelizmente, eu preciso ir andando. E rápido. Antes que eu seja visto: roubei o chapéu de Givola. *Ele ri, fazendo cair reboco do teto, e sai, acenando.*

DULLFEET — É terrível quando estão bravos e pior quando riem.

BETTY — Não fale, Ignatius! Não aqui!

DULLFEET *amargo* — E nem em outro lugar...

BETTY — O que você quer fazer? Já comentam em Cícero que o Ui vai assumir o lugar do falecido Dogsborough. E, o que é pior, os quitandeiros pendem na direção do cartel da couve-flor.

DULLFEET — E duas impressoras minhas já foram destroçadas. Mulher, eu tenho um pressentimento ruim.
*Entram Givola e Ui com as mãos estendidas.*

BETTY — Como vai, Ui?

UI — Bem-vindo, Dullfeet!

DULLFEET — Para ser sincero, Sr. Ui, hesitei em vir, porque...

UI — Por quê? Um homem corajoso é sempre bem-vindo.

GIVOLA — Assim como uma mulher bonita!

DULLFEET — Algumas vezes, Sr. Ui, senti que seria minha obrigação tomar uma posição contra o senhor e...

UI — Mal-entendidos! Se nos conhecêssemos desde o início, nem teríamos chegado a esse ponto. Meu desejo sempre foi conseguir por bem o que tem que ser conseguido.

DULLFEET — A violência...

UI — ... ninguém a abomina mais do que eu. Ela não seria necessária se o ser humano tivesse bom senso.

DULLFEET — O meu objetivo...

UI — ... é idêntico ao meu. Nós dois desejamos que o comércio floresça. O pequeno quitandeiro, cuja sorte não é exatamente brilhante nestes tempos, tem que ter tranqüilidade para vender os seus produtos. E proteção, quando for atacado.

DULLFEET *com firmeza* — E decidir livremente se ele quer proteção. Esse é um ponto fundamental para mim, Sr. Ui.

UI — Para mim também. Ele tem que escolher livremente. E por quê? Porque só se ele escolher o seu protetor livremente, passando a responsabilidade para alguém de sua livre escolha, reinará a confiança que é necessária para o comércio de verduras, da mesma forma que em qualquer outro lugar. Sempre ressaltei isso.

DULLFEET — Estou contente em ouvir isso de sua boca. E mesmo correndo o risco de aborrecê-lo: Cícero jamais suportaria ser coagida.

UI — É compreensível. Ninguém suporta ser coagido sem necessidade.

DULLFEET — Para falar com franqueza: se uma fusão com o cartel da couve-flor significasse que toda essa corja sanguinária que atormenta Chicago seria levada para Cícero, eu jamais poderia concordar.
*Pausa.*

UI — Sr. Dullfeet, franqueza por franqueza. Pode ser que no passado tenham acontecido algumas coisas que não resistiriam se comparadas a um padrão moral mais rígido. Isso às vezes acontece quando há luta. Mas entre amigos não acontece. Sr. Dullfeet, o que eu quero do senhor é somente que a partir de agora tenha confiança em mim, e me veja como um amigo que não trai nem jamais abandona o amigo. E, para ser mais específico, que o seu jornal não publique mais essas histórias de terror, que só incitam à violência. Penso que não é pedir demais.

DULLFEET — Não é difícil calar sobre aquilo que não acontece, Sr. Ui.

UI — É o que eu espero. E, se de vez em quando houver um pequeno incidente, já que os homens são apenas homens e não anjos, espero que não saiam logo dizendo que andam atirando para o alto e que são bandidos. Também não quero afirmar que seja impossível um de nossos motoristas pronunciar uma palavra rude. É humano. E se esse ou aquele quitandeiro pagar uma cerveja a um ou outro dos nossos homens, para que lhe tragam couve com lealdade e pontualidade, também não quero que digam logo: estão exigindo o que não é de direito.

BETTY — Meu marido é humano, Sr. Ui.

GIVOLA — E conhecido como tal. E agora que tudo foi discutido pacificamente, e está tudo esclarecido, entre amigos, eu teria imenso prazer em lhes mostrar as minhas flores...

UI — Depois do senhor, Sr. Dullfeet.
*Eles vão conhecer a floricultura de Givola. Ui acompanha Betty, Givola acompanha Dullfeet. Eles vão aparecendo e sumindo por detrás dos arranjos de flores. Surgem Givola e Dullfeet.*

GIVOLA — Isto aqui, meu caro Dullfeet, são carvalhos japoneses.

DULLFEET — Vejo que florescem à margem de pequenos lagos redondos.

GIVOLA — Com carpas azuis vindo à tona para pegar as migalhas.

DULLFEET — Dizem que homens ruins não gostam de flores.
*Eles desaparecem. Surgem Ui e Betty.*

BETTY — O homem forte é mais forte sem violência.

UI — O homem só entende um motivo quando ele estoura.

BETTY — Um bom argumento opera milagres.

UI — Só não com alguém que tem que dar alguma coisa.

BETTY — A Browning e a coerção, as mentiras e os truques...

UI — Eu sou um homem da "Realpolitik".
*Desaparecem. Surgem Givola e Dullfeet.*

DULLFEET — As flores não conhecem instintos ruins.

GIVOLA — É por isso que eu as adoro.

DULLFEET — Vivem silenciosamente um dia após o outro.

GIVOLA *maliciosamente* — Sem aborrecimentos. Sem jornais — sem preocupações.
*Desaparecem. Surgem Ui e Betty.*

BETTY — Dizem, Sr. Ui, que o seu modo de vida é muito frugal.

UI — Minha ojeriza a tabaco e álcool é total.

BETTY — Vai ver que o senhor no fundo é um santo?

UI — Sou um homem que não conhece vícios.
*Desaparecem. Surgem Givola e Dullfeet.*

DULLFEET — É tão bom viver assim entre as flores...

GIVOLA — Seria bom se não houvesse também outras coisas!
*Desaparecem. Surgem Ui e Betty.*

Betty — E quanto à religião, Sr. Ui?

Ui — Sou cristão. Isso deve bastar.

Betty — Claro. Mas os dez mandamentos, a que nos apegamos?...

Ui — Não devem se intrometer no nosso dia-a-dia cinzento!

Betty — Perdoe-me se continuo incomodando: como o senhor vê a questão social?

Ui — Eu sou social, como se vê: às vezes também pego no pé dos ricos.
*Desaparecem. Surgem Givola e Dullfeet.*

Dullfeet — As flores também têm as suas vivências!

Givola — E como! Enterros! Enterros!

Dullfeet — Ah, esqueci. As flores são o seu ganha-pão.

Givola — Exatamente. A morte é o meu melhor cliente.

Dullfeet — Espero que o senhor não dependa dela.

Givola — Não daqueles que foram prevenidos.

Dullfeet — A violência nunca leva à fama, Sr. Givola.

Givola — Mas ao objetivo. As flores falam pela gente.

Dullfeet — Sem dúvida.

Givola — O senhor está tão pálido...

Dullfeet — É o ar.

Givola — Amigo, o senhor não suporta o perfume das flores.
*Desaparecem. Surgem Ui e Betty.*

Betty — Estou tão feliz que vocês agora estão se entendendo...

Ui — Desde que se saiba do que se trata...

Betty — Amizades que amadurecem ao vento e ao tempo...

Ui *pousa a mão sobre o ombro dela* — Gosto de mulheres que pensam rápido.
*Surgem Givola e Dullfeet, que está pálido como cal. Ele vê a mão de Ui sobre o ombro de sua mulher.*

Dullfeet — Betty, vamos indo.

Ui *aproxima-se dele, estendendo-lhe a mão* — A sua decisão honra o senhor, Sr. Dullfeet. Ela vem para o bem de Cícero. Que homens como nós dois tenham se encontrado, só pode ser um sinal favorável.

Givola *oferece flores a Betty* — Flores para uma flor!

Betty — Veja que esplendor, Ignatius! Estou tão feliz. Até breve, Sr. Ui!
*Eles saem.*

Givola — Pode ser que finalmente dê certo.

Ui *sombrio* — Esse homem não me agrada.
*Aparece um letreiro.*

## 13

*Atrás de um féretro, que está sendo carregado para o mausoléu de Cícero ao som dos sinos da igreja, seguem Betty Dullfeet em traje de luto, Clark, Ui, Giri e Givola, os dois últimos com duas grandes coroas nas mãos. Depois de depositar as suas coroas, Ui, Giri e Givola permanecem em frente ao mausoléu, de onde se ouve a voz do pastor.*

Voz — Que os restos mortais de Ignatius Dullfeet descansem aqui. Foi uma vida pobre em lucros, mas rica em esforços. Muitos esforços se vão junto com essa vida, esforços destinados não àquele que os despendeu e que agora se vai. O anjo da porta do céu colocará a mão sobre o ombro gasto do paletó de Ignatius Dullfeet e dirá: este homem carregou o peso de muitos homens. No conselho da cidade, durante as reuniões dos próximos tempos, sempre haverá um pequeno silêncio depois de todos terem falado. Vão esperar que Ignatius Dullfeet tome a palavra. Tão habituados estavam os seus concidadãos a ouvir o que ele tinha a dizer. É como se tivesse morrido a consciência da cidade. Pois este homem nos deixou em péssima hora, um homem que conhecia o caminho reto de olhos vendados, que sabia o direito de cor. Este homem pequeno, mas espiritualmente grande, fez de seu jornal um púlpito, de onde sua voz clara podia ser ouvida muito além das fronteiras da cidade. Ignatius Dullfeet, descanse em paz! Amém.

GIVOLA — Um homem de tato: nenhuma palavra sobre a maneira como ele morreu!

GIRI *usando o chapéu de Dullfeet* — Um homem de tato? Não. Um homem com sete filhos!
*Clark e Mulberry saem do mausoléu.*

CLARK — Diabos! Vocês estão de guarda para que a verdade não faça ouvir a sua voz nem junto ao caixão?

GIVOLA — Meu caro Clark, por que esse tom rude? O local em que o senhor se encontra deveria apaziguá-lo. Além disso, o chefe hoje não está de bom humor. Esse aqui não é um lugar para ele.

MULBERRY — Seus açougueiros! Esse Dullfeet manteve a sua palavra e calou sobre tudo!

GIVOLA — Calar não é suficiente. Precisamos de gente que não só esteja disposta a calar a nosso favor, mas também a falar a nosso favor, e isso alto e bom som!

MULBERRY — O que mais ele poderia dizer além de que vocês são açougueiros?

GIVOLA — Ele tinha que sumir, pois esse pequeno Dullfeet era o poro por onde o comércio de verduras transpirava de medo. E essa catinga de medo já não dava mais para agüentar!

GIRI — E a couve de vocês? Vai ou não vai para Cícero?

MULBERRY — Não por meio de matanças.

GIRI — Por meio do que, então? Quem é que também come do novilho que nós abatemos, hein? É disso que eu gosto: gritar por carne e xingar o cozinheiro porque ele anda com a faca! De vocês nós esperamos arrotos, não broncas! E agora, vão pra casa!

MULBERRY — Foi um dia negro esse em que você nos trouxe essa gente, Clark!

CLARK — Você diz isso para mim?
*Os dois partem, sombrios.*

GIRI — Não deixe esse bando estragar o seu prazer no enterro, chefe!

GIVOLA — Silêncio! A Betty vem vindo!
*Betty Dullfeet sai do mausoléu, apoiada em uma mulher. Ui vai ao seu encontro. Do mausoléu vem música de órgão.*

UI — Meus pêsames, Sra. Dullfeet!
*Ela passa por ele sem dizer palavra.*

GIRI *berra* — Pare! Senhora!
*Ela pára e olha para trás. Vê-se que está extremamente pálida.*

UI — Eu disse: meus pêsames, Sra. Dullfeet! Dullfeet, que Deus o tenha, não existe mais. Mas a couve da senhora ainda existe. É possível que não a veja, com a vista embaçada pelas lágrimas. Porém, o trágico incidente não deveria deixar que a senhora esqueça que há tiros sendo disparados traiçoeiramente por covardes à espreita contra pacíficos caminhões de verduras, e gasolina derramada por mãos perversas, estragando a verdura sempre tão necessária. Aqui estamos eu e o meu pessoal, oferecendo proteção. Qual é a resposta?

BETTY *olhando para o céu* — Ter que ouvir isso, quando o Dullfeet nem cinzas ainda não é.

UI — Só posso lamentar o incidente e assegurar: o homem, abatido por mão perversa, era meu amigo.

BETTY — É isso mesmo. E essa mão que o abateu é a mesma que pediu pela mão dele. A sua!

UI — De novo essa conversa, essa incitação e esses boatos maliciosos, que envenenam pela raiz as minhas melhores intenções de viver em paz com meus vizinhos! Esse não querer me compreender! Essa falta de confiança, quando eu confiei! Essa maldade de chamar de ameaças a minha tentativa de conquistar simpatia! Essa brusca rejeição da mão que eu estendo!

BETTY — Que o senhor estende para abater!

UI — Não! Cospem em mim, quando me empenho fanaticamente em cativar!

BETTY — Como a cobra se empenha em cativar o passarinho!

UI — Estão ouvindo? É isso que recebo em troca! Era assim que esse Dullfeet achava que a minha sincera oferta de amizade não passava de cálculo, que a minha generosidade era somente fraqueza! Pena! Em troca das minhas palavras de simpatia, o que foi que eu colhi? Um silêncio gelado! O silêncio foi a resposta, quando eu esperava um alegre consenso. E como eu esperei encontrar, em resposta aos meus constantes, quase humilhantes, pedidos de amizade, ou ao menos de simples compreensão, um sinal de calor humano! Esperei em vão! Em troca fui rechaçado, com um desprezo atroz! Até mesmo essa promessa de silêncio, que me foi dada de má vontade, foi quebrada na primeira oportunidade! Onde, por exemplo, está agora aquele silêncio fervorosamente prometido? Novamente se apregoam em todas as direções esses contos de terror! Mas eu previno: não confiem demais na minha paciência proverbial!

BETTY — Faltam-me as palavras.

UI — Elas sempre faltam quando o coração não fala.

BETTY — Então o senhor chama de coração o que o faz falar?

UI — Eu falo do jeito que eu sinto.

BETTY — É possível sentir assim como o senhor fala? Sim, eu acredito que sim! Eu acredito! As suas matanças vêm do coração! Os seus crimes nascem de um sentimento profundo, assim como em outros homens nascem as boas ações. O senhor crê na traição como nós na lealdade! É constante somente na inconstância! Não se corrompe por nenhuma emoção nobre! Inspirado pela mentira! Honesto pela fraude! Todo ato animal inflama o senhor! Fica entusiasmado ao ver sangue! Violência? O senhor respira aliviado! O senhor se emociona até as lágrimas diante de qualquer ação imunda. E diante de uma boa ação, o senhor sente profundo desejo de vingança e ódio!

UI — Sra. Dullfeet, é um princípio meu ouvir o meu adversário calmamente. Mesmo que ele me ofenda. Eu sei que em seu meio não é exatamente amor o que nutrem por mim. A minha origem — sou um simples filho do Bronx — é usada contra mim! "Aquele homem", dizem, "não sabe nem escolher o garfo certo para a sobremesa. Como é que ele vai querer se sair bem nos grandes negócios! Imagine se, no meio de uma conversa sobre tarifas, ou durante uma negociação financeira, ele, sem querer, pegar na faca! Não, isso não dá certo. Este homem não serve para nós". Por causa do meu tom rude, do meu jeito masculino de chamar as coisas pelo nome certo, querem logo me dar uma rasteira. Tenho, pois, o preconceito contra mim e assim me vejo na dependência exclusiva dos meus eventuais méritos pessoais que eu mesmo conquistei. Sra. Dullfeet, a senhora está no negócio da couve-flor. Eu também. E essa é a ponte entre mim e a senhora.

BETTY — A ponte! E o precipício entre nós, sobre o qual deverá ser construída a ponte, nada mais é que um assassinato sangrento!

UI — Experiências muito amargas me ensinaram que aqui não devo falar de ser humano para ser humano, mas sim como um homem influente para a proprietária de uma importadora. E eu pergunto: como vão os negócios da couve-flor? A vida continua, mesmo quando nos acontece uma desgraça.

BETTY — É, a vida continua, e eu quero aproveitá-la para dizer ao mundo que peste o assolou! Juro pelo morto que no futuro odiarei a minha voz se em vez de "bom-dia" ou "dêem-me comida" ela não disser somente uma coisa: "Acabem com o Ui!".

GIRI *em tom ameaçador* — Não se exalte, minha filha!

UI — Estamos entre túmulos. Sentimentos mais brandos seriam precipitados. Falo, pois, de negócios, que não conhecem a morte.

BETTY — Oh, Dullfeet, Dullfeet! Só agora me dou conta de que você não existe mais!

UI — Exatamente. Pense bem nisso, o Dullfeet não existe mais. E assim sendo, falta em Cícero a voz que se levantaria contra a atrocidade, o terror e a violência. Essa perda a senhora não pode lamentar o suficiente! A senhora se encontra desprotegida em um mundo frio, onde infelizmente o fraco sempre está roubado! A única e última proteção que lhe resta sou eu.

BETTY — É isso que o senhor diz à viúva do homem que o senhor assassinou? Monstro! Eu sabia que o senhor viria aqui, porque o senhor sempre aparece no lugar em que cometeu uma atrocidade para culpar um outro. "Eu não, o outro!" e "Não sei de nada!". "Fui prejudicado!", grita o prejuízo, e "Um assassinato! Vocês precisam vingá-lo", grita o assassinato.

UI — Meu plano é firme: proteção para Cícero.

BETTY *sem forças* — Nunca dará certo!

UI — Logo, logo. De um jeito ou de outro.

BETTY — Que Deus nos proteja do protetor!

UI — Então, qual é a sua resposta? *Ele lhe estende a mão.* Amigos?

BETTY — Nunca! Nunca! Nunca! *Apavorada, sai correndo.*
*Aparece um letreiro.*

## 14

*Quarto de Ui no Hotel Mammoth. Ui debate-se na cama, dominado por pesadelos. Sentados em cadeiras, com o revólver no colo, os guarda-costas.*

UI *no sono* — Sumam, sombras sangrentas! Tenham dó! Sumam!
*A parede atrás dele fica transparente. Aparece o espírito de Ernesto Roma, com um buraco de bala na testa.*

ROMA — E tudo isso de nada lhe adiantará. Toda essa matança, traição, ameaça e perdigoteiro, é tudo em vão, Arturo. Pois a raiz dos seus crimes está podre. Eles não vão florescer. A traição é mau fertilizante. Mate, minta! Engane os Clarks e acabe com os Dullfeets — mas detenha-se diante dos seus! Conspire contra o mundo, mas poupe os conspiradores! Arrase tudo com os seus pés, mas não arrase os próprios pés, seu infeliz! Minta na cara de todos, só não espere poder mentir também para a sua cara no espelho! Você bateu em você mesmo, quando bateu em mim, Arturo. Eu era afeiçoado a você quando você não passava de uma sombra num corredor de cervejaria. Agora estou aqui na eternidade assolada pelos ventos, e você acompanha os grandes senhores à mesa. A traição o levou ao topo, é a traição que o arrastará para baixo. Assim como você me traiu, seu amigo e lugar-tenente, você trairá a todos. E assim, Arturo, todos haverão de o trair. A terra verde cobre Ernesto Roma, mas a sua deslealdade não. Ela balança ao vento sobre os túmulos, bem visível para todos, mesmo para os coveiros. Vai chegar o dia em que todos aqueles que você abateu irão se levantar; e todos aqueles que você ainda vai abater, vão ressuscitar, Arturo, e vão se alistar contra você, um mundo se esvaindo em sangue, porém cheio de ódio; e você vai se ver só, olhando em volta à procura de auxílio. Foi assim que eu me vi. Então poderá ameaçar e suplicar, amaldiçoar e prometer! Ninguém vai ouvir! Ninguém me ouviu.

Ui *levantando-se num sobressalto* — Atirem! Ali! Traidor! Suma daqui, medonho!

*Os guarda-costas atiram no lugar da parede apontado por Ui.*

Roma *desvanecendo* — Podem atirar! O que restou de mim é à prova de balas.

## 15

*Centro da cidade. Assembléia dos quitandeiros de Chicago. Eles estão extremamente pálidos.*

Primeiro Quitandeiro — Assassinatos! Matanças! Extorsões! Arbitrariedades! Assaltos!

Segundo Quitandeiro — E pior: Tolerância! Submissão! Covardia!

Terceiro Quitandeiro — Que tolerância, que nada! Quando em janeiro dois deles entraram na minha quitanda dizendo "Mãos ao alto!", olhei-os dos pés à cabeça, e disse calmamente: meus senhores, eu só cedo perante a violência! Deixei bem claro que eu não tinha nada a ver com eles, e que de modo algum aprovava o seu comportamento. Tratei-os com a maior frieza. E o meu olhar lhes dizia: muito bem, ali está a caixa registradora — mas só por causa da Browning!

Quarto Quitandeiro — É isso mesmo! Eu lavo as minhas mãos! De qualquer jeito. Foi o que eu disse para a minha mulher.

Primeiro Quitandeiro *exaltado* — Quem falou em covardia? Foi um modo saudável de pensar. Ficando quieto e pagando, com os dentes rangendo, podia-se esperar que esses monstros parassem com os tiroteios. Mas que nada! Assassinatos! Matanças! Extorsões! Arbitrariedades! Assaltos!

Segundo Quitandeiro — Isso só acontece mesmo com a gente. Falta firmeza!

Quinto Quitandeiro — Melhor dizendo: falta a Browning! Eu vendo couve-flor. Não sou um gângster.

Terceiro Quitandeiro — A minha única esperança é que o cachorro se depare um dia com gente que lhe arreganhe os dentes. Deixa ele tentar fazer seu jogo em outro lugar!

Quarto Quitandeiro — Por exemplo, em Cícero!

*Surgem os quitandeiros de Cícero. Estão extremamente pálidos.*

Os Cidadãos de Cícero — Alô, Chicago!

Os Cidadãos de Chicago — Alô, Cícero! Vocês por aqui?

Os Cidadãos de Cícero — Fomos convocados.

Os Cidadãos de Chicago — Por quem?

Os Cidadãos de Cícero — Por ele.

Primeiro Cidadão de Chicago — Como é que ele pode convocar vocês? Como é que pode mandar em vocês? Como é que pode mandar em Cícero?

Primeiro Cidadão de Cícero – Com a Browning.

Segundo Cidadão de Cícero — Cedemos com a violência.

Primeiro Cidadão de Chicago — Maldita covardia!. Vocês não são homens? Não existem juízes em Cícero?

Primeiro Cidadão de Cícero — Não.

Terceiro Cidadão de Cícero — Não, não mais.

Terceiro Cidadão de Chicago — Ouçam, vocês têm que se defender! Essa peste negra tem que ser impedida! Vocês querem que o país seja corroído por essa pandemia?

Primeiro Cidadão de Chicago — Primeiro uma cidade, e depois a outra! Vocês devem ao país uma guerra até as últimas conseqüências!

Segundo Cidadão de Cícero — Por que justamente nós? Lavamos as nossas mãos.

Quarto Cidadão de Chicago — E esperamos que o cachorro, que Deus permita, ainda encontre alguém que lhe arreganhe os dentes.
*Ao som de fanfarras, surgem Arturo Ui e Betty Dullfeet (de luto), seguidos de Clark, Giri, Givola e guarda-costas. Ui passa pelo meio. Os guarda-costas colocam-se a postos no fundo.*

Giri — Oi, crianças! Estão aí todos de Cícero?

Primeiro Cidadão de Cícero — Sim senhor.

Giri — E de Chicago?

Primeiro Cidadão de Chicago — Estão.

Giri *para Ui* — Estão todos presentes.

Givola — Sejam bem-vindos, quitandeiros! O cartel da couve-flor cumprimenta-os com prazer. *Para Clark* — Por favor, Sr. Clark.

Clark — Eu tenho uma novidade para transmitir aos senhores. Depois de semanas de negociações nem sempre fáceis — desculpe a sinceridade — o grande atacadista local, B. Dullfeet, associou-se ao cartel da couve-flor. Assim sendo, os senhores passarão a receber os seus produtos através do cartel da couve-flor. O lucro que os senhores terão salta à vista: maior segurança nas entregas. Os novos preços, ligeiramente aumentados, já foram fixados. Sra. Betty Dullfeet, quero cumprimentá-la como novo membro do cartel, com um aperto de mão. *Clark e Betty Dullfeet apertam-se as mãos.*

Givola — Com a palavra Arturo Ui.
*Ui coloca-se diante do microfone.*

Ui — Cidadãos de Chicago, cidadãos de Cícero! Amigos! Compatriotas! Quando o velho Dogsborough, um homem honesto, que Deus o tenha, há um ano me procurou, com lágrimas nos olhos, pedindo-me para proteger o comércio de verduras de Chicago, fiquei emocionado, mas duvidei de minha capacidade de fazer jus a tamanha confiança. Muito bem, Dogsborough está morto. O seu testamento se encontra à disposição para quem quiser lê-lo. Ele simplesmente me chama de seu filho. E agradece, profundamente emocionado, por tudo que fiz desde aquele dia em que atendi ao seu chamado. O comércio de verduras, seja couve-flor, seja salsinha, cebolas ou sei lá o que, tem hoje plena proteção em Chicago. E me atrevo a dizer que foi pela ação determinada de minha parte. Quando então, inesperadamente, um outro homem, Ignatius Dullfeet, me fez o mesmo pedido para Cícero, estava disposto a igualmente tomar Cícero sob minha proteção. Somente impus uma condição desde o início: esse tem de ser o desejo dos quitandeiros! Quero ser chamado por livre escolha. Deixei bem claro para o meu pessoal: não quero que forcem Cícero! A cidade tem toda a liberdade de me eleger! Não quero um "muito bem" de má vontade, nem um "pois não" entre dentes. Tenho ojeriza à concordância sem entusiasmo. O que eu exijo é um alegre "sim!", breve e categórico, homens de Cícero. E porque eu quero isso, e quando quero, quero mesmo, outra vez pergunto a vocês. Gente de Chicago, vocês que me conhecem melhor e, como posso supor, realmente me apreciam. Quem é a meu favor? E quero mencionar de passagem: quem não for a meu favor, é contra mim e terá que se responsabilizar pelas conseqüências dessa atitude. Agora vocês podem eleger!

Givola — Mas antes que vocês elejam, ouçam a Sra. Dullfeet, que todos vocês conhecem, a viúva de um homem que era caro a todos vocês!

Betty — Amigos! Já que agora o amigo de todos vocês, o meu querido marido Ignatius Dullfeet, não mais está entre nós...

Givola — Que descanse em paz!

Betty — ... e já não pode mais ser um apoio para vocês, aconselho que depositem a sua confiança no Sr. Ui, como eu mesma fiz, agora que eu, nestes tempos tão difíceis para mim, pude conhecê-lo melhor e mais de perto.

Givola — Vamos à votação!

Giri — Quem for a favor de Arturo Ui: mãos para cima!
*Alguns levantam as mãos imediatamente.*

Um Cidadão de Cícero — Também é permitido ir embora?

Givola — Cada um pode escolher livremente o que quer fazer.
*O cidadão de Cícero sai, hesitante. Dois guarda-costas o seguem. Logo após, ouve-se um tiro.*

Giri — E agora, quanto a vocês, qual é a sua livre decisão?
*Todos levantam as mãos, as duas mãos.*

Givola — A eleição terminou, chefe. Os quitandeiros de Cícero e de Chicago agradecem, emocionados e trêmulos de alegria, pela sua proteção.

Ui — Aceito com orgulho o agradecimento de vocês. Quando, há quinze anos, como um simples filho do Bronx, desempregado, saí para ganhar Chicago, seguindo o chamado do destino, acompanhado de somente sete homens fortes, era meu firme desejo trazer paz para o comércio de verduras. Naquela época não éramos mais que um pequeno grupo, cujo simples porém fanático desejo era justamente essa paz! Agora são muitos. E a paz no comércio da couve-flor de Chicago já não é mais um sonho e sim crua realidade. E para garantir essa paz, eu dei ordens que se comprem hoje mesmo novas metralhadoras Thompson e carros-tanque e naturalmente tudo o mais que se possa conseguir em pistolas Browning, cassetetes, etc., pois clamam por proteção não só Cícero e Chicago, mas também outras cidades: Washington e Milwaukee! Detroit! Toledo! Pittsburg! Cincinnati!, onde também há comércio de couve-flor. Flint! Boston! Filadélfia! Baltimore! St. Louis! Little Rock! Minneapolis! Columbus! Charleston! E Nova York! Todas reclamam proteção! E nenhum "Uuh!" e nenhum "Isto não se faz!" vai impedir o Ui!
*Ao som de fanfarras fecha-se a cortina. Aparece um letreiro.*

## EPÍLOGO

*Vocês, porém, aprendam como se vê em vez de olhar fixo, e como agir em vez de falar e falar. Uma coisa dessas chegou quase a governar o mundo! Os povos conseguiram dominá-lo, porém, que ninguém saia por aí triunfando precipitadamente — é fértil ainda o colo que o criou!*